



Guia:
Lei nº 11.645/08
**EDUCAÇÃO PARA
AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS**
Volume 02



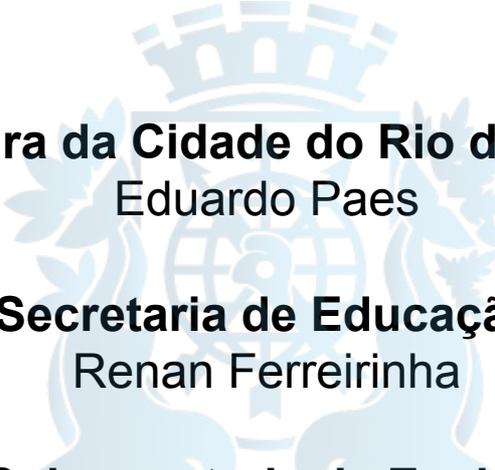
Carta aos educadores

O segundo volume do Guia Educação para as Relações Étnico-Raciais dá continuidade à política de equidade racial da nossa Rede de Ensino, via investida em recursos pedagógicos, desta vez com foco na Lei 11.645/08, que atualiza as demandas da Lei 10.639/03 para instituir a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas indígenas no currículo escolar. A ideia de fazer o material em separado das questões afro-brasileiras foi intencional, justamente para que pudéssemos ouvir e valorizar as reivindicações específicas de cada grupo social protagonista das conquistas legais. Como resultado de ampla pesquisa e a curadoria de diversificado material pedagógico, apresentamos um instrumento alinhado às premissas do Currículo Carioca e aos Materiais Rioeduca, em observância à coerência pedagógica que estrutura a política educacional da nossa Rede.

Com este material, evidenciamos o compromisso de resgatar a ancestralidade indígena da nossa cidade, reconhecendo suas memórias e marcas. Nosso desejo é que os profissionais se sintam provocados à reflexão-ação, levando essas propostas para as suas práticas cotidianas.

Trata-se, portanto, de mais uma oportunidade para dialogarmos com saberes da diversidade étnico-racial, diante do seu reconhecimento, valorização e celebração.

Cordialmente,
Renan Ferreirinha.



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Eduardo Paes

Secretaria de Educação

Renan Ferreirinha

Subsecretaria de Ensino

Adriano Carneiro Giglio

Gerência de Relações Étnico-Raciais

Joana Elisa Costa Oscar

Erika Cristina de Almeida Costa

Fernanda Nascimento Crespo

Luciana Guimarães Nascimento

Maria Daniela de Santana

Pâmela Souza da Silva

Taiana Costa Cardoso

Thayssa Menezes e Silva

Educação

Design

Thayssa Menezes e Silva

Diagramação

Luciana Guimarães Nascimento

Curadoria

Pâmela Souza da Silva

Revisão de Conteúdo

Joana Elisa Costa Oscar

Júlia Otomorinhori'õ Xavante

Gina Paula Capitão Mor

Fernanda Nascimento Crespo

Luciana Guimarães Nascimento

Pâmela Souza da Silva

Pesquisa e Elaboração

Erika Cristina de Almeida Costa

Fernanda Nascimento Crespo

Luciana Guimarães Nascimento

Maria Daniela de Santana

Pâmela Souza da Silva

Taiana Costa Cardoso

Thayssa Menezes e Silva

Elaboração das Atividades

Ana Carolina Siqueira Veloso

Ana Cristina da Costa Alves

Bruno Melgaço Carolino

Camila da Rocha Galvão Oliveira

Eliane Linhares da Silva

Érica Aragão de Menezes

Erika Regina de Lima Ferreira

Fernanda Nascimento Crespo

Gisele Umbelino da Silva Santos

Jessica Pires Teixeira de Carvalho

Jussara Oliveira Neves

Levi Puri

Lilian Morgana Alves Silva

Luana Cristina Farnesi Ferreira

Luciana Guimarães Nascimento

Pâmela Souza da Silva

Queiti Cristina Pereira da Silva

Rachel Nascimento da Rocha

Samanta dos Santos Alves

Taiana Costa Cardoso

Thaiana Ivia da Costa e Silva Pereira

Thamyres Aparecida da Silva

Guia

Educação para as Relações Étnico-Raciais

Lei nº 11.645/08

Volume 2

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------|-----|
| Para Começar | 06 |
| Introdução | 07 |
| Territórios | 12 |
| Questões Frequentes | 34 |
| Representações Positivas | 37 |
| Questões Frequentes | 56 |
| Multilinguagens | 59 |
| Questões Frequentes | 87 |
| Erer na Prática | 90 |
| Anexo | 140 |
| Referências | 144 |



Para começar...



EQUIDADE RACIAL PARA POTENCIALIZAR EXISTÊNCIAS



**Fernanda
Kaingáng**

**Joana
Oscar**

03 de Junho

15h - Canal MultiRio



Fernanda Kaingang, diretora do Museu Nacional dos Povos Indígenas, foi a convidada da Gerência de Relações Étnico-Raciais para a mesa de abertura da IV Jornada da GERER, “**Erer em ação - caminhos e perspectivas para futuros possíveis**”, em 2024.

Durante a conversa, Fernanda destacou a importância de políticas de equidade racial, tendo em vista as potencialidades (re)educadoras para as Relações Étnico-Raciais dos espaços escolares, na relação com os territórios, e dos espaços museais e demais lugares de memória indígena e afro-brasileira da cidade do Rio de Janeiro.

Clique na imagem ou aponte o celular para assistir!





INTRODUÇÃO

*Estamos escrevendo os livros que deveríamos ter lido
estamos retirando palavras do chão batido
estamos acordando canções ancestrais,
raiva e amor contido
por amor a nós mesmos
gentes
não de Primeiro Mundo,
mas de Mundos Primeiros.
(Ellen Lima Wassú, 2023)*

A Educação para as Relações Étnico-Raciais nos faz um chamado à autonomia narrativa: somos nós que agora contamos nossas histórias, rompendo com as narrativas impostas, retomando saberes e experiências que, embora marginalizados, carregam profundidade e verdade.

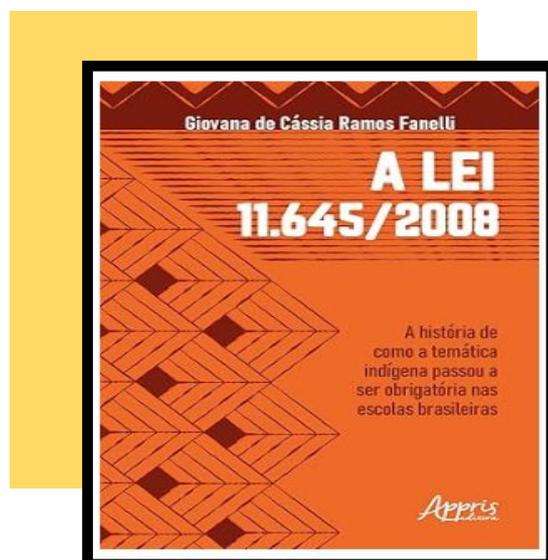
Diante disso, desejamos que esse “Guia Erer Lei nº 11.645/08” venha contribuir com a educação carioca de forma singular, inspirando os nossos professores e estudantes a ver, ouvir, sentir e viver a Educação para as Relações Étnico-Raciais do ponto de vista narrado pelos povos originários e afro-brasileiros. Como já sabemos, a história precisa ser retomada, repensada, reconhecida e valorizada a partir dos saberes, culturas e ensinamentos ancestrais.

Mesmo que não possamos mudar um passado marcado por injustiças, expropriações de vidas e territórios, podemos percorrer outros caminhos, novos modos de ser e fazer em um contexto escolar pluriétnico. Almejamos que a nossa educação, para além dos escritos que nos colonizaram, proporcione experiências com a oralidade, o corpo, o sentir e a natureza, escutando as cosmovisões dos anciões, griot, sábios. A nossa história ancestral pulsa em cada território da cidade do Rio de Janeiro.

A partir da promulgação da Lei n.º 11.645, em 10 de março de 2008, a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, primeiramente alterada no Art.26-A pela Lei n.º 10.639/03, passa a incluir no ensino da Educação Básica a “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, demarcando um lugar histórico e legítimo dos povos originários no sistema educacional brasileiro.

Assim como a Lei n.º 10.639/03 emerge das reivindicações do Movimento Negro brasileiro, a Lei n.º 11.645/08 surge a partir da luta do Movimento Indígena, mais precisamente de professores indígenas. Demarcada em um momento político de reconhecimento da necessidade de efetivação de políticas públicas educacionais inclusivas, a aprovação da Lei em 2008 ocorreu após amplo debate e tramitação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

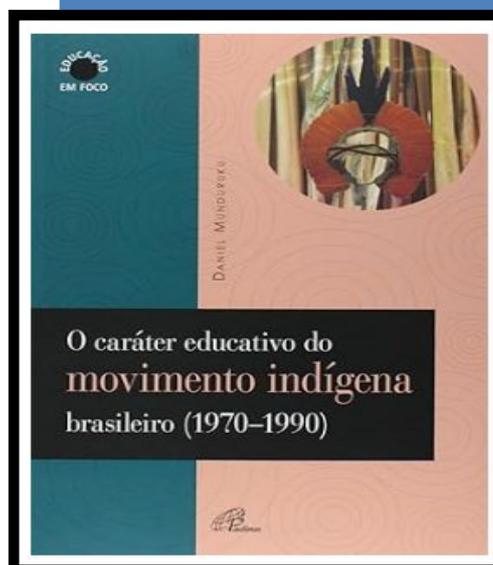
Fanelli (2021) apresenta estudos acerca do processo dessa luta histórica do Movimento Indígena, rastreando o seu percurso e contexto. A autora destaca a realização de um intenso levantamento de fontes sob um referencial teórico-metodológico marcado pelo multiculturalismo crítico. Ressalta ainda diversos encontros de professores indígenas, assim como extensa leitura da bibliografia de indigenistas e historiadores, analisando, também, a tramitação da Lei através da escuta de áudios e vídeos das comissões parlamentares.



Daniel Munduruku (2012) destaca o caráter educativo do Movimento Indígena brasileiro, objetivando uma melhor compreensão das lutas desse movimento, especialmente, no período de 1970 a 1990. Apresentando atualizações desse processo a partir do posicionamento dos indígenas ao longo do tempo, e as transformações ocorridas, alguns marcos históricos são destacados pelo autor, inclusive em períodos anteriores, com a criação de órgãos direcionados aos direitos dessa população. Conquistas como o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1910, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 1967, a atual Constituição Federal - Carta Magna, em 1988, possibilitaram, entre outras coisas, a demarcação de terras indígenas.

Esse movimento evidencia como se deu o processo civilizatório dos povos indígenas ao longo da história brasileira, possibilitando uma melhor compreensão sobre a relação de desumanização estabelecida com esse grupo social desde a chegada dos colonizadores em território brasileiro.

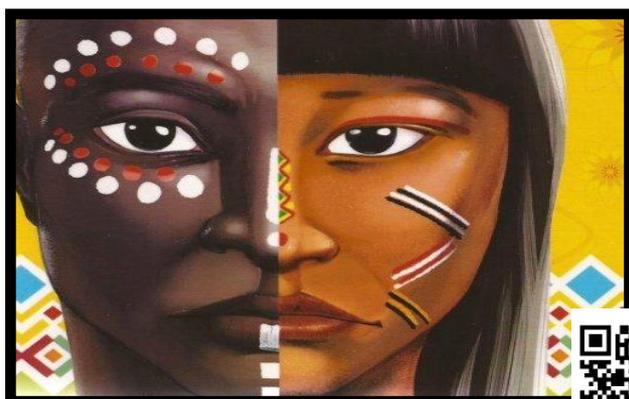
A luta do Movimento Indígena foi para combater estereótipos atribuídos às suas populações, em busca de romper com a visão eurocêntrica que classifica sua cultura como inferior e, por isso estaria fadada ao desaparecimento.



Conforme Munduruku (2012) apresenta, os professores indígenas que participaram da mobilização coletiva pela conquista de direitos, devem ser ouvidos e ter sua importância reconhecida. Isso reforça a importância de entendermos a história a partir do ponto de vista de quem a viveu, priorizando as narrativas em primeira pessoa. Caminho este que convida para mudanças em nossas práticas nos espaços escolares.

PARA SABER MAIS

Consulte o texto da Lei nº 11.645/08 - que estabelece o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo das escolas de educação básica em território nacional.



Após 37 anos do ato na Constituinte, marcado por um discurso-denúncia de uma liderança do Movimento Indígena, Ailton Krenak, foi assinalada a luta dos povos indígenas em relação à garantia e reconhecimento aos direitos às terras que habitam em território brasileiro. Ainda acompanhamos nos dias atuais, como é desafiadora a luta pela demarcação das terras e existência dessas populações com suas culturas e tradições.

Rememorando...

Assembleia Nacional Constituinte (1987)



Fonte: Portal Geledés.



Ailton krenak no ato de protesto, em 04 de Setembro de 1987, durante a Assembleia Nacional Constituinte, pintou o rosto com jenipapo.

“Eu não sou mais do que um, mas eu posso invocar os 300. Nesse caso, os 305 povos que nos últimos 30 anos do nosso país passaram a ter a disposição de dizer “estou aqui”.
(Krenak, 1987)

Diante dos pontos demarcadores da Lei n.º 11.645/08, nas páginas a seguir apresentaremos possibilidades de desdobramentos da pauta indígena no currículo escolar. Os conhecimentos abordados em nosso Guia Erer volume 2, partem dos eixos: Territórios, Representações Positivas e Multilinguagens. Investimos na interdependência entre eles, destacando possibilidades de atividades práticas que favoreçam os debates sobre o que institui a Lei nº11.645/08 na prática cotidiana.

Territórios



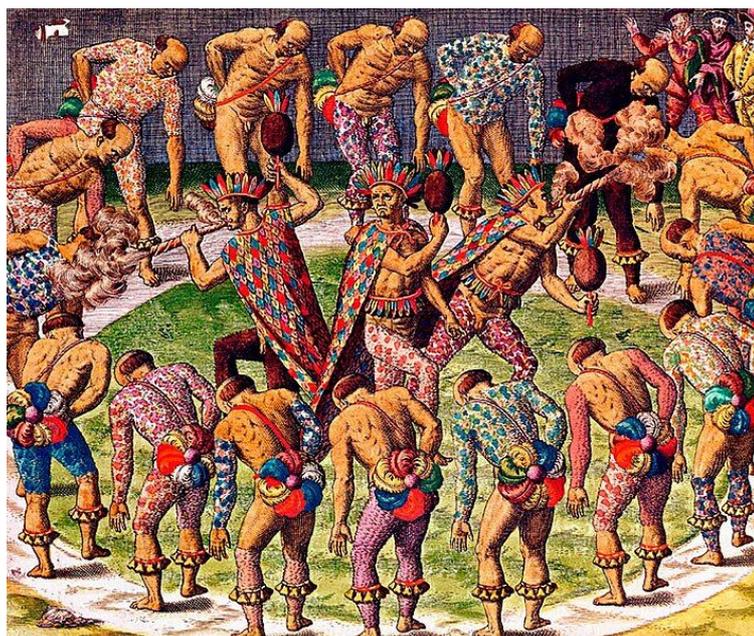
Guia:

EDUCAÇÃO PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lei 11.645/08

A presença de povos originários, em suas múltiplas possibilidades de ser e estar, seguem como uma marca indelével da cidade do Rio de Janeiro. Apesar das estruturas coloniais que buscaram invisibilizar importantes partes das nossas histórias e culturas, passado e presente indígena marcam os territórios integrantes das 11 Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), que compõem nossa Rede de Ensino. Nessa seção, buscaremos estimular o reposicionamento do olhar para os territórios, evidenciando especialmente referências nativas, para além, e apesar, das investidas colonizadoras.

Fundamental para o levantamento aqui apresentado, Rafael Freitas, na obra *Rio Antes do Rio* (2019), sistematiza importantes dados relativos à organização e experiências de povos tupinambás no século XVI, revelando o desenvolvimento de uma enorme nação Tupinambá composta de numerosas **tabas** (aldeias indígenas) solidárias, espriadas por todo o entorno, e caminhos a dentro, da Baía de Guanabara. As aldeias eram interligadas por **peabirus**, ou seja, caminhos ancestrais, que mais adiante se tornaram estradas, ruas e, ainda hoje, dão o sentido de grandes avenidas que atravessam nossa cidade.



O manto tupinambá sendo utilizado por pajés em rituais indígenas.jpg

Fonte: <https://abrir.link/yKHvO>

Os assentamentos indígenas revelavam a importância dos cursos dos rios para a ocupação e organização do território. Era muito comum que as tabas fossem identificadas pelas alcunhas de seus líderes principais, **morubixabas**. Estes, geralmente tinham como referências as espécies animais e vegetais que os inspiravam na construção de virtudes. Assim, identificar essas aldeias e suas lideranças é também um caminho para se compreender a história de nossa fauna e flora, e para refletirmos sobre formas interdependentes de relação com todos os seres vivos.

O Rio em Tabas: Dados de ancestralidade Tupinambá por Coordenadorias de Educação (CRE).

Clique no nome da taba e saiba mais. 



“Cria” do Complexo da Maré, a rapper, compositora, escritora e atriz Kaê Guajajara, compôs a canção “Território Ancestral”



“Deixei meu cocar no quadro
Retrato falado, escrevo daqui
Num apagamento histórico
Me perguntam como eu cheguei aqui
A verdade é que eu sempre estive
Vou te contar uma história real”

Território Ancestral.
Patrick Dias Couto / Kaê Guajajara



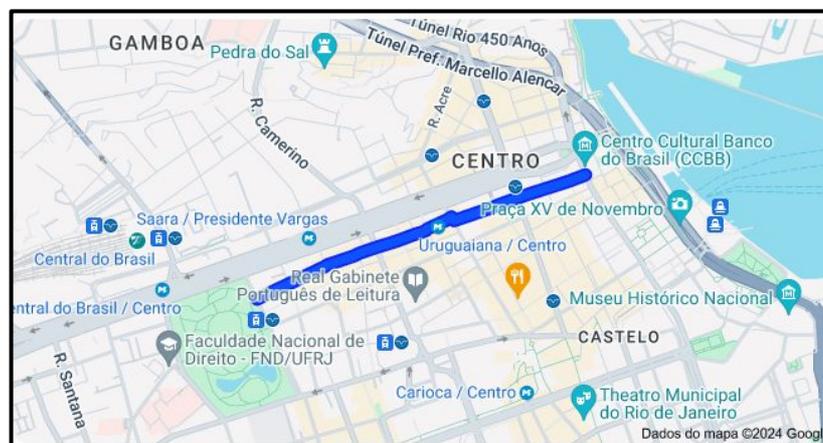
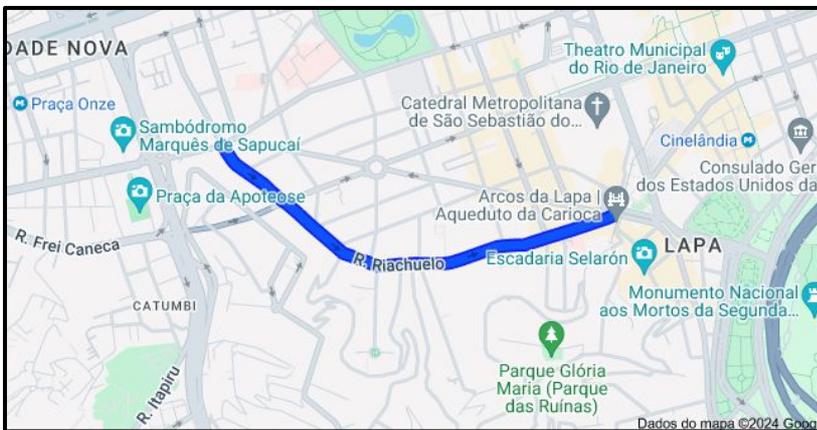
[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Gûyragûasu'unaê

O **Centro do Rio** de hoje era a taba *Gûyragûasu'unaê*. Essa aldeia Tupinambá se estendia pelos arredores do Morro do Castelo e pesquisas arqueológicas recentes indicam que a Igreja de Nossa Senhora do Carmo foi construída sobre seus escombros. A comunidade chamava-se *Gûyragûasu'unaê* em alusão ao nome de um respeitado líder tupinambá que, por sua vez, era uma referência à *gûyragûasu'uma*, “ave grande”, expressando a admiração dos tupinambás pelas habilidades de caça da ave, também conhecida como harpia.

Dois peabirus muito importantes para a expansão da cidade, partiam de *Gûyragûasu'unaê*. Conhecidos como “**trilhas-mães**”, um desses peabirus saía em direção à atual região da Lapa, de onde se bifurcava a caminho das terras das tabas *Karióka* (atuais bairros do Flamengo, Laranjeiras, Largo do Machado, Catete e Glória) e *Jabebiracica* (Tijuca, São Cristóvão e Rio Comprido, atualmente); e outro a ligava diretamente à *Jabebiracica*. Hoje, tais rotas correspondem a trechos da **Rua Riachuelo** e **Rua da Alfândega** e **proximidades do Sambódromo**, de onde avançava-se rumo à *Jabebiracica*, região dos rios Joana, Maracanã, Trapicheiros e Comprido, passando pelos atuais bairros da Cidade Nova, Estácio, Catumbi, Rio Comprido e Tijuca.

Veja abaixo o trajeto das atuais ruas Riachuelo e Alfândega.



Fonte: Google Maps

PARA SABER MAIS

*E o Rio de Janeiro continua ...
indígena!*

 Rio Multicultural - report...   
multirio.rio.gov.br



— O carioca deve boa parcela de sua identidade aos Tupinambá e Temiminó.



“O carioca deve boa parcela de sua identidade aos Tupinambá e Temiminó: eles ergueram fortalezas; construíram o Aqueduto da Carioca (atual Arcos da Lapa)...”



“A Aldeia Vertical e a Horta Dja Guata Porã são esforços táticos de ocupar, habitar, plantar e ensinar em um condomínio do Programa Minha Casa Minha Vida, no centro do Rio de Janeiro, onde convivem diferentes etnias.”

Jabebiracica

[Clique aqui para
retornar
ao mapa.](#) 

Seguindo o curso do **Rio Comprido** e seus afluentes, a aldeia tupinambá de *Jabebiracica* se estendia pelos atuais bairros da **Tijuca** e **Maracanã** até **São Cristóvão**. Esta taba ocupava uma área privilegiada entre praia e rios da região. Praia? Sim! Por ter sido aterrada, é até difícil de imaginar, mas o bairro de São Cristóvão está localizado em uma área litorânea de nossa cidade.

Jabebiracica, ou *Íabebyra-asyka*, que na etimologia da palavra significa “arraia-cortada” ou “arraia-cotó”, era como nossos ancestrais tupinambás chamavam o hoje popularmente conhecido peixe-violão, ou peixe-guitarra. Mas também era a alcunha do destacado morubixaba desta aldeia, escolhida em referência aos atributos dessa espécie admirada pelos tupinambás e tão presente na região.

Devido a sua localização, *Jabebiracica* tornou-se estratégica para as relações entre as tabas que existiam no território da atual cidade do Rio de Janeiro e, não havia possibilidade de investida europeia em nosso território no século XVI sem articulações com o povo de *Jabebiracica*.

A dominação portuguesa em nosso território precisou enfrentar persistente resistência dos habitantes de *Jabebiracica*, que segundo Freitas (2019), chegaram a constar em registros históricos como “nativos não subjugados”. Apesar do avanço luso-temiminó, como sabemos, foi na região desta taba que ocorreu a última batalha da disputa pelas terras da Guanabara em 1567.

Curiosidade...

Peixe-Violão

O peixe-violão é um peixe marinho que tem um corpo que combina características de tubarões e arraias, com um formato alongado e achatado, lembrando um violão ou uma guitarra, o que dá origem ao seu nome comum.

Costuma habitar áreas costeiras e fundos arenosos ou lamacentos, muitas vezes em profundidades moderadas.

É encontrado em várias regiões tropicais e subtropicais ao redor do mundo, incluindo o Oceano Atlântico.

Devido à pesca excessiva e à destruição de habitats marinhos, várias espécies de peixe-violão estão ameaçadas ou vulneráveis à extinção.

Eles são capturados frequentemente como pesca acidental ou para consumo de carne e extração de cartilagem.



Fonte: <https://abrir.link/VYMBV>



Fonte:

<https://abrir.link/zlylS>

José Urutau Guajajara é uma figura central na luta pelos direitos dos povos indígenas no Rio de Janeiro. Nascido e criado na Aldeia Guajajara, no estado do Maranhão, mudou-se para o Rio ainda jovem em busca de educação e oportunidades profissionais. Em 2006, integrou um grupo de indígenas de diferentes etnias que deu origem à Aldeia Maracanã, ocupando o prédio abandonado do antigo Museu do Índio, próximo ao Estádio do Maracanã. Apesar das diversas remoções enfrentadas, a Aldeia Maracanã permanece no local, onde desenvolve o projeto da Universidade Indígena Pluriétnica Aldeia Marakanã.

José atua como pesquisador em linguística no Museu Nacional da UFRJ e também como professor da língua ze'egté e cultura indígena. Ele reside no Centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Caiuré (CESAC), situado em Tomás Coelho, que funciona como um espaço comunitário para a população indígena urbana.



PARA SABER MAIS

*E o Rio de Janeiro continua ...
indígena!*

Marakanã REXISTE BLOG LIVROS PODCAST ATIVIDADES APOIAR



Aldeia Marakanã: Uma aldeia indígena pluriétnica na cidade do Rio.

**Maraka Piningatu
(Língua Ze'egete)**

Maraka Piningatu, Maraka'ná iwara hê
Maraka Piningatu, Maraka'ná iwara hê
Maraka'ná iwara hê hê, Maraka'ná
iwara hê hê
Maraka'ná iwara hê hê, Maraka'ná
iwara hê hê
Maraka mupupá wá, Maraka mupupá
wá,
Maraka Piningatu, Maraka'ná iwara hê
Maraka Piningatu, Maraka'ná iwara hê
Maraka'ná iwara hê hê, Maraka'ná
iwara hê hê
Maraka'ná iwara hê hê, Maraka'ná
iwara hê hê
Tentehar wà ne hâ, Tentehar wà ne hâ

OUÇA AQUI:



**O maracá mais bem pintado
(Língua Portuguesa)**

O maracá mais bem pintadinho é
o do Maracanã
O maracá mais dançante é o do
Maracanã
É o do Maracanã hê hê, é o do
Maracanã hê hê
É o do Maracanã hê hê, é o do
Maracanã hê hê
O som do maracá é nosso, o som
do maracá é nosso
O maracá mais bem pintadinho é
o do Maracanã
O maracá mais dançante é o do
Maracanã
O maracá mais bem pintadinho é
o do Maracanã
O maracá mais dançante é o do
Maracanã
Esse canto é dos Tentehar, esse
canto é dos Tentehar

GUAJAJARA, Potyra Krikati e GUAJAJARA,
Urutau (Org.) Tentehar muze'eg uze'eg
ze'egar haw e'e: Cantos e encantos. Rio de
Janeiro: Aldeia Maracanã; Cesac, I-motirõ,
2022.

Conheça os povos indígenas do Brasil:



Karióka

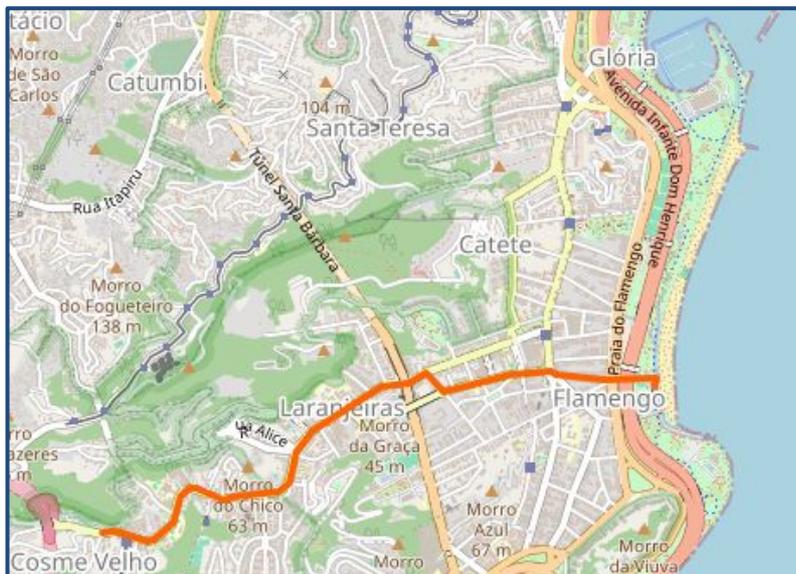
[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Era o nome de uma grande comunidade tupinambá estabelecida na região que corresponderia, atualmente, aos bairros do Flamengo, Laranjeiras, Largo do Machado, Catete e Glória. Foi nessa região que, em 1567, Uruçumirí liderou a resistência contra o avanço português, na batalha que ficou conhecida por seu nome, ocorrida nas proximidades do atual morro do Outeiro da Glória, quando uma flechada certa atingiu os olhos de Estácio de Sá.

A presença da taba *Karióka* era tão expressiva até o século XVI que passou a dar nome ao rio, em cujas margens podiam ser notadas enormes malocas, que comportavam cerca de 200 pessoas. E sabe-se que, por volta de 1550, o morubixaba Iapiró-ijúb, o Calvo, era uma importante liderança da aldeia.

Karióka, “a casa dos carijós”, portanto, é uma palavra que tem origem cultural tupinambá, antecedendo em muitas gerações as invasões europeias, ao contrário do que afirma a versão mais difundida, e eurocentrada, sobre sua origem etimológica.

Observe, abaixo, o trecho do rio ao redor do qual se estabeleceu a aldeia *Karióka*:



Fonte: <https://abrir.link/pxdsO>

VOCÊ SABIA?

Dia 20 de janeiro ficou estabelecido, pela Lei n.º 7.735/22, como o Dia da Memória e Cultura Tupinambá. Esta data compõe o Calendário Oficial da Cidade consolidado pela Lei n.º 5.146/2010.

PARA SABER MAIS

Território UruçuMirim: Um Marco Cultural Carioca no Coração do Rio de Janeiro

@ Anapuaka Tupinamba Hãhãhãe 📅 dezembro 10, 2023 ⌚ 6:22 pm 💬 4 Comentários



Com apoio transpartidário, essa iniciativa marca um passo significativo para um Rio mais inclusivo e culturalmente diversificado

“No cenário urbano da cidade do Rio de Janeiro, uma nova iniciativa legislativa deve redefinir a relação entre o espaço, a cultura e a história do município. (...) se destaca o “Território UruçuMirim”, uma área que promete ser um marco cultural na cidade carioca.”

Foco na Prática

Professor, no bairro de Botafogo, zona sul da cidade, está localizado o Museu Nacional dos Povos Indígenas. Que tal levar os estudantes para conhecerem esse espaço?



Pirakãiopã

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

A taba *Pirakãiopã* se localizava no litoral dos atuais bairros do **Complexo da Maré, Bonsucesso**, parte de **Ramos** e de **Inhaúma**. Seu nome fazia referência a um peixe nobre, de grandes dimensões, outrora muito comum nos rios de nossa cidade. Mais conhecido hoje como piracanjuba, essa espécie era abundante em rios como **Faria, Timbó e Jacaré**, que banham localidades da atual **Zona Norte**.

Pirakãiopã era uma espécie de piracanjuba (peixe de água doce), que possuía espinhas utilizadas como defesa contra predadores, característica admirada pelos tupinambás e aplicável em casos de guerra. Como era comum, é provável que o nome dessa aldeia fosse também uma menção ao líder dos tupinambás da atual Zona Norte da cidade, que respondia pela mesma alcunha, carregada do significado de “Piracanjuba Guerreiro”.

PARA SABER MAIS

*E o Rio de Janeiro continua ...
indígena!*



Fonte: Messias/Data_Labe In: <https://abrir.link/OTxXm>

Eirámiri

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

O bairro de **Manguinhos** já foi a taba tupinambá de *Eirámiri*. O nome, que significa “abelha miúda”, era uma referência à espécie hoje conhecida como abelha-cachorro, cujo mel era muito apreciado pelos tupinambás e utilizado tanto para alimentação quanto como cola em atividades ritualísticas.

Estima-se que o guerreiro Uruçumirí, líder de uma das batalhas mais importantes do contexto de fundação do Rio de Janeiro, ocorrida na região da aldeia *Karióka* (Veja a pág. 21) tenha relações com essa taba. Seu nome, acrescido de “miri” (pequeno), também se trata de menção a um outro tipo de abelha, sem ferrão, que produz um mel saboroso, porém escasso, constrói suas colméias no chão e possui coloração preta e vermelha.

Em uma obra realizada, em fins dos anos de 1960, na área onde se localiza a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), foi encontrado um sítio arqueológico com cacos cerâmicos e conchas de búzios, associados por pesquisadores à presença tupinambá da aldeia *Eirámiri*. Assim, a aldeia desse povo, que dominava a foz do atual **rio Faria-Timbó**, é uma das poucas encontradas arqueologicamente.

O Campus da Fiocruz Manguinhos, no Rio de Janeiro, tem sido objeto de várias investigações arqueológicas, que visam preservar e valorizar o patrimônio histórico e cultural da região. Essa é uma área que guarda memórias da história da saúde pública brasileira.



Piráûasu

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

“Peixe Grande” era o que significava o nome da aldeia Tupinambá que se estendia pelas cabeceiras do riacho Timbó, nos atuais territórios de **Cavalcanti** e **Tomás Coelho**. *Piráûasu* era também como se chamava o morubixaba dessa taba, muito provavelmente devido a seu porte físico, “grande”, “forte” e “robusto” ou sua exímia habilidade com a atividade de pesca, adquirindo para seu povo grandes peixes.

Eiraíá

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

O bairro do Irajá carrega até os dias atuais o nome dessa taba tupinambá. Localizada ao longo do curso do rio que também leva seu nome, a aldeia de *Eiraíá* abrangia a região dos bairros de **Cordovil**, **Brás de Pina**, **Vista Alegre**, **Vila da Penha** e **Irajá**.

**Eira-íá, onde “Eirá”, carrega o significado tanto de mel, quanto de abelha.
Já “íá” significa abundância, repleto.**

Desse modo *Eiraíá* poderia indicar uma região caracterizada por grandes colmeias de abelha nativa, com fartura de mel e alimentos, de modo geral. Pode ter sido também uma menção à organização da comunidade de abelhas em prol da sobrevivência do grupo, admirada pelos tupinambás, que nelas se inspiravam. Há, ainda, a possibilidade de ser uma referência ao nome do morubixaba *Eiraíá*, cuja alcunha pode ter sido inspirada no animal irara, conhecido como papa-mel, que inspirava os tupinambás com suas habilidades de escalada e de superação de defesa das abelhas em busca do mel.

De olho na Rede...



Estudantes da Escola Almirante Newton Braga, localizada na 5^a CRE, realizaram um trabalho sobre o Rio Irajá. Passe para conhecer.



Payó

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Das cores do jenipapo e do urucum, pigmentos bastante utilizados pelos nativos que aqui habitavam, o *payó* é uma ave arisca, que habita geralmente regiões montanhosas de Mata Atlântica. Hoje bastante raro, devido à destruição de seu habitat natural, o *payó* já foi uma característica marcante da nossa fauna, inspirando a ornamentação corporal de grupos indígenas. Admirada pelos tupinambás, essa espécie legou seu nome a uma das tabas e, inspirou o nome de um dos nossos bairros, Pavuna.



Payó, pavó, com adição do sufixo “una”, que designa a cor “preta”. A mesma toponímia foi utilizada, posteriormente, pelos colonizadores, para denominar o rio que banhava a aldeia, sendo o principal caminho, percorrido de canoa, para alcançá-la.

Takûarusutyba

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Todo o Vale de Jacarepaguá, formado por regiões banhadas pela lagoa homônima, como por exemplo os atuais bairros **Pechincha**, **Tanque**, **Freguesia**, **Curicica**, **Barra da Tijuca** e **Recreio** compunham *Takûarusutyba*, extensa aldeia que foi comandada pelo morubixaba-uasú, ou grande líder, Abati Poçanga.

Tendo como referência a Baía de Guanabara, para se chegar à aldeia de *Takûarusutyba* utilizavam-se **trilhas ancestrais**: uma que se iniciava onde hoje está o Complexo da Maré, passando pela região da taba de *Eirámiri* (Manguinhos) e *Pirakãiopã* (Maré, Bonsucesso, Ramos e Inhaúma); ou outra, passando pela aldeia de *Pirâuasú* (Cavalcanti e Tomás Coelho), e seguindo o que hoje corresponderia à **Av. Dom Helder Câmara**, quebrando à esquerda em **Cascadura**, avançando em direção à **Praça Seca** - há um conjunto montanhoso onde se encontravam os maciços da Tijuca e da Pedra Branca - e chegando, enfim, a outro imenso vale, onde hoje se situa o bairro da Taquara, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

A palavra “taquara” diz respeito a diversas espécies da flora nativa, caracterizadas por caules ocos e subdivididos em gomos, ou seja, ao nosso bambu. Somando-se a “usu”, grande, robusto; e a “tyba”, abundante, *Takûarusutyba*, carregava o sentido de grande conjunto de taquaras. A taquara, ou bambu, era amplamente utilizada pelos povos nativos, servindo como recipientes, canudos, zarabatanas, pontas de flechas, cestas e na construção de malocas e cercados.

Sapopéma

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

“Deodoro também já foi Sapopemba”, como afirmam os compositores Nei Lopes e Wilson Moreira e canta Zeca Pagodinho no samba “Sapopemba e Maxambomba”. Aliás, **Bento Ribeiro, Deodoro e Vila Militar** já foram *Sapopéma*. E, através de uma rua no bairro de Bento Ribeiro, a rua Sapopemba, ainda resiste a história dessa grande taba tupinambá que, pelo menos até o século XVI, caracterizava essa localidade entre nossas atuais Zona Norte e Zona Oeste.

Menção às árvores de grande porte e com raízes expostas, abundantes em seus arredores, a união de “sapó”, raiz, com “pem(a)”, anguloso, resultou no nome dessa aldeia ancestral, cujas terras e histórias foram apropriadas e violadas pelo extenso canal do projeto colonizador do Engenho de Sapopemba.

Para ouvir e cantar
Sapopemba e
Maxambomba
(Nei Lopes e Wilson
Moreira)



CULTNE - Nei Lopes - Sapopemba e Maxambomba

 Cultne
83,9 mil inscritos

[Inscrever-se](#)



Kotyuá

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Koty-iá, a “taba da cilada”, “taba da arapuca” se localizava no território cercado de montanhas, próximo à região de Gericinó, correspondente ao atual bairro de **Vila Kennedy**. A área, dividida pela movimentada Avenida Brasil, apresenta de um lado a cadeia do Mendanha e do outro um morro extenso em forma de U, que contorna um terreno mais baixo, tratando-se de uma topografia estratégica para barreira para defesa, observação e cercamento de inimigos. Kotyuá se beneficiava das nascentes do rio Sarapuí, que atravessa a Baixada Fluminense e deságua na Baía de Guanabara, ao norte de Duque de Caxias.

Tantimã

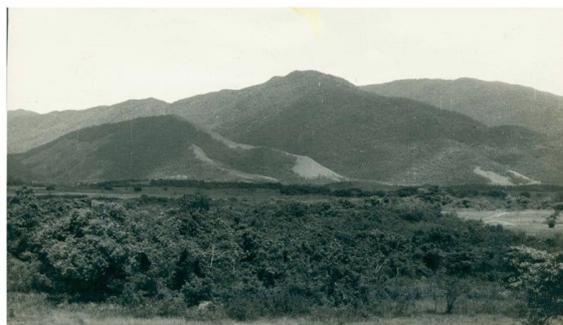
[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Tantimã foi uma taba que se localizava nas proximidades das encostas da **Serra do Mendanha**, região de **Gericinó**, zona oeste da cidade. À época, essa região abrangia terras muito mais extensas do que as do bairro que hoje leva seu nome. Palavra de origem tupi, Gericinó, carrega o sentido de “montanha da mãe geradora”, expressando a perspectiva dos tupinambás sobre a dimensão sagrada daquele conjunto montanhoso, onde encontravam águas abundantes dos rios, animais para caça, frutos, mel, madeiras e tudo mais que precisassem.

Okarantí

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

No cruzamento entre os bairros de **Bangu**, **Santíssimo** e **Campo Grande**, entre o conjunto montanhoso do Mendanha e da Pedra Branca, no rastro da atual estrada da Posse, ficava a maior e mais densamente povoada aldeia do Rio de Janeiro, no século XVI. *Okarantí* (junção de “*okara*”, modo como os tupinambás se referiam ao grande terreiro de convivência entre malocas, onde se realizam festas e rituais, com “*tí*”, ou “*ting(a)*”, dizendo respeito à coloração branca característica da aldeia) era abastecida por uma gama de riachos originados do rio hoje conhecido como Cabuçu.



Maciço de Gericinó : Rio de Janeiro (RJ)
Fonte: <https://abrir.link/ErzHY>

Sepetiba

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Sepetiba, significa região com abundância de sapê, um tipo de madeira espessa que tinha utilidades diversas, inclusive como cobertura em pequenos acampamentos. No nome do bairro de hoje, resiste o nome da aldeia Tupinambá que ocupava aquele território. Segundo a tradição oral, com as invasões portuguesas, no século XI, sobre o território da taba de Okarantí (na interseção de Bangu, Santíssimo e Campo Grande), seus milhares habitantes teriam se refugiado em uma única aldeia, fundando o povoado de Sepetiba. Entretanto, estima-se que a região fosse habitada muito antes dessa diáspora interna vivenciada pelos tupinambás. Por essa região passavam peabirus ancestrais em direção às tabas localizadas na região da Costa Verde, da baía de Angra dos Reis e do planalto de São Paulo.

Guaratiba

[Clique aqui para
retornar
ao mapa.](#) 



A aldeia de *Guaratiba* trazia em seu nome uma menção à presença expressiva da ave guará na região, caracterizada por alagadiços e manguezais. Os guarás, atualmente em extinção, são aves com plumas de coloração vermelha, consequência de sua alimentação à base de caranguejo.

Muito importantes para a cultura tupinambá, das penas dos guarás os tupinambás faziam adornos e seus famosos mantos, os *gûaraabuku*, utilizados em momentos ritualísticos

sagrados, e que foram em sua maioria expropriados e levados para países europeus.

PARA SABER MAIS

O Rio de Janeiro continua ...

indígena!

Importantes para a tradição tupinambá, muitos mantos feitos de penas de guará, a ave avermelhada que inspira o nome a palavra *Guaratiba*, foram expropriados por europeus. Esse ano, celebramos o retorno de um deles ao Brasil.



Museu Nacional (UFRJ) recebe o Manto Tupinambá

 Ministério da Educação
352 mil inscritos

Inscrito

12



Curiosidade...

Em Guaratiba se encontra a maior parte dos sambaquis e sítios arqueológicos da nossa cidade. Lá foi encontrado um fóssil humano que teria aqui vivido cerca de 2000 anos atrás.



Paranapuã

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 



Para os povos indígenas que a habitavam até o século XVI, a atual Ilha do Governador era *Paranapuã*, a “ilha de frente para mar”, pelo modo como está posicionada em relação à Baía de Guanabara. Eram os indígenas *marakajás* seus principais habitantes, grupo homônimo ao felino gato-pintado-do-mato, espécie que podia ser encontrada na região até os anos 1970.

Também chamados de *temiminós*, no contexto da aliança com os portugueses contra os tamoios (tupinambás da costa) e os franceses, os maracajás eram um subgrupo tupinambá. Enquanto *temiminó* assumia o sentido de “descendentes dos tupis”; *tamoios*, significava “os mais velhos”. *Marakajaguaçu*, o Grande Gato, foi um grande líder (morubixaba’uasú) desse grupo indígena, atuante no contexto das alianças com os portugueses, e seu sucessor foi Arariboia.

Paranãpuã era o ponto de partida de trilhas ancestrais que conectavam tabas tupinambás da Guanabara das atuais Zonas Norte e Oeste da cidade e da Baixada Fluminense, a partir das quais se chegava à região de Angra dos Reis e ao planalto paulista. Suas fontes de água potável ou para a atividade pesqueira eram mais abundantes e de fácil acesso do que em toda a Guanabara Continental. Um exemplo é o riacho Jequié, que atualmente está reduzido a uma vala de esgoto a céu aberto, mas pelo significado de seu nome “cesta de apanhar peixes”, estima-se que fosse estratégico para as principais atividades dos nativos.

Foco na Prática

Professores, ao acompanharmos a história das tabas na cidade do Rio de Janeiro nos deparamos com a admiração e exaltação das qualidades de animais e plantas nativas dos nossos biomas pelos povos Tupinambá e Temiminó.

Experimente utilizar essas referências para apresentar aos estudantes outras perspectivas e imaginários dos territórios da nossa cidade a partir dessas presenças em lugares que são parte de seus cotidianos. É possível pesquisar a fundo sobre cada um deles, a situação de preservação em que se encontram, seus hábitos e qualidades admiradas pelos povos indígenas. Como ponto de partida, você poderá usar as espécies abaixo destacadas:



gûyragûasu'uma – Harpia



Takûarusutyba – Taquara



Pirakãiopã – Piracanjuba



Eiraíá – Papa mel



Eirámiri – Abelha miúda/ Abelha cachorro

Pindobuçu

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

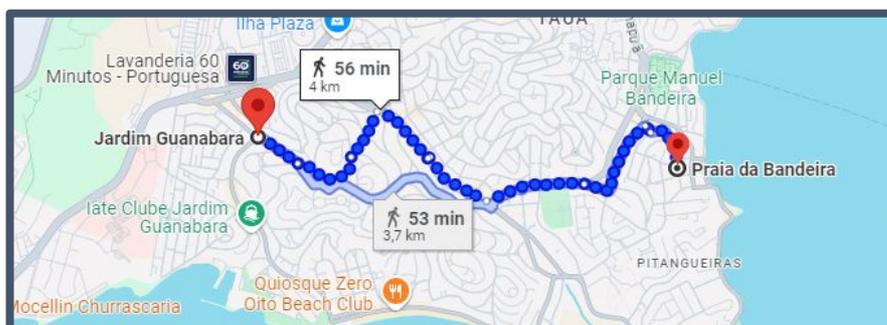
O cacique *Pindobuçu*, em 1555, no contexto do acirramento do conflito franco-tamoio X luso-temiminó, liderou a vitória tupinambá (tamoia) sobre os *marakajás* (temiminó), e dominou as terras de *Paranapuã*. Sua liderança foi tão importante, que a aldeia de seu povo levava seu nome, *Pindobuçu*, que significa “palmeira grande”, em referência às árvores de cujas folhas eram feitas as casas coletivas dos tupinambás.

A aldeia de *Pindobuçu* localizava-se na **Praia da Bica**, aproximadamente, no território que hoje abriga o bairro **Jardim Guanabara** ou onde, atualmente, está localizado o late Clube. A aldeia de *Pindobuçu* provavelmente abastecia-se do límpido riacho do Jequiá que passava por dentro da terra e que ainda mantém esse nome por causa de outra aldeia que existia na sua foz mais adiante.

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Koruké

A aldeia de Koruké, localizava-se na região da atual **Praia da Bandeira**, na altura da **Estrada do Cacuia** e, como era comum entre os tupinambás, a taba carregava o nome do morubixaba que, junto a *Pindobuçu*, também se destacou na conquista das terras *marakajás* de *Paranapuã*. *Koruké*, espécie abundante na Baía de Guanabara, que inspirava os tupinambás, possui grandes espinhas dorsais, utilizadas como defesa e também é conhecido como cocoroca ou peixe-roncador. Ainda hoje, para se chegar à Praia da Bandeira, saindo do Jardim Guanabara, utiliza-se um **peabiru ancestral**. Ou seja, a atual Estrada do Galeão tratava-se de um caminho já trilhado pelos tupinambás no século XVI. Essa trilha poderia levar também ao atual bairro da **Freguesia**, bifurcando-se para os caminhos da atual **Estrada do Dendê**.



Trajeto Jardim Guanabara-Praia da Bandeira.
Fonte: Google Maps.

Pirabiju

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

A taba de *Pirabiju*, situava-se ao fundo da Ilha de *Paranapuã*, onde hoje se encontra o bairro da **Freguesia**. O **Morro das Pixunas**, no **Boqueirão**, e a **Praia Grande**, atualmente dentro de uma base da Marinha, abrigam importantes vestígios arqueológicos da presença indígena.

Pirabiju, alcunha do morubixaba do grupo, que nomeava também a aldeia, era referência a uma espécie de peixe nativa da costa brasileira. Também conhecido como biju-pirá, ou cação de escamas, trata-se de um peixe de grandes proporções, predador, e que se assemelha a um tubarão. Possivelmente, essas eram características que inspiraram o líder guerreiro a carregar tal alcunha.

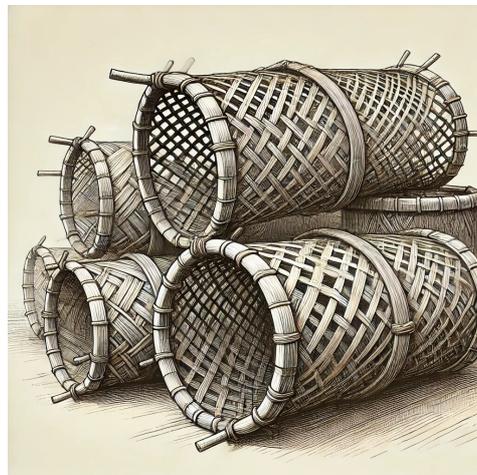
Em relação às conexões entre tabas de *Paranapuã* através dos peabirus, sabemos que da taba de *Pindobucu* ao centro da ilha, se chegava através da trilha que hoje corresponde à **rua Cambaúba**. Dali, seguindo o caminho da atual **Estrada do Galeão**, chegava-se à taba *Koruké*, hoje Praia da Bandeira, até uma bifurcação que, à esquerda, levava à aldeia dos guerreiros *Pirabiju*.

Jequeí

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

Îke'í era como os nativos do nosso território chamavam um instrumento muito utilizado na pesca. Também chamado de *Jequiá*, *Jequeí* ou *Jiqui*, tratam-se de dois cestos sobrepostos, feitos de ripas de bambu (taquara), um menor e um maior, onde são colocadas iscas, atraindo a entrada de peixes, mas impedindo sua saída. Tecnologia ancestral muito eficiente, era comum que *jequeís* fossem espalhados pelos rios, gerando reserva de pescados, enquanto outras tarefas eram realizadas pelos tupinambás.

A aldeia *Jequeí*, localizava-se nas proximidades da enseada da foz do rio que ainda hoje guarda seu nome, entre o **Morro do Matoso** e o **Morro do Cabeceiro**. A despeito da sua intensa poluição nos dias atuais, *Jequeí* era uma alusão à fartura de peixes que o caracterizava, insinuando o **Rio Jequeí** como importante fonte de sustento dos grupos nativos que ali habitavam.



Além da presença tupi, vestígios arqueológicos, como sambaquis, indicam também ocupação anterior desse território por povos coletores. Como afirma Freitas:

“Na origem ali habitaram povos coletores. Depois das migrações tupinambás vieram os marakaíás, que residiam nos locais posteriormente conquistados pelos nativos da costa, como Pindobuçú, Koruké e Pirabiju (...) A aldeia que ali se instalou possuía posição privilegiada na Baía de Guanabara, além de domínio sobre um rio favorável à pescaria de armadilhas, o que garantia a subsistência diária de dezenas de pessoas sem o menor esforço.”
(Freitas, 2019, p.198).



PARA SABER MAIS

BRASIL • HISTÓRIA

Arqueólogos encontram sambaqui de 4 mil anos durante obras de aeroporto no Rio

Sítio arqueológico é raro registro de presença humana na cidade antes da chegada dos tupis à Baía de Guanabara

Simone Candida
18/03/2015 - 06:00 / Atualizado em 06/05/2019 - 12:40

   | Newsletters 



Rio bem antigo. Conchas, espigas e artefatos em plena obra no aeroporto Foto: DHANI ACCIOLY BORGES/DIVULGAÇÃO

Paranapucu

[Clique aqui para retornar ao mapa.](#) 

A aldeia de *Paranapucu*, que significa “mar grande” ou “comprido” (*paraná - puku*), situava-se nos arredores do atual bairro **Tauá**, provavelmente nas proximidades da **Praia da Rosa**, e carregava no nome a alcunha do seu líder principal, que vinha a ser filho do cacique *Pindobuçu*, morubixaba da aldeia localizada no atual **Jardim Guanabara**. Aliás, era comum e estratégica a proximidade entre tabas parentes, para ajuda mútua, especialmente em caso de guerras ou outras dificuldades.

A própria Ilha do Governador também já foi chamada de Ilha de Paranapucu e, sabemos, que no contexto das disputas territoriais envolvendo portugueses-temiminós contra franceses-tamoios, na Ilha foi erguida uma fortaleza homônima, com técnicas de paliçada, para a qual contribuiu na construção o próprio *Paranapucu*.



Exemplo de paliçada.
Fonte: <https://abrir.link/JAbCm>

Foco na Prática

Professor/a, que tal expandir essa pesquisa, investigando, junto aos estudantes, outras referências indígenas no território da sua Unidade Escolar? As etapas da pesquisa podem envolver:

- Identificar nomes de ruas e logradouros que se refiram a tradições indígenas;
- Mapear rios nos arredores da sua escola, relacionando-os à ocupação da região no passado e no presente;
- Valorizar lugares de memória e (re)existência indígena da sua região;
- Reconhecer e visibilizar organizações e lideranças indígenas do seu bairro.



Questões Frequentes



Guia:

EDUCAÇÃO PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lei 11.645/08

Por que usamos a palavra “indígena” para denominar os povos originários do Brasil?

A palavra “indígena” é uma autodenominação escolhida pelo movimento indígena que significa “natural do lugar em que vive; gerado dentro da terra que lhe é própria”. Seu uso respeita a diversidade dos povos, considerando valores fundamentais como o pertencimento e ligações com os territórios de origem. Também nesse sentido, utilizamos “povo” ou “nação” para nos referirmos às diferentes etnias e “aldeia” ou “terra indígena” para falarmos dos territórios.

A trajetória histórica da palavra “índio/índia”

Na década de 70 existiu uma apropriação do termo “índio” pelo movimento indígena. Esse momento de luta e reivindicação de direitos resultou no “Capítulo dos Índios” na Constituição Federal de 1988 e na garantia do acesso de pessoas e territórios indígenas à cidadania. Apesar disso, seu uso por não-indígenas continua sendo ofensivo e carregado da visão limitada dos colonizadores, que nomearam diferentes povos, culturas e identidades a partir de um “suposto” equívoco em suas rotas, desconsiderando suas complexidades e subjetividades.



“Índio é um termo genérico, que não considera as especificidades que existem entre os povos indígenas, como as especificidades linguísticas, culturais e mesmo a especificidade de tempo de contato com a sociedade não indígena”.

Márcia Mura, doutora em História Social pela USP

Disponível em: <https://abrir.link/TIFnT>

PARA SABER MAIS

Programa Roda Viva “Indígena, índio ou povos originários: Kaká Werá explica os diferentes termos”



Existem pessoas indígenas vivendo nas cidades?

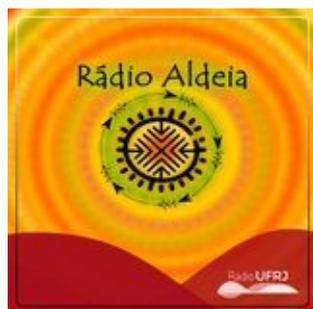
Sim! Durante muito tempo as populações indígenas no Brasil foram retratadas como sendo pertencentes a territórios afastados das grandes cidades e tiveram seus modos de ser e viver relacionados apenas à presença das florestas, desconsiderando que as cidades cresceram em lugares nos quais povos indígenas viviam e estavam estabelecidos culturalmente.

No Rio de Janeiro, após a ocupação colonial, pessoas indígenas resistiram e fizeram parte das estratégias defensivas da cidade, foram mão de obra escravizada e trabalharam na realização de obras públicas, entre elas o Aqueduto da Carioca, um dos mais conhecidos cartões postais da cidade, os Arcos da Lapa. Além disso, não podemos desconsiderar as diásporas e deslocamentos migratórios e imigratórios, que movimentam desde sempre populações indígenas para os centros urbanos buscando recursos e direitos.

Para pessoas indígenas, viver nas cidades significa enfrentar desafios estruturais e históricos que muitas vezes são invisibilizados pela sociedade em geral. Discriminação racial e marginalização social são questões constantes, por vezes sendo considerados "estrangeiros indesejados" em seus territórios de origem, obrigando essas pessoas a esconderem suas ancestralidades e práticas culturais para se protegerem das violências.

As culturas indígenas preservam tradições e saberes ancestrais, porém, estão longe de serem relicários, são vivas e atuantes, sempre buscando novas formas de se expressarem e se afirmarem em consonância com as transformações do mundo. Caminhe pelo guia e amplie sua percepção sobre essas presenças e lutas também nos contextos urbanos!

PARA SABER MAIS



Rádio UFRJ Rádio Aldeia
Indígenas em contexto urbano



Representações Positivas



Guia:

EDUCAÇÃO PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lei 11.645/08

Ao pensarmos na Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer), não podemos ignorar a perspectiva das inter-relações sociais que precisam ser positivadas a partir dessa epistemologia. Reconstruindo formas de nos relacionar com as diversidades que compõem a população brasileira, somos convidados a revisitarmos e aprimorarmos nossas conexões com os povos historicamente oprimidos no Brasil, reconhecendo as injustiças passadas e buscando caminhos para superá-las, almejando o alcance de equidade e mais respeito.

A Erer se traduz em um aprimoramento do processo educativo, comprometido com a melhoria das nossas interações com os povos que enfrentaram e ainda enfrentam opressões no Brasil, para que nossas práticas cotidianas favoreçam a justiça e a inclusão social, a fim de avançarmos como sociedade. Por isso é crucial o diálogo contínuo, capaz de induzir medidas concretas possibilitando corrigir as desigualdades históricas que excluíram do cenário de desenvolvimento social povos marginalizados, justamente por serem considerados diferentes e de menor valor humano, por apresentarem culturas e identidades que não se enquadram em um modelo normativo hegemônico.

Nessa conjuntura, encontramos os povos indígenas como grupo étnico-racial que enfrenta desafios complexos e inter-relacionados na luta contra a discriminação.

Constantemente desafiados pela discriminação histórica e contínua que acarreta prejuízos seculares, esse grupo étnico-racial, enfrenta desafios, como o desrespeito à sua cultura, além da marginalização social e política.

Diante disso, cabe ao espaço escolar se empenhar para reverter esse cenário mediante um modelo educativo que, efetivamente inclusivo, venha a:

PARA SABER MAIS

Indígenas do Brasil | Tempo de Estudar | História | 7º ano



“considerar a pluralidade étnico-racial da população brasileira, nela incluindo os povos indígenas, na promoção de uma educação antirracista” (Brasil, 2016, p. 04).

De acordo com dados do Censo 2022 (IBGE, 2023), houve um aumento significativo da população autodeclarada indígena em relação ao Censo de 2010. Hoje, os indígenas correspondem a 0,83% da população do Brasil, totalizando 1,7 milhões de pessoas, das quais 16.964 vivem no estado do Rio de Janeiro.



A Lei 11.645/08 estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas do Brasil, alterando o Art. 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no sentido de embasar o combate à discriminação histórica contra os povos indígenas no Brasil, a partir do espaço escolar. Tal proposta demanda uma abordagem político-pedagógica abrangente e multifacetada, amparada em estratégias e ações comprometidas com o respeito à autonomia e os direitos dos próprios povos indígenas.

“[...] a Lei tem favorecido a compreensão de que é preciso construir representações sociais positivas que valorizem as diferentes origens culturais da população brasileira como um valor e, ao mesmo tempo, crie um ambiente escolar que permita a manifestação criativa e transformadora da diversidade como forma de superar situações de preconceito e discriminações étnico-raciais” (Brasil, 2016, p.02).

Assim sendo, através da Erer defendemos uma abordagem educativa que apresente devidamente, e que represente positivamente os povos indígenas, desenvolvendo uma prática de reparação histórica cuja finalidade é valorizar os originários no Brasil, dando a devida importância aos sujeitos que já habitavam o território brasileiro antes de os colonizadores europeus chegarem.



Imagem cedida pela Comunicação Social SME/RJ

E habitavam não apenas com a presença física, mas também com seus hábitos e costumes, tecendo a história dessas terras em concomitância com suas próprias histórias individuais e coletivas, formulando suas identidades.

Identidade

Minha indianidade,
Meu caminho na cidade,
Meus cabelos longos
Carregam minha
identidade.

Identidade que represento
Com clareza na afirmação,
Com orgulho na minha
alma,
Resisto à negação.

Negação de ser indígena
E assumir a vida na cidade.
No direito de poder vencer,
Convivendo com
dignidade.

Mas o preconceito é vilão
E vem como jaguar.
Como flecha acertou o meu
ser,
E meu cabelo o 'branco'
me fez cortar

Para conseguir um emprego,
Essa dor tive de passar,
Cortei não só o cabelo,
Mas a magia que nele podia
mostrar.

A tristeza que sinto agora
É maldade do opressor,
Eu sabendo da minha luta,
Uma ordem me passou:
Para trabalhar aqui,
O cabelo vai ter de cortar.
Mas a minha identidade,
Essa ele não conseguiu apagar.

Expressa no meu canto,
Na minha flauta a tocar,
Canto a solidão,
Para aldeia quero voltar.

Comer caça do mato,
Pescar com meu irmão,
Cantar na minha língua,
Sem ser motivo de gozação.

(Kambeba, 2021)



Fonte:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/escrever-e-necessidade-de-resistencia-diz-autora-indigena>

Márcia Wayna Kambeba é uma professora e escritora, de etnia Omágua/Kambeba. Primeira doutora indígena na área de Letras na Amazônia. Nascida numa aldeia ticuna, na localidade de Belém do Solimões, atualmente no município de Tabatinga, lá viveu até os oito anos de idade, quando se mudou com a família para São Paulo de Olivença. É graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), fez o mestrado na Universidade Federal do Amazonas e pesquisa o território e a identidade da sua etnia. Márcia Kambeba escreve poemas, contos, resenhas, ensaios e críticas sobre a luta das mulheres indígenas, além de compor em tupi e português e realizar exposições de seu trabalho como fotógrafa. Suas obras sempre transmitem a importância da sua ancestralidade e sua relação entre a floresta, seus seres e seus povos.

PARA SABER MAIS

#WebsérieBrasilidades 🎬 EP 4 - Márcia Kambeba
conta Assunta



O estado do Rio de Janeiro apresenta, conforme Censo 2022, um total de 16.994 pessoas autodeclaradas indígenas, das quais 546 vivem em terras reconhecidas como indígenas e 16.448 fora dessas terras. A maioria dessa população é residente da região metropolitana do estado, sendo a capital a que apresenta a maior população indígena do estado, com 6.531 pessoas autodeclaradas.

Tabela : População residente /Cor ou raça / Indígena 2022

RIO DE JANEIRO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

| | | |
|-----|-----------------|------|
| 1º | Rio de Janeiro | 6531 |
| 2º | Duque de Caxias | 668 |
| 3º | São Gonçalo | 661 |
| 4º | Niterói | 625 |
| 5º | Nova Iguaçu | 563 |
| ... | | |
| 83º | Cordeiro | 4 |
| 83º | Cambuci | 4 |
| ... | | |
| 85º | Sumidouro | 3 |

NO BRASIL

| | | |
|-----|-------------------------------|-------|
| 1º | São Gabriel da Cachoeira - AM | 45919 |
| 2º | Tabatinga - AM | 27518 |
| 3º | São Paulo de Olivença - AM | 19890 |
| 4º | Manaus - AM | 18854 |
| 5º | Boa Vista - RR | 18228 |
| ... | | |
| 41º | Tacaratu - PE | 7029 |
| 42º | Aquidauana - MS | 7019 |
| 43º | Rio de Janeiro - RJ | 6531 |
| 44º | Borba - AM | 6457 |

Fonte:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/pesquisa/10102/0?tipo=ranking&indicador=122277>

Foco na Prática

A maior aldeia indígena do estado do Rio de Janeiro fica localizada na cidade de Angra dos Reis, a Aldeia Sapukai, no bairro do Bracuí.

Com mais de 2.000 hectares, na aldeia vivem cerca de 339 indígenas, da etnia guarani, que representa 94% do grupo populacional habitante das terras indígenas no Rio de Janeiro.

"Sapukai", no idioma Guarani M'byá, significa socorro.



Fonte:

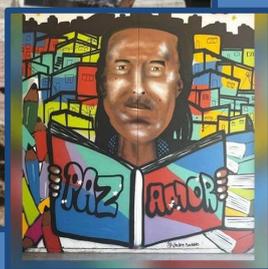
https://www.angra.rj.gov.br/noticia.asp?vid_noticia=60473&IndexSigla=SDSP

Professor, que tal uma pesquisa sobre outras aldeias indígenas localizadas no estado do Rio de Janeiro? Vamos procurar?!

De olho na Rede...



Compondo a Rede Municipal de Educação Carioca, há uma unidade escolar cujo nome homenageia um ilustre ex-morador do território com maior concentração indígena no Complexo da Maré, o Parque Maré. É a Escola Municipal Erpídio Cabral de Souza - Índio da Maré, inaugurada no ano de 2016, sete anos após o falecimento do famoso morador “Índio da Maré”.



Para conhecer mais dessa história, consulte a página da Unidade Escolar



É importante salientarmos que, ao falarmos sobre a representação positiva, nos referimos à representatividade na participação de diferentes grupos sociais em diversos contextos, como na política, na mídia, nas artes, e em outras esferas da sociedade. No caso dos povos indígenas, significa a presença e a participação ativa de membros dessas comunidades em espaços de

poder e decisão, além da mídia, da educação, da cultura. Isso envolve garantir que suas vozes sejam ouvidas, suas perspectivas sejam respeitadas, e seus modos de vida sejam valorizados e protegidos. E, para atingirmos esse fim, os povos indígenas precisam ser devidamente conhecidos.



Na imagem: Arissana Pataxó, artista plástica; Joenia Wapichana, atual presidente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai); Cacique Raoni Metuktire (Povo Kayapó) Um dos líderes indígenas mais conhecidos e respeitado do Brasil, indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2020; Kunumi MC, rapper, escritor e ativista; Sonia Benites, professora de graduação e pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá; David Kopenawa, Davi Kopenawa é xamã e líder político do povo Yanomami, autor, roteirista e produtor cultural.



Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:C%C3%A9lia_Xacriab%C3%A1_-_Comiss%C3%A3o_de_Cultura.jpg

Célia Xakriabá se destaca como a primeira indígena eleita deputada federal no Brasil, por Minas Gerais, nas eleições de 2022. Foi a primeira indígena a representar seu povo na Secretaria de Educação do estado de Minas Gerais (2015-2017) e fez parte da primeira turma de Educação Indígena da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2013, quando se formou em Ciências Sociais. Além disso, concluiu o mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Área de Concentração em Sustentabilidade Junto a Povos Tradicionais, na Universidade de Brasília (UnB), em 2018. Primeira mestra de seu povo, cursa atualmente o doutorado em Antropologia na UFMG.

Diante dos números, cabe salientar que as pessoas indígenas estão entre nós vivendo e se desenvolvendo, articulando ações na sociedade e, por isso, devem ser reconhecidas como sujeitos de direitos, que compõem a comunidade brasileira, enriquecendo e garantindo a evolução comunitária. Conforme afirma a doutora em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e líder indígena Célia Xakriabá:

“A sociedade é como uma floresta. Quanto mais diversa, mais sustentável”.

Esse reconhecimento destaca o valor da diversidade como constituidora dos modos de ser, estar e viver no Brasil. E é fundamental ressaltar que essa forma de existir também constitui a cultura brasileira manifestada em diferentes espaços territoriais, do “Oiapoque ao Chuí”. Portanto, convém realçarmos essas representações positivas que abrem espaço para aprofundar o entendimento sobre a cidadania indígena, provocando reconhecimento e inspirando as novas gerações.

Primeiro indígena eleito como deputado federal no Brasil.



Mário Juruna nasceu na aldeia Xavante Namunkurá, localizada em Barra dos Garças, Mato Grosso — hoje parte integrante da Terra Indígena São Marcos. Cacique da aldeia Namunkurá, o líder indígena se destacou por sua luta em prol dos direitos dos povos originários, no período da ditadura militar. Foi criador da Comissão Permanente do Índio e organizou o primeiro Encontro de Lideranças dos Povos Indígenas do Brasil.

Fonte: <https://memorialdademocracia.com.br/card/juruna-1-deputado-indio-toma-posses>

Confira a versão atualizada da exposição **Mulheres & Ciência**.



Foco na Prática

Professor, que tal fazer uma pesquisa com os estudantes sobre pessoas indígenas que vivem no bairro, ou em bairros próximos à unidade escolar?

Você poderá usar como base a Agenda Gerer Lugares de Fala (2021), que apresenta entre suas páginas dois representantes da identidade indígena no Rio de Janeiro, a professora Marize Guarani e o professor e Cacique José Urutau. A partir desses dois personagens, outros aparecerão, e vocês poderão montar um simbólico catálogo.



A representatividade, baseada na representação positiva, abre caminhos para que outras pessoas que se encontram na mesma condição possam ocupar espaços e diminuir injustiças sociais. Esse é exatamente o caso das pessoas indígenas no Brasil, posto que a imagem é importante na desconstrução de preconceitos, reforçando identidades.

Naturalizar as diferenças humanas é uma das responsabilidades pedagógicas da escola. Uma forma de agir nesse sentido é apresentar que mesmo dentro de grupos étnico-raciais não hegemônicos existe diversidade. Pessoas indígenas apresentam vivências e perspectivas de vida coletivas, mas também individuais e distintas, posto que estão se desenvolvendo de diferentes formas na sociedade. Destacar essas representações diversas é um passo para a humanização dos sujeitos, naturalizando suas diferentes formas de ser e estar no mundo.

Através da representação positiva combatemos estereótipos, promovendo também a autodeterminação. Desse modo, os próprios indígenas definem e conduzem suas lutas e narrativas. É um passo fundamental para a preservação de seus direitos e territórios e para garantir que as políticas públicas sejam realmente inclusivas, com deferência às suas especificidades.

“[...] é fundamental reconhecer nossa individualidade. Muitas vezes as pessoas tendem a generalizar que pessoas indígenas devem falar apenas sobre território, mas não é bem assim. Quero ver mulheres indígenas falando sobre maquiagem, cuidados com o cabelo, fazendo piadas e brincadeiras. A vida não se resume apenas a lutas, e as redes sociais também têm o propósito de divertir e entreter” (Alice Pataxó, 2024).



Alice Pataxó é uma jovem influenciadora digital e ativista das questões indígenas no Brasil. Indígena da etnia Pataxó, seu território base fica localizado no sul da Bahia, em Coroa Vermelha, na cidade de Santa Cruz Cabrália.

O compromisso da escola hoje, ao incluir a Erer como epistemologia guia para suas práticas cotidianas, é traduzir as normativas legais pautadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, superando didaticamente a representação pejorativa sobre os povos indígenas, entranhada no imaginário social brasileiro.

Dessa forma, em diálogo com o que aponta o Parecer CNE/CEB No: 14/2015 (Brasil, 2026), nas relações didáticas cotidianas devem ser perseguidas a imagem do indígena como de sujeito em movimento, multifacetado, com identidade e cultura própria, mas também integrado na sociedade, por isso demarcado por aspectos regionais e com demandas individuais.



PARA SABER MAIS



Opierj - Parceria Programa de Estudos dos Povos Indígenas (PROÍNDIO) e Núcleo de Estudos sobre Povos Indígenas, Interculturalidade e Educação (NEPIIE) | Faculdade de Educação da UERJ

A vivência dos povos indígenas no Brasil é anterior a 1500. E essa história precisa ser reconhecida pela população brasileira. A variedade de civilizações indígenas que existem até hoje no território nacional, como os Yanomami, os Krenak, os Kaxixó, os Pataxós, os Guajajara, entre outros, já era uma característica do território brasileiro. Essas identidades, marcadas por culturas e histórias específicas, devem ser reconhecidas diante das suas multiplicidades, a fim de evitarmos generalizações e conceituações incompletas, que não dão conta da diversidade dos nossos povos originários e, conseqüentemente, da pluriversalidade da nação brasileira.

O conceito de pluriversalidade desafia a ideia de que há uma única maneira de entender e organizar o mundo, promovendo o reconhecimento de que existem múltiplas formas de ser, viver e compreender a realidade. Na concepção dos povos indígenas, isso é essencial para a preservação de suas culturas e tradições, bem como para a construção de um futuro mais justo e equilibrado para todos.

PARA SABER MAIS



Para os povos indígenas o conceito de "pluriversal" contrasta com a ideia de "universal", já que o pluriversal refere-se à coexistência de múltiplas visões, realidades e formas de viver, todas igualmente válidas e respeitadas, ao invés de uma única verdade dominante. Reconhecendo a diversidade de conhecimentos e modos de existência, valorizando a contribuição de cada cultura para a humanidade, a pluriversalidade evidencia a soberania territorial indígena e a resistência contra a imposição de modelos ocidentais de desenvolvimento, viabilizando a ideia de múltiplas formas de entender e organizar o mundo, destacando-se como crucial para o respeito à diversidade cultural.



Fonte:

<https://www.flickr.com/photos/culturaargentina/52363704291>

Ailton Alves Lacerda Krenak, mais conhecido como Ailton Krenak, é um pensador, ambientalista, filósofo, poeta, escritor e líder indígena brasileiro da etnia Krenak, os últimos Botocudos do Leste. É também professor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pela Universidade de Brasília (UnB). O primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, a cadeira n.05. Ailton Krenak é um crítico à visão única e hegemônica do mundo imposta pela modernidade ocidental.

Ailton Krenak defende uma multiplicidade de modos de existir e de entender o mundo, dialogando diretamente com a ideia de pluriversalidade. Krenak enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as diversas cosmovisões indígenas como essenciais para a sobrevivência da humanidade e para a construção de uma sociedade verdadeiramente plural e inclusiva, preservando a coexistência de múltiplas formas de vida e conhecimento como uma necessidade para enfrentar as crises globais atuais.

“A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (Krenak, 2020, p.12).

Assim sendo, ao pensarmos na representatividade de pessoas indígenas não podemos desconsiderar as múltiplas identidades que constituem as diferentes etnias que concebem nossos povos originários. Ao pensarmos na educação escolar, não podemos negligenciar a superação de noções estereotipadas e estigmatizadas do “índio único”, propagadas desde o início da colonização, e consolidadas no decorrer da história, que poluíram a visão nacional delegando desprezo à população indígena.

PARA SABER MAIS



Foco na prática



Papo de Parente

Globoplay (Autor)

Sobre o podcast

Papo de Parente é um podcast original Globoplay, apresentado pela educadora e liderança indígena, Célia Xakriabá e o estudante de gastronomia, Tukumã Pataxó. Toda quinta, Célia tira dúvidas de participante sobre como é ser indígena hoje no Brasil e convida o ouvinte a se conectar com a cultura indígena por meio da agricultura, culinária, política, literatura, medicina e esportes tradicionais. No quadro "Receitas da Terra", Tukumã apresenta diferentes combinações de ingredientes utilizados na culinária dos povos originários. Papo de Parente – um podcast para indigenizar o Brasil!

Professor, que tal apresentar a diversidade da população indígena aos estudantes através do podcast **Papo de Parente**? Cada episódio poderá render importantes debates e aprendizagens, desconstruindo estigmas para o alcance de vivências que transcendem a esfera cultural, abraçando também aspectos sociais e ambientais relacionados à população indígena.

Em termos pluriversais, a diversidade de modos de vida coexiste de maneira harmoniosa e interconectada. Ao invés de associarem-se a uma única identidade homogênea, os povos indígenas reconhecem e valorizam a multiplicidade de suas identidades, que variam amplamente de acordo com suas diferentes comunidades, territórios e tradições.

Nesse sentido, resgatar o valor humano e histórico-cultural dos povos indígenas requer uma reorganização da memória coletiva que, fomentada por preconceitos, acondicionou os povos indígenas no lugar de estorvo para o desenvolvimento do Brasil. Cabe à educação escolar pagar essa dívida social apresentando-os como não detentores de uma diversidade unificadora, mas pluriversalizada, demarcando que, embora possuam elementos culturais comuns, as diferentes etnias abarcam peculiaridades.

Conheça a exposição virtual
“Vidas indígenas – formas de
habitar o mundo”, do Museu da
Pessoa:

[Museu da Pessoa – Exposição
Vidas Indígenas](#)



É importante conhecer e apresentar diferentes sujeitos indígenas aos estudantes, destacando a pluralidade refletida em suas cosmovisões, que incluem diferentes maneiras de entender o mundo e de se relacionar com a natureza, o sagrado e a sociedade. Cada grupo indígena tem seu próprio conjunto de valores, histórias e práticas, o que contribui para uma rica gama de conhecimentos e perspectivas. A identidade pluriversal dos povos indígenas está profundamente enraizada em sua relação com seus territórios, na defesa de suas culturas e na resistência às tentativas de assimilação e homogeneização impostas por influências externas.

PARA SABER MAIS:

Nesse episódio, produzido para a exposição virtual “Vidas indígenas – formas de habitar o mundo”, do Museu da Pessoa, o escritor, músico, compositor e cineasta Cristino Wapichana apresenta um depoimento sobre suas experiências a partir da visão estereotipada construída no Brasil sobre os povos indígenas.



Caio Júlio Belforte Barros Pankararu, primeiro indígena a defender o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Engenharia Civil, na Universidade Federal do Tocantins (UFT); Neidemara Araújo de Souza Ticuna, mestranda em História pela

Universidade Estadual de Maringá (UEM); Luiz Henrique Eloy Amado, doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFF e doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ; Myrian Krexu, do povo Guarani Mbyá, médica, primeira cirurgiã cardiovascular indígena do Brasil.

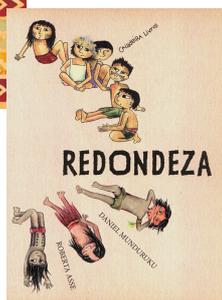
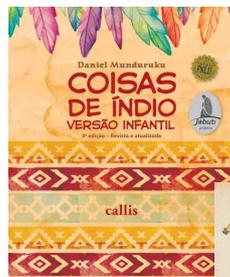
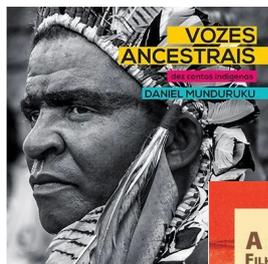


Por considerar o grupo étnico-racial originário no Brasil como um estorvo para o país, muito por conta da falta de entendimento a respeito da visão holística que os indígenas apresentam sobre a realidade (Munduruku, 2012), e pelo interesse em aniquilar as marcas desses povos na identidade nacional planejada, uma concepção distorcida foi construída e reproduzida, conforme apontado pelo professor e escritor Daniel Munduruku,

“[...] a visão equivocada – e propositadamente estereotipada – sobre nossos povos foi perversamente orquestrada, retirando deles – em muitas circunstâncias – a humanidade de sua visão de mundo e colocando-os como empecilho para o desenvolvimento proposto pelo Estado brasileiro e que passava pelo extermínio – depois assimilação e integração – das suas diferenças culturais e espirituais”
(Munduruku, 2012, p.16).

Movidos pela abordagem pluriversal, os educadores precisam instigar nos estudantes a percepção de que não existe uma única maneira correta de ser ou viver. Comungando com a cosmovisão indígena, é necessário afirmar que a diversidade é uma fonte de força e vitalidade para os povos originários, e pode ser muito útil para a evolução das dinâmicas sociais em comunidade.

Para os povos indígenas, suas identidades pluriversais são essenciais à preservação de suas culturas, para a continuidade de suas tradições e para a promoção de um mundo onde múltiplas formas de existência são respeitadas e celebradas.



Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Daniel_Munduruku,_G%C3%B6teborg_Book_Fair_2014_2.jpg

Daniel Munduruku é um escritor brasileiro, professor e ativista indígena do povo Munduruku. Graduado em Filosofia, História e Psicologia, tem mestrado em antropologia social e doutorado em educação pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Tendo publicado mais de 65 obras, principalmente na literatura infantojuvenil e paradidática. Natural de Belém-PA, recebeu prêmios como Jabuti (2004 e 2017), Academia Brasileira de Letras (2010) e UNESCO, entre outros. Diretor do Instituto Uka e do selo Uka Editorial, reside em Lorena-SP, onde é membro-fundador da Academia de Letras local. Cofundador da primeira livraria online de autores indígenas, promove o Encontro de Escritores e Artistas Indígenas há 20 anos. Em 2023/24, participou da novela Terra e Paixão, da TV Globo.



Foco na Prática

Professor, quantas pessoas indígenas estão relacionadas no seu referencial bibliográfico? É evidente que temos uma variedade de pessoas indígenas desenvolvendo conceitos, produzindo informações e contribuindo com o aperfeiçoamento das diferentes áreas do saber. Nas Agendas Gerer são apresentadas figuras de destaque social e acadêmico que podem enriquecer seu planejamento cotidiano, além de oportunizar a ampliação de repertórios. Siga nessa jornada!



Logo, ensinar que a identidade pluriversal constitui o Brasil abre caminhos para entendimentos sobre a cultura indígena, sem reforçar estereótipos reconhecer as múltiplas possibilidades dos sujeitos indígenas, tanto relacionados às culturas produzidas em territórios urbanos como em não urbanos. Essa dinâmica favorece identificar, sem estranhezas, diferentes formas de pessoas indígenas se mobilizarem socialmente.

Ao trabalharmos com a valorização da história e da cultura indígena com nossos estudantes, precisamos investir na apresentação de conteúdos, saberes, competências, atitudes e valores que possibilitem identificar a multiplicidade dos povos indígenas (Brasil, 2016). Apresentar essa multiplicidade fará a diferença na compreensão de uma realidade pautada por resistências e uma “cosmovisão de sustentabilidade e da política do bem-viver” (Silva, 2021, p.279).

*“Para nós, cultura é tudo que somos,
é nosso modo de vida e também
sinônimo de luta”*

Sônia Guajajara, primeira Ministra dos Povos
Indígenas no Brasil



VAMOS AMPLIAR REPERTÓRIO?

Investigue o Instagram da Gerer, ([@gerer.smeri](https://www.instagram.com/gerer.smeri)). Lá você encontrará séries apresentando personalidades indígenas do Brasil.

Você poderá expandir este material, criando um glossário de figuras indígenas importantes para diferentes áreas, como artes, ciências, sociedade, e outras.

Explore esse material com a comunidade escolar e observe como e quais percepções sobre pessoas indígenas serão explanadas.



Baixe e explore o PDF, gratuito, do livro
“Álbum Biográfico - Guerreiras da
Ancestralidade”.





Fonte: <https://abrir.link/lfaud>

Aline Rochedo Pachamama é uma mulher originária do povo Puri da Mantiqueira, historiadora, escritora, ilustradora e doutora em História Cultural pela UFRRJ. É idealizadora da Pachamama Editora, composta por mulheres indígenas, que promove ações de valorização das línguas e culturas dos povos originários, com foco em histórias orais e memórias, especialmente de mulheres e anciãs. Desde 2016, lidera o projeto de “Reparação Linguística, Histórica e Cultural”, com a publicação de livros bilíngues e polilíngues. É autora de diversas obras sobre culturas indígenas e diversidade, como *Guerreiras - Mulheres indígenas na cidade*, *mulheres indígenas na aldeia* e *Schuteh Poteh, Schuteh Koya - A língua Puri como elo de identidade e afeto*. Participa desde 2018 do Projeto Arquivo Multimídia da Poesia dos países da CPLP, ligado à Cátedra UNESCO, contribuindo para a valorização da diversidade linguística e cultural. Em 2019, foi reconhecida pela FAPEMIG como uma das dez mulheres cientistas brasileiras, sendo a única representante da área de Humanas



No cotidiano escolar, um importante aliado no desenvolvimento de compreensão sobre a pluriversalidade das identidades indígenas é a literatura. O texto literário desempenha um papel fundamental na construção de uma representação positiva das pessoas indígenas ao criar narrativas autênticas, valorizadoras e diversificadas que contrastam com estereótipos historicamente difundidos.

Assim, a literatura se constitui como uma ferramenta essencial para a luta das populações indígenas, pois permite a preservação, a valorização e a disseminação de suas histórias, línguas, culturas e cosmovisões. Por seu intermédio, as pessoas indígenas são humanizadas e celebradas em sua integralidade, rompendo com invisibilidades e preconceitos. Isso contribui para uma sociedade mais consciente da riqueza cultural dos povos originários.

“Venho aqui para lembrar a sociedade que nós somos o princípio. Até o termo ‘povo originário’ já diz isso”

Aline Rochedo Pachamama

A literatura possibilita o registro das tradições orais, narrativas históricas e saberes ancestrais, que muitas vezes correm risco de desaparecer. Ao escrever e publicar em suas línguas originárias, os povos indígenas mantêm vivas suas identidades culturais e fortalecem suas conexões com o passado.

Visite o canal do YouTube “Literatura Indígena Contemporânea”, um espaço de entretenimento para falar sobre a produção estética de autores indígenas atualmente. Conheça a poesia e prosa de diversos autores indígenas que estão se destacando através de suas produções.



A literatura oferece um espaço para que as pessoas indígenas contem suas próprias histórias, em suas vozes e perspectivas. Isso desconstrói a visão de terceiros, que frequentemente retratam os povos indígenas de forma limitada ou pejorativa. Quando são protagonistas, suas experiências, culturas e desafios são apresentados com profundidade e complexidade.

As obras literárias podem evidenciar a riqueza e a diversidade dos povos indígenas, mostrando suas diferentes línguas, tradições, cosmologias, modos de vida e relação com a natureza. Isso contribui para a compreensão de que não existe uma única identidade indígena, mas sim uma pluralidade de culturas.



Fonte: Livraria Maracá

A produção literária desafia visões simplistas ou romantizadas, como a ideia do "índio selvagem" ou "primitivo". Em vez disso, apresenta personagens indígenas como pessoas multifacetadas, capazes de transitar entre o mundo tradicional e contemporâneo. Quando pessoas indígenas vêem suas culturas e histórias representadas de forma respeitosa e positiva, fortalecem sua autoestima e identidade. Isso também inspira as novas gerações a se conectarem com suas raízes e a se orgulharem de quem são.

Foco na Prática

Professor, ao trabalhar o texto literário em sala de aula, lembre-se de realçar o diálogo sobre:

- 1. Protagonismo nas Narrativas**
- 2. Valorização da Diversidade Cultural**
- 3. Desconstrução de Estereótipos**
- 4. Empoderamento e Autoestima**
- 5. Sensibilização**
- 6. Promoção de Heróis e Referências Positivas**
- 7. Denúncia e Resistência**
- 8. Diálogo Intercultural**

PARA SABER MAIS



A **BIBLIOGRAFIA DAS PUBLICAÇÕES INDÍGENAS DO BRASIL**, disponível na plataforma Wikilivros, é uma proposta colaborativa de catalogação dos conteúdos voltados para a literatura indígena. Lá você encontrará a seção “Lista de autores (por origem)” com os nomes dos escritores indígenas de acordo com seu povo de origem.

A literatura tem o poder de criar e divulgar figuras heróicas e inspiradoras, celebrando líderes, anciãos, artistas, guerreiros e outras personalidades das comunidades indígenas que podem servir como modelos para as novas gerações. Muitos autores indígenas utilizam a literatura para expor injustiças sociais, violências e a luta pela demarcação de terras. Essas narrativas trazem visibilidade às suas causas, mas também mostram a resiliência e a força de suas comunidades.

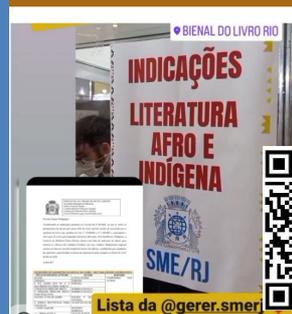
Ao compartilhar histórias indígenas com o público em geral, a literatura cria oportunidades para o diálogo intercultural, promovendo entendimento mútuo e respeito entre povos de diferentes origens.

Obras literárias que abordam as histórias e contribuições indígenas podem ser usadas em escolas e outros espaços educativos para ensinar o valor desses povos, promovendo respeito e empatia desde cedo.

De olho na Rede...



NA SUA INFÂNCIA, VOCÊ SE
VIA NOS LIVROS?



No site da Gerer você encontrará uma lista de livros que inclui autoria e narrativas indígenas para facilitar a sua curadoria no cotidiano.

Ajude a ampliar essa lista enviando sugestões para o e-mail:
gerer@rioeduca.net

Questões Frequentes



Guia:

EDUCAÇÃO PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lei 11.645/08

Qual é a língua falada pelas pessoas indígenas do Brasil?

De acordo com o Censo de 2022, existem no Brasil 305 povos, 274 línguas e dialetos originários. A maior parte das línguas pertence aos cinco grandes agrupamentos linguísticos: Os troncos Tupi e Macro-Gê; as famílias Aruak, Karib e Pano, e inúmeras famílias menores e línguas isoladas. Muitas delas estão ameaçadas, o que tem mobilizado projetos de ensino e documentação linguística na intenção de preservá-las.

É importante destacar que as línguas indígenas são parte fundamental da identidade e da cultura de cada povo, preservando saberes, cosmovisões e histórias transmitidas através da oralidade.

O tupi que nós falamos

No início do processo de colonização, colonizadores e missionários recém-chegados precisaram aprender as línguas locais para se comunicar com a população e o tupi antigo tornou-se a língua franca da colônia, a chamada *língua geral*. A língua geral não foi uma língua mista indígena com a portuguesa, e sim uma língua indígena com influências do contato com o português.

Existiram duas versões: a língua geral paulista e a língua geral amazônica, também chamada de *nheengatu* (língua boa). No século XVIII, o decreto que expulsou os jesuítas também proibiu o ensino das línguas gerais no país, mesmo assim, muitas dessas palavras ainda são parte dos nossos cotidianos.

PARA SABER MAIS

Museu da Língua Portuguesa

Artigo: “Os povos indígenas e o Português do Brasil”



É correto falar em lendas e folclores indígenas?

Quando falamos sobre as culturas indígenas brasileiras, nos deparamos com as expressões “lendas indígenas” ou “folclore” para descrever cosmologias, cosmogonias, tradições, mitologias e entidades espirituais originárias.

O folclore, de forma geral, é colocado como um conjunto de narrativas populares que circulam entre os povos, sem grande ligação com as estruturas de poder ou organizações sociais. Diferente disso, cosmologias e cosmogonias são saberes e ensinamentos espirituais, filosóficos e científicos que sustentam visões de mundo, são narrativas que explicam a origem do mundo, os processos de transformação e os ciclos da vida em uma existência integrada, onde o humano, o espiritual e o natural coexistem de forma harmônica.

Na vida cotidiana, essas concepções expressas através da linguagem simbólica na dramaturgia dos rituais, das músicas, ornamentos corporais, entre outros recursos, permitem o contato com outras dimensões cósmicas, com momentos outros do mundo, da vida e da morte.

PARA SABER MAIS

Cultura: Mitos e cosmologias compõem aspectos importantes das tradições indígenas

Compartilhe: [f](#) [in](#) [📷](#) [🔗](#)

Publicado em 28/12/2022 10h39



 TRUDRUÁ DORRICO

OPINIÃO

Folclore brasileiro versus Literatura Indígena: entenda a diferença



Multilinguagens



Guia:

EDUCAÇÃO PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lei 11.645/08

Falar sobre multilinguagens na educação atualmente é refletir sobre a necessidade de preservar culturas, abrir-se ao diálogo e às trocas de informações para o processo de ressignificação das aprendizagens. Em um país marcado por mazelas que perpassam inúmeras dimensões da sociedade, esses desafios ainda dificultam a construção da interculturalidade. No entanto, a escola desempenha um papel essencial ao oferecer aos alunos a oportunidade de compreenderem o lugar central e transformador que ocupam no processo de aprendizagem, além das trocas significativas que a convivência com pessoas que trazem consigo diferentes formas de vida, pensamentos, crenças, culturas, saberes e identidades agregam.

Nesse cenário, o respeito é um valor fundamental, mas para que ele se concretize, é indispensável conhecer, sentir e ouvir o outro a fim de formular críticas reflexivas e conscientes.



Vestes cerimoniais e cestaria dos aparai. Memorial dos Povos Indígenas

As artes indígenas estão profundamente enraizadas nos cotidianos das comunidades, manifestando-se em ações coletivas e práticas que vão além de estéticas e habilidades manuais: abrangem uma ampla gama de manifestações e passam por várias linguagens artísticas e políticas, transcendendo os formatos tradicionais, como o desenho, a pintura, o cinema, a fotografia, a performance, etc.

Algumas dessas representações possuem funções sociais, ritualísticas, cerimoniais ou até hierárquicas, e são utilizadas, de acordo com as etnias de referência, para transmitirem tradições, memórias e saberes, além de reforçar a identidade e ancestralidade de cada povo. Nela, a oralidade permeia a teia da vida, na qual a harmonia com o ambiente — o que na perspectiva ocidental é chamado de "natureza" — desempenha um papel central.



Fonte:

<https://soundcloud.com/itaucultural/dai-ara-tukano?in=itaucultural/sets/mekukradja>

Daiara Hori Figueroa Sampaio, conhecida como Duhigô, é uma artista, curadora, professora e ativista do povo indígena Tukano – Yé'pá Mahsã, pertencente ao clã Eremiri Hãusiro Parameri do Alto Rio Negro, na Amazônia brasileira, embora tenha nascido em São Paulo. Graduada em Artes Visuais e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília (UnB), Duhigô investiga temas relacionados ao direito à memória e à verdade dos povos indígenas. Em 2020, ganhou destaque ao criar o maior mural de arte urbana do mundo, intitulado "Selva Mãe do Rio Menino", como parte do Circuito Urbano de Cultura e Arte de Belo Horizonte (CURA). O mural, localizado na Avenida Amazonas, ocupa mais de 1000 metros quadrados da lateral do Edifício Levy e retrata uma mãe-floresta carregando seu filho, o menino-rio, simbolizando a conexão profunda entre a natureza e as comunidades indígenas.



Artes Visuais



Créditos da imagem: Ana Pigosso/ Correio Brasiliense
Mahá-Arara Vermelha, acrílica sobre tela

Para Daiara, artista e ativista do povo Tukano, a valorização da cultura indígena é fundamental, e a pintura é uma celebração desse mundo de transformação, representando a essência de seu povo. Sua obra é uma poderosa expressão artística que promove a valorização da cultura indígena e a conscientização sobre a importância da preservação das diversas formas de vida e espiritualidade.

“Estou aproveitando para contar essas histórias, mas também para imaginar como é andar nesse mundo”.
Daiara Tukano

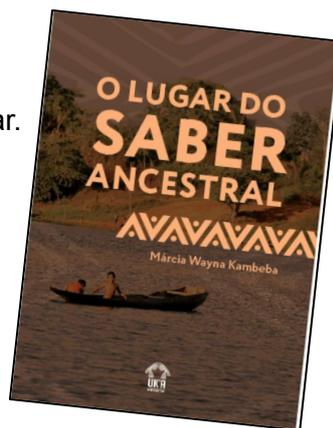


Entrevista com a artista e ativista Daiara Tukano ao Sem Censura. A ativista fala sobre o atual momento da arte de origem indígena e sua relação com a história, espiritualidade e tradição dos povos originários.

ARTE INDÍGENA WAI WAI

(Márcia Wayna Kambeba)

Na beleza de viver a cultura
Que contribui para a geração
A arte vem mostrar a sabedoria
Dos povos que imprimem força e energia.
Cada peça tem uma forma de ser
Um significado no território do sagrado
O Jamaxim é feito de fibra de arumã
Usado pela mulher em seu afazer.
A peneira e o tipiti são utilidades do lar
Na bebida do patawá a peneira é singular
Separa o caroço do suco que a aldeia vai tomar.
Na essência de ser mulher
O que se vê é uma beleza
As plumagens vêm das aves
As sementes da natureza.
Aqui a arte vira ciência
E é repassada pelos que têm experiência
A elaboração requer tempo e convivência
A arte com morototó tem que ter cuidado
Agilidade, empenho e paciência.
As plumagens são de arara-canindé,
Dela se retira a pena amarela
Que deixa a menina bela
Com tiara, colar, adornada até o pé.
Do morototó vem a saia que usam na dança,
Vestindo as mulheres adultas e as crianças,
Na força que vem das mãos,
Oferecida de esperança.
A dança do povo Wai Wai
Mostra alegria e união
Dançando escrevem sua história
De luta e formação, na dor, e sem temores
De viver sua identidade esses mestres educadores



Jamaxim e Tipiti: Trançados e Tramas

Trançados e tramas fazem parte do vasto patrimônio de saberes ancestrais dos povos originários. São uma forma de expressão e comunicação que envolvem não apenas habilidades manuais, mas também conhecimentos profundos da natureza, da espiritualidade e das tradições de cada povo, com variações conforme a região na qual é produzido e criado a partir de fibras naturais, como as de palmeiras, cipós, plantas de algodão e até mesmo de fibras extraídas de árvores, como o buriti. O trabalho manual pode envolver o trançado de cordas, fios ou fibras para criar desde objetos utilitários até adornos e ornamentos.

Foco na Prática

Professor, que tal promover o reconhecimento e a valorização da arte e cultura indígena Wai Wai, desenvolvendo a sensibilidade estética e o respeito pela diversidade cultural, com os estudantes?

Essa prática cabe em todas as etapas e modalidade do ensino, estimulando o aprendizado interdisciplinar, com a finalidade de:

- **Identificar elementos artísticos característicos da cultura Wai Wai (como tramas, grafismos e utilitários).**
- **Relacionar a produção artística indígena aos contextos culturais, históricos e ambientais.**
- **Incentivar a criatividade ao criar releituras inspiradas na arte Wai Wai.**

Entre as atividades desenvolvidas, você poderá explorar: imagens de peças artísticas e artefatos dos Wai Wai, como cestos, tecidos e adornos; construção de cestos simples com papel, inspirados nos trançados indígenas; ler histórias ou textos sobre o povo Wai Wai e sua relação com a natureza; mostrar no mapa onde vive o povo Wai Wai e discutir sua relação com a floresta; reproduzir grafismos Wai Wai em papel kraft ou pano.

Esse momento poderá gerar ricos debates e aprofundar conhecimentos sobre os povos indígenas.

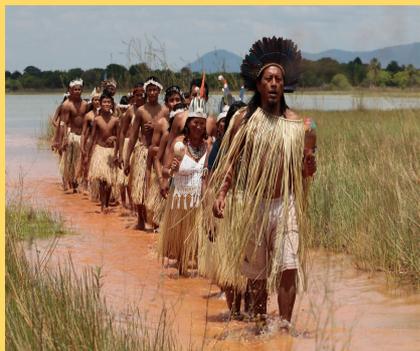
É essencial superar a visão estereotipada de que os povos indígenas pertencem a um passado remoto. Pelo contrário, eles representam uma existência plural e contemporânea, que desafia a ideia de tradições imutáveis. Acolher essa visão é um convite para enfrentarmos o desafio comum de imaginar um mundo viável para todas as formas de vida e culturas.



Memorial dos Povos Indígenas(DF)
O Eixo Monumental, está pintado com grafismos tradicionais de aldeias do Parque Nacional do Xingu, em Mato Grosso.

Fonte: <https://www.df.gov.br/memorial-dos-povos-indigenas/>

Jaider Esbell nos apresenta a possibilidade da arte indígena despertar no Brasil uma consciência de si que o país ainda não possui e conceitualiza a chamada **Arte Indígena Contemporânea** como uma arte cosmopolítica — importante para a criação e manutenção de mundos. Segundo ele, os povos indígenas possuem seus próprios sistemas artísticos, fundamentados em razões e intensidades que lhes são únicas, incorporando e transformando suas criações em expressões culturais e políticas que revelam conhecimentos profundos.



Jaider Esbell em um ritual Macuxi

“Eu tenho 42 anos e, desde os seis, ouço histórias fantásticas. Hoje, não as vejo mais como fantasias, mas como partes da nossa cosmologia, como narrativas fundamentais de nosso mundo. Eu faço parte dessa linhagem, dessa natureza, que carrega a energia transformadora de

Macunaíma. É uma energia constante, que não segue uma linearidade, mas que se expande e está sempre em movimento. Esse processo desafia a mente a ultrapassar as formas conhecidas, tentando trazer ao campo da visualidade algo que só a imaginação pode alcançar. É um exercício profundo de escuta e silêncio”

Jaider Esbell, 2021

PARA SABER MAIS



Visite a Galeria Jaider Esbell para conhecer mais sobre o artista e sua obra.



Fonte:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/65153-jaider-esbell>

Jaider Esbell foi um artista, escritor e produtor cultural indígena da etnia Makuxi. Nascido na cidade de Normandia, estado de Roraima, viveu, até aos 18 anos, onde hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol (TI Raposa – Serra do Sol), quando deixou a casa dos pais para viver na capital Boa Vista. Assumiu um papel central no movimento de consolidação da Arte Indígena contemporânea no contexto brasileiro, atuando de forma múltipla e interdisciplinar, ao combinar pintura, escrita, desenho, instalação e performance. Entrelaçando mitos indígenas, críticas à cultura hegemônica e preocupações socioambientais, seu trabalho mesclava veia poética com posicionamento político marcante, configurando um pensamento emancipador que foi o tronco da 34ª Bienal de São Paulo, no ano de 2021.



Demarcando telas

Ailton Krenak (2022) introduziu a expressão "Demarcação de telas" para abordar a produção cinematográfica indígena no Brasil na última década. Para ele, a ideia de "demarcar" o espaço da tela refere-se ao processo de apropriação e ocupação de plataformas de comunicação, como o cinema, a internet, celulares e outras formas de arte visual, pelos povos indígenas. Ao utilizar essas ferramentas, os cineastas indígenas conseguem ressignificar a própria narrativa, dando voz a histórias que, por muito tempo, foram contadas exclusivamente a partir de uma perspectiva externa, muitas vezes marcada por estereótipos e pela falta de compreensão das complexidades culturais indígenas.

A história recente dos cinemas indígenas no Brasil é marcada pela formação de coletivos e movimentos, como o projeto Vídeo nas Aldeias, fundado em 1986, que foi pioneiro ao introduzir o audiovisual nas comunidades originárias e ao estimular a formação de realizadores indígenas. Esse projeto abriu as portas para que cineastas indígenas pudessem contar suas próprias histórias, oferecendo uma nova perspectiva sobre a vida e as tradições de suas comunidades. Ao longo dos anos, coletivos de produção cinematográfica foram surgindo, fortalecendo uma rede de produção e distribuição de filmes indígenas que trazem temas centrais para esses povos, como a preservação da cultura, a luta pela demarcação de terras e a resistência contra políticas e práticas opressivas.

PARA SABER MAIS

Conheça a primeira rede de mulheres indígenas do audiovisual, a Katurahine, lançada em 2023.



A palavra *Katherine* tem origem na etnia Manchineri, e significa constelação.

Ainda de acordo com Krenak (2021), a mesma câmera que pode registrar destruição, desigualdades e injustiças, também pode ser usada para retratar a beleza, a riqueza cultural e o cotidiano dos povos indígenas. Essa escolha narrativa, segundo ele, é profunda e pessoal, feita pelo próprio cineasta, que se compromete com as questões sociais, culturais e espirituais de seu povo. Ao assumir o papel de cineasta, a pessoa indígena não apenas documenta sua realidade, mas também assume a responsabilidade de compartilhar, a partir de seu olhar, as nuances de sua cultura, suas lutas e esperanças. Isso cria uma narrativa que não apenas informa, mas sensibiliza e desperta reflexões no espectador, questionando preconceitos e promovendo uma visão mais verdadeira e respeitosa dos povos indígenas.

Além de fortalecer a identidade indígena e promover o conhecimento e respeito por suas culturas, o cinema indígena no Brasil é uma ferramenta de resistência e luta. Em tempos de intenso uso das mídias digitais, a "demarcação de telas" proposta por Krenak simboliza o uso estratégico dessas plataformas para que as próprias comunidades possam controlar a maneira como suas histórias e tradições são contadas e transmitidas para o mundo.

"É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros".

Ailton Krenak

VÍDEO NAS ALDEIAS filmoteca

Criada em 1986, o "Vídeo nas Aldeias" é uma plataforma que abriga arquivos audiovisuais sobre a realidade indígena contemporânea. Voltada para a formação de cineastas indígenas, produção e

difusão de seus filmes, a plataforma reúne horas de imagens produzidas por mais de quarenta etnias indígenas no Brasil.



Foco na Prática

Professores, o audiovisual pode ser uma ferramenta pedagógica importante na sala de aula, pois pode ajudar na compreensão de conteúdos e a desenvolver habilidades de leitura crítica. Separamos algumas produções que podem auxiliar seu planejamento:



O documentário traça o pensamento e a trajetória de Ailton Krenak, líder indígena natural de Minas Gerais, descendente da etnia Krenak, outrora chamados Botocudos. O filme traz imagens e depoimentos de Ailton em diferentes momentos de sua vida, além de outros personagens que fazem parte de seu universo.

No documentário “Pisar Suavemente na Terra”, três lideranças indígenas da Amazônia tentam manter vivas suas formas de estar no mundo.

São as histórias de Kátia, cacica do povo Akrãtikatêjê, de Manoel, cacique do povo Munduruku e de José Manuyama, professor de origem Kokama interligadas pela voz e o pensamento ancestral de Ailton Krenak.



Historicamente, as novelas brasileiras têm sido um reflexo da sociedade, retratando conflitos familiares, amores, dramas e transformações sociais. No entanto, apesar da diversidade cultural do Brasil, a presença de atores e personagens indígenas tem sido limitada, e muitas vezes estereotipada ou marginalizada. Essa ausência de representação vai além de uma questão de diversidade de elenco; é também uma lacuna cultural que priva o público de conhecer as múltiplas identidades e realidades dos povos indígenas.

A inserção de personagens indígenas na novela mostra um passo importante na representação da diversidade cultural do país, trazendo ao público a riqueza e a complexidade das tradições e das histórias desses povos.

No ano de 2024, a atriz Zahy Guajajara foi escalada para o elenco da novela "No Rancho Fundo" e para o filme "Sisters of Lucia", do diretor alemão Akiz Ikon, que será ambientado na Rocinha, no Rio de Janeiro.

A atriz apresenta uma trajetória artística e ativista fundamental para a valorização e visibilidade das culturas indígenas no Brasil, utilizando a arte como meio de comunicação e transformação social.

Artistas como Zahy desempenham um papel fundamental para a representação indígena no teatro e na arte de forma mais ampla. Sua presença e atuação trazem à tona questões essenciais relacionadas à diversidade cultural, ao resgate histórico e à luta por direitos dos povos originários. Os principais aspectos dessa importância estão relacionados à ampliação da representatividade, ao resgate e valorização das culturas indígenas, a desconstrução de estereótipos. Além disso, é importante ressaltar que esse processo é educativo e sensibilizador, promovendo o fortalecimento das lutas indígenas, inspirando as novas gerações.

“Indígenas são naturalmente artistas. Digo isso não para desvalidar o processo de outros artistas, mas para validar a nossa capacidade criadora que, por muito tempo, era inválida. [...] nossa arte sempre existiu e resistiu aos processos e herança colonizadoras”.

Zahy Tentehar, 2023



Zahy Tentehar fala sobre arte, ancestralidade e sua obra | Espetáculo

Zahy Tentehar fala sobre arte, ancestralidade e sua obra, o Espetáculo Azira'i



Fonte: Editora Cobogó

Zahy Tentehar é a primeira indígena vencedora do Prêmio Shell de Teatro na categoria de Melhor Atriz (por Azira'i). Nascida na Aldeia Colônia, no território indígena Cana Brava, no Maranhão, é uma artista autodidata e multidisciplinar, que vem entrelaçando diálogos entre múltiplas linguagens artísticas e culturais em veículos diversos, como cinema, teatro, streaming e artes visuais, questionando ao longo de suas criações o comportamento da humanidade e suas intervenções socioculturais na atualidade.

Zahy Tentehar, também conhecida como Zahy Guajajara, é uma artista multifacetada, reconhecida por seu trabalho como atriz, roteirista, diretora, performer e ativista indígena brasileira. Nascida na aldeia Colônia, localizada no território indígena Cana Brava, no Maranhão, Zahy pertence ao povo Tentehar-Guajajara e tem o ze'eng eté como sua língua materna.





Jurecê Guató

DANIEL MUNDURUKU

Pajé, remanescente da etnia guató. Um homem cheio de sabedoria, um xamã. Tem plena consciência da situação dos indígenas. Seu povo foi praticamente extinto, e os que sobraram, estão vivendo na floresta. Mas olha para tudo isso de forma contemplativa, pois, em suas palavras, “outros mundos surgirão”.

Em “Terra e Paixão”, produção da Rede Globo de Televisão, exibida em horário nobre entre maio de 2023 e janeiro de 2024, Daniel Munduruku não só contribui como ator, mas também como consultor técnico e cultural para que não houvesse equívocos na abordagem indígena na trama. Seu personagem foi um xamã sábio e visionário, uma liderança espiritual que orientava a comunidade fictícia de Nova Primavera. Representando um elo entre o passado ancestral e o presente, o personagem Jurecê incorporou valores indígenas à narrativa, fortalecendo a visibilidade da cultura nativa na televisão.

Fonte:

<https://gshow.globo.com/novelas/terra-e-paixao/personagem/jurece-guato/>

Curiosidade...

Um xamã é um mediador entre o mundo espiritual e o mundo terreno, que conduz rituais e possui conhecimentos sobre ervas, cura, espíritos e o mundo dos ancestrais. Acreditam em um universo multidimensional, povoado por espíritos, deuses, ancestrais e seres míticos.

As práticas xamânicas são baseadas em uma visão holística do mundo, que considera todos os seres vivos e elementos da natureza interligados.



Foco na Prática

Professores, a popularidade das novelas pode ser um ponto de partida para expandir o repertório dos estudantes em relação às presenças indígenas em diversos espaços. Além do escritor Daniel Munduruku, a novela “Terra e paixão” apresentou um núcleo indígena, formado pelos atores **Mapu Huni Kuin, Suyane Moreira e Rafaela Cocal**.

Pesquise com os estudantes as histórias pessoais, os povos aos quais cada um deles pertence e os territórios desses povos.

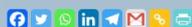


PARA SABER MAIS

Tese premiada acompanha o cinema dos povos indígenas Manoki e Myky

Antropólogo que oferece oficinas audiovisuais em aldeias no Mato Grosso analisou filmes sobre temas como jogos e rituais tradicionais e as relações entre humanos e não humanos

21/11/2024 - Publicado há 2 meses





Fonte:
File:DJUENA TIKUNA 2021 DIEGO
JANATÃ 002.jpg - Wikimedia
Commons

Djuena Tikuna (Aldeia Umariçu II, Terra Indígena Tukuna, Tabatinga, 1984) é uma das maiores referências em música indígena no país. Cantora indígena natural do Amazonas, e primeira jornalista indígena formada no estado, em 2017, tornou-se a primeira indígena a realizar um espetáculo musical no Teatro Amazonas, em Manaus, nos 121 anos de existência do local, onde lançou o álbum Tchautchiüãne. Realizou também a primeira Mostra de Música Indígena - WIYAE do seu estado. Todas as suas composições são cantadas no idioma Tikuna, nome da sua língua materna e, também de seu povo, que habita o Alto Rio Solimões, na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia.



Musicalidades

As musicalidades indígenas são expressões profundamente conectadas às tradições dos povos. Não são apenas formas de entretenimento, mas um elemento essencial para transmissão de saberes culturais e manutenção das identidade e conexões ancestrais, transcendendo a performance sonora, tornando-se uma linguagem capaz de comunicar os sagrados e as histórias.

De acordo com a FUNAI (2022):

“A transmissão das composições é passada oralmente entre gerações, existindo, dessa maneira, canções que privilegiam diferentes momentos da vida cotidiana nas aldeias, como em ritos de passagem, festas em homenagem aos mortos, celebrações cíclicas, cultos aos ancestrais e festas guerreiras. Há, predominantemente, o uso de poucas notas e quase nenhuma variedade de andamento durante a sua execução. O ritmo geral é binário ou ternário e, às vezes, alternam-se em um mesmo verso.”

MOEÛTCHIMA PATCHORÛ NO'E

Clipe de Djuena Tikuna



MOEÛTCHIMA PATCHORÛ NO'E (Clipe DJUENA TIKUNA)



Os instrumentos musicais mais comuns às culturas indígenas do Brasil são o maracá, diferentes tipos de flautas, reco-reco, trombetas, percussão, sopro e os bastões de ritmo. Produzidos e inspirados a partir da natureza presente nos territórios.



O maracá é um dos instrumentos mais conhecidos das culturas indígenas brasileiras. É um tipo de chocalho tradicionalmente feito de cabaça (casca de fruto seco), com sementes ou pedras dentro e é usado para marcar e acompanhar o canto.



As flautas indígenas podem ser feitas de bambu, madeira, ossos ou outros materiais naturais. Muitas vezes, têm um tom suave e melódico e são usadas em rituais espirituais e em momentos de celebração.

Foto: Acervo/Funai

Foco na Prática

Professores, o projeto **Cantos da Floresta** possui um grande acervo de músicas e letras nas línguas dos povos Guarani, Kaingang, Xavante, Krenak, Yudjá, Ikolen-Gavião, Paiter-suruí, Kambeba e Povos do Rio Negro, com pronúncia, tradução, partituras e propostas didáticas relacionadas aos eixos: Escuta, Contextualização e Prática musical. Visite o site com os estudantes e aproveite para apresentar a diversidade das línguas, cantos e saberes dos povos originários.



O cocar é minha casa
Toré Kariri-xoxó

O cocar é minha casa
A maraca meu coração
A xanduca um instrumento
Um instrumento de união
Ou lei lá rá
A reia ráá



O COCAR É MINHA CASA (Kariri-Xoco) CANTANDO AS CULTURAS INDIGENAS



PARA SABER MAIS



NELSON D e ANNA TERRA - NAKAPINTSAPAI

O título da música, NAKAPINTSAPAI, significa “Eu luto”. A produção é uma colaboração entre Nelson D e Anna Terra. Composta no idioma do povo Mehinako, é formada, inteiramente, com sons e efeitos criados a partir de instrumentos indígenas, manipulados com técnicas de sound design e re-contextualizados num estilo contemporâneo.

Na atualidade, muitos artistas indígenas têm adotado a música tradicional como ponto de partida para inovações. A incorporação de influências contemporâneas – como o uso de tecnologia digital, gêneros urbanos, ou colaborações com músicos de outros contextos – tem permitido que as tradições indígenas ganhem visibilidade global e se conectem com públicos diversos.

Ao mesmo tempo, essa fusão entre a tradição e os recursos contemporâneos se torna uma ferramenta de resistência e afirmação da identidade indígena, contestando estereótipos e reivindicando espaço no cenário cultural mundial. A música, como forma de expressão e resistência, serve como um veículo poderoso para o fortalecimento das comunidades e o reconhecimento da diversidade cultural no Brasil e no mundo.

Como é o caso do **BRÔ MCs**, um grupo formado em 2009 por Bruno VN, CH, Tio Creb e Kelvin Mbaretê, indígenas Guarani Kaiowá residentes nas Aldeias Bororó e Jaguapiru, localizadas na Reserva Indígena de Dourados, no Mato Grosso do Sul, região marcada pelo avanço do agronegócio. O grupo ganhou visibilidade em 2010 por suas produções audiovisuais, que mesclam elementos da cultura hip-hop com elementos culturais originários Guarani Kaiowá para afirmar a cultura indígena, estabelecer diálogos interculturais com não-indígenas e denunciar as dificuldades sofridas no contexto da Aldeia.



Brô Mc's Oficial

3,14 mil inscritos · 27 vídeos

O grupo de rap indígena Brô MC's, carrega consigo a força da fala, Nhe'é, um misto de mi...mais

[bromcs.com](#) e mais 2 links

Inscriver-se



Dentre suas realizações, o Brô Mc's construiu o primeiro estúdio de música em uma Aldeia indígena no Brasil, na Terra Indígena Bororó, em Mato Grosso do Sul.



Estúdio do grupo é o primeiro a ser construído em uma reserva indígena. (Foto: Brô ...C's)

De olho na Rede...



Desde 2021, a nossa Rede de Ensino realiza a **Mostra Municipal de Multilinguagens - MML**, um evento que proporciona aos estudantes a oportunidade de criar e apresentar trabalhos nas diversas linguagens artísticas previstas no Currículo Carioca, abrangendo as áreas de Dança, Música, Teatro, Artes Visuais e Sons do Rio.



Em 2024, o tema da Mostra foi "O Brasil e seus Brasis", com foco na influência dos povos originários na formação da identidade cultural brasileira, em consonância com a Lei 11.645/08, que estabelece a abordagem transversal da cultura indígena nos componentes curriculares.



O GET Pixinguinha, localizado no bairro de Vila Kosmos, território da 5ª CRE, apresentou a música Futuro Ancestral na Mostra de Multilinguagens de 2024.



PARA SABER MAIS



A **Coleção Sonora Brasil – A Música dos Povos Originários do Brasil** é um álbum digital que traz um recorte da diversidade cultural e estética dos povos indígenas no território brasileiro.

Foco na Prática

Professor, a partir do documentário “**NIWE BAI ~ caminhos do vento**”, que aborda a pluralidade das cosmopercepções da música para os povos originários, a partir da perspectiva de diversos artistas e pensadores indígenas e não-indígenas, você poderá desenvolver atividades que ajudem a ampliar a sensibilidade cultural dos estudantes, promovendo respeito e admiração pela pelas culturas indígenas.

Em uma extensão da luta por direitos, as conversas refletem igualmente a importância do registro, dos direitos autorais ancestrais e coletivos e da propriedade intelectual desses povos na atualidade.



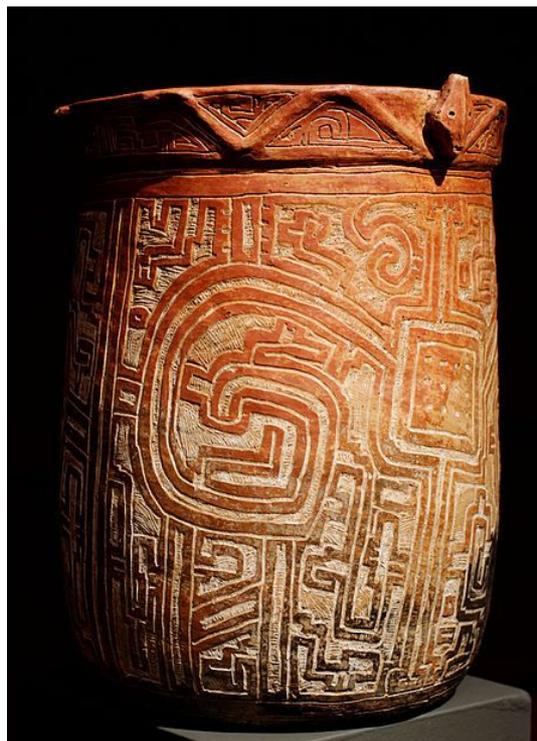
1. Experimente promover uma roda de conversa para discutir as percepções apresentadas no documentário;
2. Criação de músicas inspiradas nas cosmopercepções, estimulando a criatividade e a valorização da diversidade musical;
3. Explore as línguas e cultura dos povos originários, reconhecendo e valorizando as línguas indígenas e suas expressões artísticas;
4. Produza de arte inspirada pela música, relacionando música e artes visuais como formas de expressão cultural;
5. Compare as cosmovisões musicais estimulando a análise crítica e o diálogo intercultural;
6. Produza uma trilha sonora do cotidiano, conectando os sons ao ambiente vivido;
7. Desenvolva estudos de caso sobre artistas e pensadores indígenas, valorizando figuras que contribuem para a preservação da cultura indígena.

Cerâmica: Saberes do barro

As cerâmicas indígenas são tradições milenares desenvolvidas e conectadas às necessidades cotidianas. As peças, como potes, tigelas, panelas e urnas funerárias, são utilizadas para armazenar alimentos, preparar refeições e realizar as ritualísticas. Muitas vezes, dependendo de seus usos, são decoradas com grafismos que representam forças da natureza, animais, espíritos ancestrais ou elementos míticos das culturas dos povos.

Cada povo realiza a confecção das cerâmicas de diferentes modos, utilizando técnicas manuais. Em geral, as argilas são recolhidas nos territórios e moldadas. Após a modelagem, as peças são secas ao sol e cozidas em fornos abertos ou fechados, utilizando nas queimas madeira, palhas ou ervas que dão às peças diferentes resultados e cores.

Em tempos coloniais e pós-coloniais, a cerâmica indígena passou a ser ameaçada pela imposição de culturas e técnicas europeias. Apesar disso, muitas comunidades continuam a produzir cerâmica de forma tradicional como um modo de resistir e preservar as culturas.



Vaso Marajoara - entre 400 e 1000 anos



Moringas de cerâmica do povo Xakriabá - Imagem: Nei Lopes Xakriabá



PARA SABER MAIS

Animação curta-metragem criada através das memórias narradas por Gilda Wankyly Kuita e Iracema Gãh Té Nascimento, lideranças indígenas no sul do Brasil. O filme conta histórias Kaingang sobre a tradição da cerâmica, o barro, a ancestralidade e as cosmovisões a partir das vozes anciãs.



Grafismos

Os grafismos são representações simbólicas e complexas com múltiplos significados para cada povo. São parte da identidade de cada nação, refletem e comunicam informações sobre seus modos de ser e viver.

Existem grafismos variados entre diferentes povos, alguns específicos de determinadas etnias, são patrimônios material e imaterial dos povos originários. Podem fazer referência a animais, plantas e fenômenos naturais, representar mitos, histórias ancestrais, entidades espirituais ou marcar a passagem do tempo, acontecimentos e ciclos da vida das pessoas indígenas, além de fortalecer e canalizar as energias do corpo e do espírito.

Para fazer grafismos, pode-se utilizar o jenipapo verde, que deve ser descascado, ralado e espremido para se transformar em tinta, a tinta vermelha extraída das sementes do urucum, carvão ou argilas de diferentes cores.



O **jenipapo** é uma fruta de uma árvore nativa da região amazônica. Seu uso pelos povos indígenas é principalmente como corante natural, sendo utilizado para pintar o corpo, tecidos e até objetos. O corante extraído da fruta verde ralada tem uma cor preta ou azulada, dependendo do processamento.

Outro fruto utilizado para produzir grafismos pelos povos indígenas é o urucum. Extraído das sementes do fruto da planta *Bixa orellana*, é amplamente utilizado pelos povos indígenas para produzir um pigmento natural, de coloração vermelho-alaranjada.



Este pigmento é preparado esmagando as sementes para liberar sua tinta vibrante, que é então utilizada de diversas maneiras.

Os grafismos criados com o urucum destacam-se por suas cores intensas e são aplicados na pele, tanto no corpo quanto no rosto, como forma de expressão cultural e simbólica. Essas pinturas são especialmente presentes em contextos cerimoniais e rituais, marcando eventos importantes e festividades. Além disso, o uso do urucum vai além da estética: ele possui um profundo significado espiritual e protetivo. Para muitos povos, os grafismos com urucum simbolizam vigor e força, funcionando também como um canal de conexão com os espíritos e com o mundo espiritual. Essa coloração intensa, portanto, reflete a vitalidade e a energia dos indivíduos, além de atuar como um escudo contra energias negativas e perigos.

PARA SABER MAIS

We'e'na Tikuna explicando o significado do grafismo que está sendo feito em seu corpo pela artista Tapixi Guajajara.



GRAFISMO INDÍGENA !!! por WE'E'ENA TIKUNA



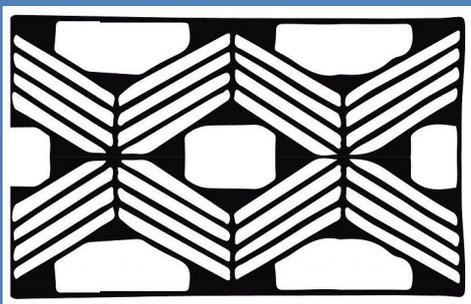
Foco na Prática

Professor, desenvolva com os estudantes uma atividade pedagógica que experimente a Arte com Urucum, investigando as culturas indígenas através do uso desse fruto, promovendo a criatividade, o respeito à diversidade cultural e a compreensão do significado simbólico das pinturas corporais.

Como materiais, utilize sementes de urucum (com casca), recipientes pequenos para misturar o pigmento, água e óleo vegetal (opcional, para fazer a tinta), pincéis ou cotonetes, pedaços de papel branco ou reciclado (para testes e criação artística), espelhos pequenos (para que as crianças vejam suas pinturas), livros, imagens ou vídeos ilustrativos sobre o uso do urucum por povos indígenas.

Com essa atividade, as crianças poderão desenvolver respeito pela diversidade cultural, aprendendo sobre a importância simbólica do urucum nas tradições indígenas, expressando sua criatividade e se envolvendo em um processo artístico significativo.

Como referência, utilize grafismos produzidos por indígenas de diferentes etnias:



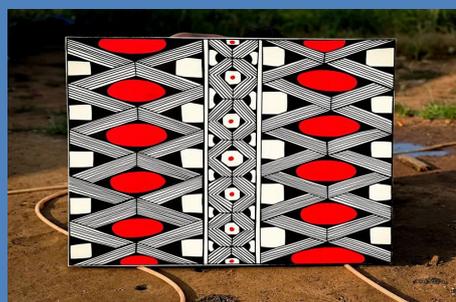
Grafismo Moitará



Kaprá ôk - Pintura do Jabuti
Povo Kayapó



Padrão de desenho ypará ixí que imita o movimento de zigue-zague feito pelas cobras (PRÓ-ÍNDIO,2005. In: MELO, 2005, p. 103) Povo Guarani



Grafismo indígena Kulupeiayana
Waxamani Mehinako

As Escolas de Samba

Os enredos sobre povos indígenas nas escolas de samba têm ganhado destaque nos últimos anos, reforçando a valorização da cultura indígena, a conscientização sobre suas lutas e contribuições. Tradicionalmente, os desfiles abordam temas históricos, culturais e sociais, e os temas indígenas têm sido escolhidos por diversas escolas de samba como uma maneira de reconhecer e celebrar as histórias, cosmologias e diversidade dos povos indígenas do Brasil.

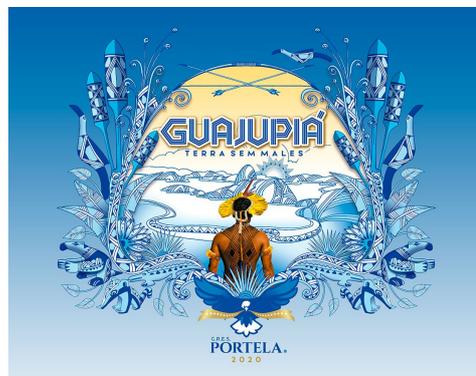
Alguns exemplos de como essas escolas têm abordado a história e cultura indígena em seus desfiles:

Valorização das raízes indígenas: Muitas escolas de samba utilizam o desfile para lembrar a ancestralidade indígena presente na cultura brasileira. Ao trazer temas que destacam cosmologias e tradições, as escolas oferecem ao público um vislumbre das ricas tradições culturais dos povos.

Denúncia das violações de direitos: Além das homenagens, as escolas também usam os enredos para denunciar injustiças, como a destruição de territórios e os ataques aos direitos das populações indígenas. Questões que ganham visibilidade através dos carros alegóricos e das fantasias, que retratam as dificuldades enfrentadas pelos povos indígenas na contemporaneidade.

Conscientização sobre sustentabilidade e natureza: As escolas abordam a conexão profunda dos povos indígenas com a natureza, enfatizando temas de preservação ambiental e sustentabilidade. Utilizando esses temas para contribuir com a conscientização do público em relação a importância de preservar o meio ambiente e reconhecer a sabedoria indígena nesse aspecto.

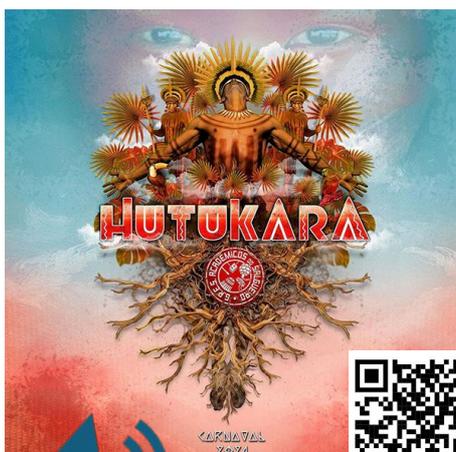
Participação indígena nos desfiles: É fundamental que as comunidades indígenas sejam convidadas a participar dos desfiles, colaborando nas pesquisas e análises dos enredos, aprovando as fantasias e carros projetados pelas carnavalescos e também desfilando na avenida. Isso confere respeito e representa um reconhecimento direto das vozes e histórias que estão sendo contadas.



A G.R.E.S. Portela homenageou o povo Tupi-Guarani no carnaval de 2020.

Os enredos não são apenas uma homenagem, mas também uma oportunidade para educar o público e promover o respeito e a valorização dos povos indígenas.

PARA SABER MAIS



“Ya temi xoa, aê-êa
Ya temi xoa, aê-êa
Meu Salgueiro é a flecha
pelo povo da floresta
Pois a chance que nos
resta é um Brasil cocar”

Samba-enredo Hutukara,
da Acadêmicos da
Salgueiro, 2024

Em 2024, a G.R.E.S Acadêmicos do Salgueiro levou para a avenida, um desfile para exaltar a mitologia Yanomami e instigar reflexões acerca das questões ambientais.

Com o enredo Hutukara, a escola de samba exaltou o povo guerreiro, com visões específicas de mundo que mantém uma relação singular com a floresta.

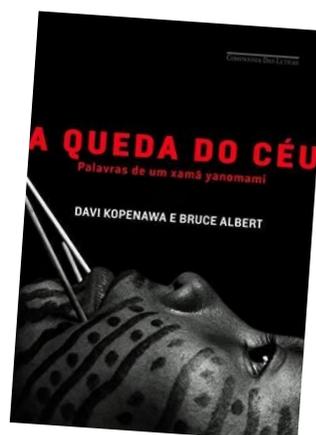
A palavra “Hutukara” significa “o céu original a partir do qual se formou a terra” na língua Yanomami.



Fonte: Flickr

Um dos momentos mais marcantes do desfile foi o canto da frase **“Ya Temi Xoa”** pela comunidade negra da escola, acompanhada de líderes Yanomami. A frase, que significa **“eu ainda estou vivo”**, foi um alerta em defesa dos Yanomami e da Amazônia.

A riqueza cultural Yanomami é narrada no livro “A Queda do Céu”, do xamã e líder indígena Davi Kopenawa, que serviu de inspiração para a escola de samba Acadêmicos da Salgueiro.



O enredo de 2024 do G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio trouxe para o centro do debate o manto tupinambá, um artefato indígena sagrado e raro, que se encontrava fora do Brasil há séculos. Este enredo trouxe à tona a luta do povo Tupinambá em relação ao retorno do manto ao Brasil e as discussões sobre a importância de preservar e valorizar o patrimônio cultural indígena.

O desfile apresentou um chamado de consciência sobre a luta dos povos indígenas pelo reconhecimento de suas identidades e pelo direito à seus patrimônios culturais.



Fonte: Foto: Reprodução/Twitter

Além disso, essa discussão sobre a repatriação de artefatos indígenas não se limita apenas ao manto tupinambá, mas se estende a muitos outros objetos que são parte da memória e da espiritualidade dos povos originários do Brasil e de outras regiões do mundo.

Foco na Prática

Professor, experimente apresentar aos estudantes a sinopse do enredo da G.R.E.S Acadêmicos da Grande Rio, apresentado no carnaval de 2024. Nessa aula, utilize o material produzido pela Gerer, onde você também encontrará outros enredos étnico-referenciados apresentados no carnaval de 2024.



ENREDO

A Acadêmicos do Grande Rio apresentará ao público um mito indígena Tupinambá para destacar a importância das cosmologias dos nossos povos originários na formulação da identidade brasileira. Tendo como protagonista a onça, desconstituída de sua essência animal para ser destacada, metaforicamente, como um ser sagrado e criador, são pensadas as disputas identitárias brasileiras diante sua característica mais marcante: a resistência que impulsiona seu poder de recriação.

Rio Acadêmicos



No vídeo, Glicéria Tupinambá, artista e liderança indígena, fala sobre sua trajetória com o manto tupinambá.

Em São Paulo, a Acadêmicos do Tucuruvi levará para o Anhembi, em 2025, o enredo “Assojaba – A Busca pelo Manto”.

A pesquisa e definição do tema contou com o apoio da liderança Glicéria Tupinambá e o enredo será desenvolvido pelos carnavalescos Dione Leite e Nicolas Gonçalves, além do pesquisador Vinícius Natal. O enredo remonta os primeiros encontros com europeus que chegavam na costa brasileira e o processo de desapropriação do manto que é um símbolo da memória e da resistência do povo Tupinambá.



“Não foi feito pra você
Não foi feito pra vender
A vontade do manto vai prelevacer
Kwa yepé turusu yuriri
Assojaba Tucuruvi”

Samba-enredo (Tucuruvi 2025)



Fonte: Flip

Glicéria Tupinambá, também conhecida como Célia Tupinambá, é uma liderança indígena da aldeia Serra do Padeiro, na Terra Indígena Tupinambá de Olivença (Bahia). Atua intensamente na política e na vida religiosa do povo Tupinambá, com foco em educação, organização produtiva, serviços sociais e direitos das mulheres. Foi professora no Colégio Estadual Indígena Tupinambá e tem formação em Licenciatura Intercultural Indígena pelo IFBA, além de cursar mestrado em Antropologia Social na UFRJ. Representa seu povo junto à ONU Mulheres e produziu, em 2015, o documentário Voz das Mulheres Indígenas. Entre seus feitos recentes, foi curadora de uma exposição sobre o manto Tupinambá (2021) e venceu a 10ª Bolsa de Fotografia ZUM/IMS com o projeto Nós somos pássaros que andam, exibido na mostra “Entre nós: dez anos de Bolsa ZUM/IMS.”



Curiosidade...

O desfile de 2022 da Acadêmicos do Sossego desenvolvido pelo carnavalesco André Rodrigues, intitulado "Visões Xamânicas", trouxe uma homenagem poética e profunda às cosmovisões indígenas, e também foi inspirado na obra "A Queda do Céu", do líder e xamã yanomami Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert.

O enredo mergulhou nas percepções xamânicas, narrando o modo como os povos indígenas entendem o mundo, a natureza e a espiritualidade. Em "A Queda do Céu", Kopenawa descreve o impacto devastador da presença colonial e dos garimpeiros na Amazônia, além da importância de se preservar a floresta, que é não só um lar, mas também o local sagrado onde habitam os espíritos.



“Pajé voltou para contar que o céu desabou
Fumaça traziam sagradas visões
Na dança ancestral me revelou
Das ervas evocou os guardiões”

Samba-enredo (Sossego 2022)

Os sambas-enredo têm desempenhado um papel significativo ao trazer as questões indígenas para o centro do debate público, utilizando a música, a poesia e as narrativas carnavalescas como ferramentas poderosas de conscientização e reflexão. Algumas formas pelas quais isso acontece:

- 1. Visibilidade Cultural e Histórica**
- 2. Denúncia de Injustiças e Direitos Violados**
- 3. Valorização de Saberes Ancestrais**
- 4. Inspiração para Reflexão e Diálogo**
- 5. Mobilização de Ações Coletivas**

Foco na Prática

Professores, os sambas-enredos podem ser ótimas referências para o trabalho pedagógico em sala de aula, podendo auxiliar no desenvolvimento das habilidades de leitura textual, de imagens e territorial dos estudantes.

Aproveite o tema do enredo de 2025 da Escola de Samba Unidos de Bangu para conversar e trabalhar com os estudantes sobre as lutas indígenas, presenças e atuações nos contextos urbanos no passado e no presente.

O enredo traz o tema **“Maraka’Anandê: Resistência Ancestral”**, um tributo à Aldeia Marakanã, emblemático espaço indígena localizado no Rio de Janeiro. Símbolo de resistência na cidade, localizada nas proximidades do antigo Museu do Índio e ao lado do estádio do Maracanã, território ancestral que abrigava a aldeia Jabebiracica, a mais importante aldeia tupinambá da Guanabara.

Hoje, a Aldeia Marakanã luta pela preservação de sua identidade, cultura e território no contexto urbano, além do tombamento do prédio histórico e do reconhecimento da Universidade Indígena Pluriétnica na comunidade.

O enredo que será apresentado no Carnaval de 2025 é de autoria dos carnavalescos Raphael Torres e Alexandre Rangel.

“Ancestral tupinambá! Um guerreiro anti servil
Sou a taba de lutar pela Aldeia do Brasil
Pela honra desse chão! Por um novo amanhã
Originária Bangu, Marakanã!
Vibra! Quando maraca brada jabebiracica
É o passado e o futuro feito espelho
Corpo Vermelho tinge o branco da história”

Samba-enredo (Bangu 2025)



Questões Frequentes



Guia:

EDUCAÇÃO PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lei 11.645/08

Cumprimentar pessoas indígenas “batendo na boca” é considerado ofensivo?

Sim, é considerado ofensivo. O movimento de bater a palma da mão na boca, emitindo o som *uh!* não faz parte dos gestuais e formas de comunicação dos povos indígenas do Brasil. É um gesto que se popularizou através dos filmes de faroeste, produções audiovisuais do início do século XX, que retratam de forma genérica e estereotipada as culturas indígenas do território conhecido hoje como Estados Unidos da América. O amplo alcance e distribuição dessas imagens influenciou a atribuição de características descontextualizadas à todas as pessoas indígenas, influenciando outras produções e imaginários.

Se considerarmos o território brasileiro nos dias atuais, estamos falando de mais de 300 etnias, inúmeras possibilidades de aprendizagem com diferentes modos de viver, se relacionar com a vida e se comunicar. Que tal pesquisar como os diversos povos se saúdam e cumprimentam?

PARA SABER MAIS

Originária



Os adornos indígenas podem ser usados como fantasia?

Embora algumas pessoas considerem os adornos e pinturas apenas como elementos puramente estéticos e/ou criativos, eles têm um profundo significado cultural, espiritual e histórico para os povos indígenas e estão ligados à rituais, tradições, identidades e pertencimentos. Por isso seus usos como fantasia não são recomendados e podem ser considerados desrespeito e perpetuação de violência contra essas populações.

É possível admirar, homenagear, celebrar a diversidade cultural, apoiar as culturas indígenas e para isso precisamos encontrar formas respeitadas de fazê-lo. Algumas possibilidades são o apoio às produções artísticas e projetos de fortalecimento das culturas, a compra de empreendedores indígenas, a participação de eventos culturais e educacionais que promovam o respeito, celebrem e valorizem as culturas indígenas, seus significados e contextos.

Se você deseja incorporar elementos da cultura indígena de forma cuidadosa, pesquise e busque a colaboração de membros das comunidades, organizações e artistas indígenas que estão abertos a parcerias para compartilhar suas tradições e conhecimentos.

"Nós não somos fantasias. Somos luta e resistência".

Luciene Kaxinawá, Jornalista.

Disponível em: <https://abrir.link/PIKba>



Guia:

EDUCAÇÃO PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lei 11.645/08



ATIVIDADES

| | |
|---|---|
|  | Etapa/ Modalidade: Educação Infantil |
| | Componentes Curriculares: Traços, sons, cores e formas |
| | Eixo do Guia: Multilinguagens |

Os sons da mata

A música é uma das manifestações, nas comunidades indígenas brasileiras, que nos permite observar os movimentos de celebração, conexão e resistência de suas culturas. A junção dos sons produzidos pelos diferentes instrumentos musicais, em sincronia com os movimentos de seus corpos, produzem melodias que unem a ancestralidade e o presente; fortalecem as relações sociais cotidianas e reafirmam a harmonia entre a natureza humana e o meio ambiente. Presente em diferentes rituais de socialização, a música tradicional indígena é composta por pequenos versos que se repetem e por melodias que reproduzem os sons presentes na natureza.



Rede de Apoio ao Povo Kariri Xocó.

O canto dos pássaros e o barulho da chuva são alguns exemplos de sons da Mata que são reproduzidos.

Para conseguir esse efeito, são construídos instrumentos musicais, com os elementos naturais encontrados em seus territórios, tais como: folhas, grãos, caules e cascas de frutas.

A partir de sequência musical que apresentamos, é possível organizar diferentes possibilidades de experimentação com sua turma! Indicamos que inicie pela percepção auditiva, buscando o reconhecimento dessa sonoridade.

**Flauta e dança
Cariço com a
Comunidade
Bayaróá**



**Taquara - música
para espantar
maus espíritos
Yudjá**



**Arco de boca
Kaingang - VYJ
Sĩ**



Apresentamos alguns questionamentos que podem orientar as reflexões de seu grupo:

Já ouvimos esses sons em algum outro lugar?

Os sons apresentados são iguais ou diferentes?

Conhecemos instrumentos que podem produzir esses sons?

Quais os sons da natureza que ouvimos em nossa Unidade Escolar?

Que elementos naturais podemos utilizar para reproduzir esses sons?

Amplie a experiência sonora apresentando outros instrumentos musicais da cultura indígena, tais como o maracá, flautas, tambores e chocalhos e convide seu grupo para confeccionar seus instrumentos favoritos.

Selecione alguns elementos naturais e objetos do cotidiano e descubra diferentes sons que podem ser produzidos a partir de movimentos como o chacoalhar e o soprar, por exemplo.



Pau de Chuva /Acervo:
Museu da Imagem e do Som de Santa
Catarina-MISC

Deixamos como inspiração um passo a passo para a confecção do pau de chuva.

Materiais:

- 2 Bexigas de festa;
- Rolo de papel toalha ou higiênico;
- Sementes;
- Arame de artesanato;
- Itens decorativos (tintas, giz de cera, hidrocor...)

Professor (a):

1. Prepare anteriormente o material, cortando pedaços de arame de artesanato e colocando dentro do rolo de papel;
2. Corte a ponta de soprar da bexiga.

Com as crianças:

1. Coloque uma bexiga em uma das pontas do rolo de papel, tampando uma de suas saídas;
2. Transfira os grãos para dentro do rolo de papel;
3. Utilize a outra bexiga para tampar a outra parte do rolo;
4. Decore a parte externa do rolo;
5. Agora é só usar.

(Fonte: Museu da Imagem e do Som /Santa Catarina)

Algumas dicas:

- Aproveite os novos instrumentos e experimente criar melodias com o grupo.
- Pesquise canções indígenas e apresente às crianças.
- Que tal fazer uma apresentação para os colegas das outras turmas?

ATIVIDADES



Etapa/ Modalidade: Educação Infantil

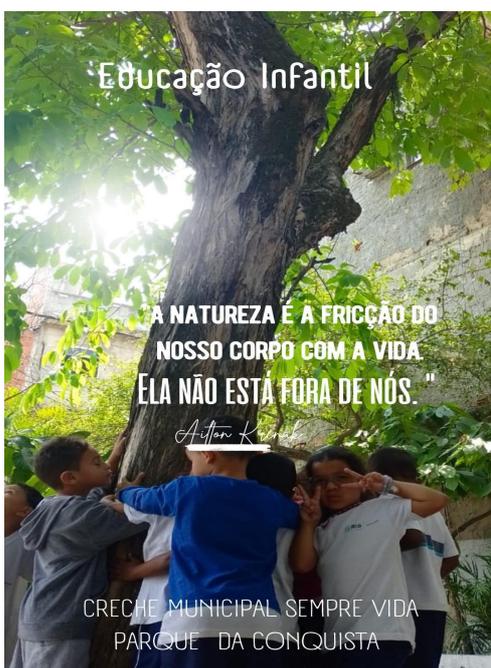
Componentes Curriculares: O eu, o outro e o nós

Eixo do Guia: Representações Positivas

Povos Indígenas e a Natureza

Para os povos indígenas a natureza é viva e devemos ter uma relação de respeito com os ambientes naturais. As crianças indígenas possuem um vínculo profundo com a natureza porque ela tem a força necessária para despertar a imaginação, o respeito, o cuidado e os afetos. A criança é natureza e a natureza é a criança.

Podemos inserir elementos naturais nas nossas práticas. Que tal um contexto convidativo de pincéis feitos com elementos naturais?



Os elementos da natureza podem ser brinquedos e acessórios. O que teoricamente chamamos de **brincar telúrico**.

Uma brincadeira simples e muito divertida é propor às crianças a criação de pulseiras com fita adesiva e elementos naturais.



Você sabia?

No anel dourado das moedas de R\$1,00 (um real) existem grafismos indígenas de origem marajoara fazendo referência às raízes originárias do povo brasileiro.



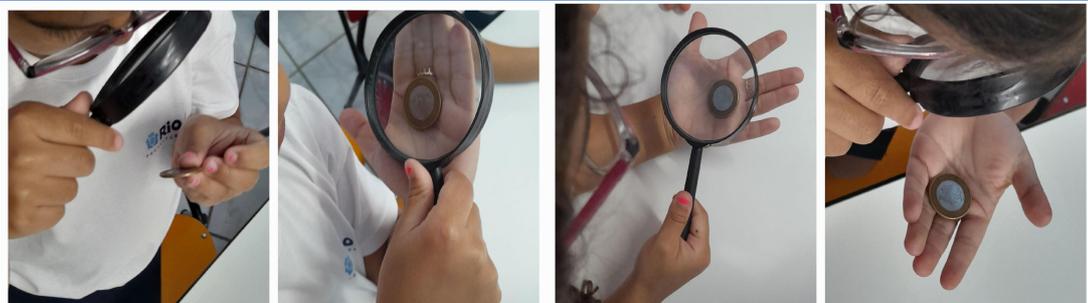
Os grafismos são marcas das identidades culturais dos povos indígenas.

São inspirados em observações do ambiente e elementos da natureza.

Que tal observar todo ambiente da escola? Percebam os detalhes.



Vamos observar a nossa moeda de R\$1,00? O quê podemos ver? Como é o grafismo dessa moeda?



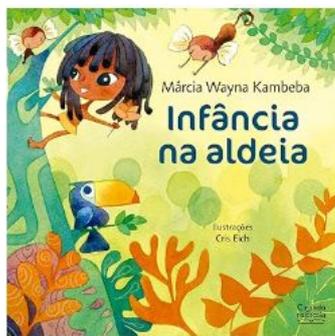
Museu das Culturas Indígenas Podcast Tavas: Grafismos



ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapas/ Modalidade: Educação Infantil |
| | Componentes Curriculares: O eu, o outro e o nós |
| | Eixo do Guia: Representações Positivas |

Leitura do livro “Infância na aldeia” da autora Márcia Wayna kambeba.



Crescer - A infância nas aldeias

Infância na aldeia



Vamos conversar e desenhar! Na leitura do livro vimos que a cunhã vive a sua infância cercada pela natureza. E onde você mora, como as infâncias são vividas? Do que as crianças costumam brincar? Quais elementos da natureza estão presentes? Nos conte através de um desenho.

O que desejamos saber sobre a autora Márcia Wayna Kambeba?

Após a leitura, interrogue as crianças a respeito do que desejam saber sobre a autora indígena e registre por escrito. Em seguida, retome o livro, na página com a biografia da autora, e leia as informações com as crianças.



Para ampliar, apresente a música "Cuara açú", de Marcia Wayna Kambeba

Sinopse: A música fala da importância de se voltar a aldeia, fazendo o GRANDE CAMINHO e de abraçar e cantar a cultura da luta de todos os povos para manter viva a chama ancestral. A letra traz essa mensagem de força, resistência e união dos povos dentro e fora da aldeia. A musicalidade indígena cantada pelos filhos da terra não perde sua essência e originalidade.

Áudios > Canções

CUARA AÇÚ

▶ 0:00 / 4:10 — 🔊 ⋮

Publicado por: Márcia Wayna Kambeba
Data: 19/06/2017
Classificação de conteúdo: seguro

Créditos

Melodia: Márcia Wayna Kambeba
Letra: Márcia Wayna Kambeba
Percussão: Rafael Barros



ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: Educação Infantil |
| | Componentes Curriculares: Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações |
| | Eixo do Guia: Território |

As sementes são o primeiro elo do ser humano com a natureza. Elas podem ficar adormecidas por um longo período de tempo até que sejam plantadas em lugares que lhes proporcionem boas condições de desenvolvimento.

Para os povos indígenas as sementes são sagradas e trazem uma memória ancestral, cada povo seguindo os ensinamentos passados de geração para geração. As sementes são manipuladas com amor e cuidado pois servem para a agricultura. Seu processo de crescimento deve ser respeitado, assim como o meio ambiente e o tempo da natureza, garantindo o alimento, a habitação e o cuidado com a saúde do território. O plantio e a colheita são realizados, por muitos povos, com festejos chamados de rituais.

Das sementes também são confeccionadas lindas biojóias, utilizadas como adornos e proteção.



Semente Kapi 'ia colhida na Aldeia Indígena do Lago de Mabaça – Povo Tupinambá de Olivença/BA



Colar de Kapi 'ia - também conhecido como Lágrima de Nossa Senhora. Artesã Xapuko - Povo Puri



Semente de Abóbora -
Processo de secagem para
posterior plantio.



Semente de Milho.

Agora, vamos juntos!

Viram como as sementes são importantes para a cultura indígena?

Vocês sabem como surgiram os alimentos que vocês comem? Muitos deles precisaram que suas sementes fossem plantadas, cuidadas e colhidas. Vocês sabem quais alimentos do consumo diário passaram por esse processo?

Com a ajuda de um adulto faça um cartaz bem bonito colando nele imagens de alimentos que precisaram ser cultivados para chegarem até vocês.

Sugestões:

Coloque em saquinhos transparentes as sementes dos alimentos cujas imagens serão coladas no cartaz.

A criança poderá desenhar a alimento usando a criatividade.

Experimentem fazer um passeio em volta da escola, em diferentes momentos do ano para acompanharem os ciclos das plantas, quando estão florescendo, dando frutos, sementes e quais animais e insetos interagem com elas durante esse período.

Se não houver essa possibilidade, plantem juntos alguns vasilhinhos ou garrafas pet com espécies diferentes e observem de pertinho as transformações. Sementes de feijões, milho e trigo brotam rapidamente e ervas como o manjeriço e erva cidreira são de fácil manejo e florescem com facilidade.

ATIVIDADES

| | |
|---|---|
|  | Etapa/ Modalidade: Educação Infantil |
| | Componentes Curriculares: Escuta, fala, pensamento e imaginação. |
| | Eixo do Guia: Território |

Conhecendo nosso território

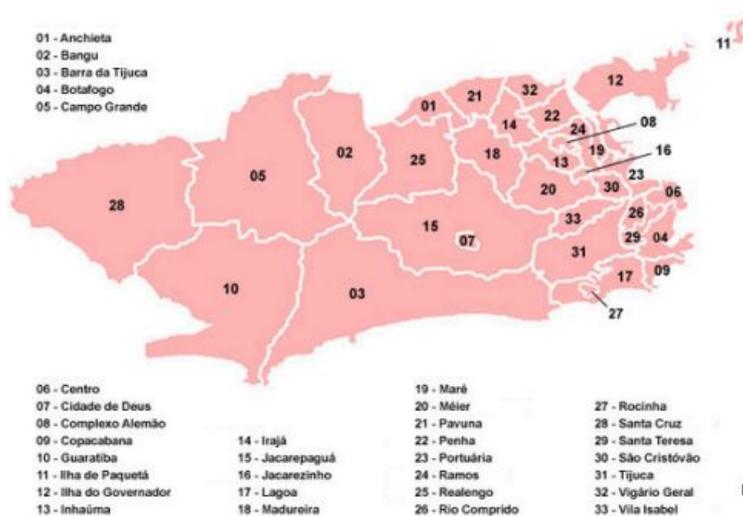


Conheça essa literatura que te ajudará a ampliar o olhar sobre **CASA**

Yano, Ëjcre, Üne, Oo — por incrível que pareça, essas quatro palavras significam a mesma coisa. Representam, na língua de quatro povos indígenas diferentes, os Yanomami, os Krahô, os Kuikuro e os Guarani Mbya, o vocábulo **casa**.

VOCÊ SABIA?

Vários bairros da nossa cidade, Rio de Janeiro, tem nome de origem indígena: Guaratiba, Inhoaíba, Maracanã, Tijuca, Jacarepaguá, entre outros.

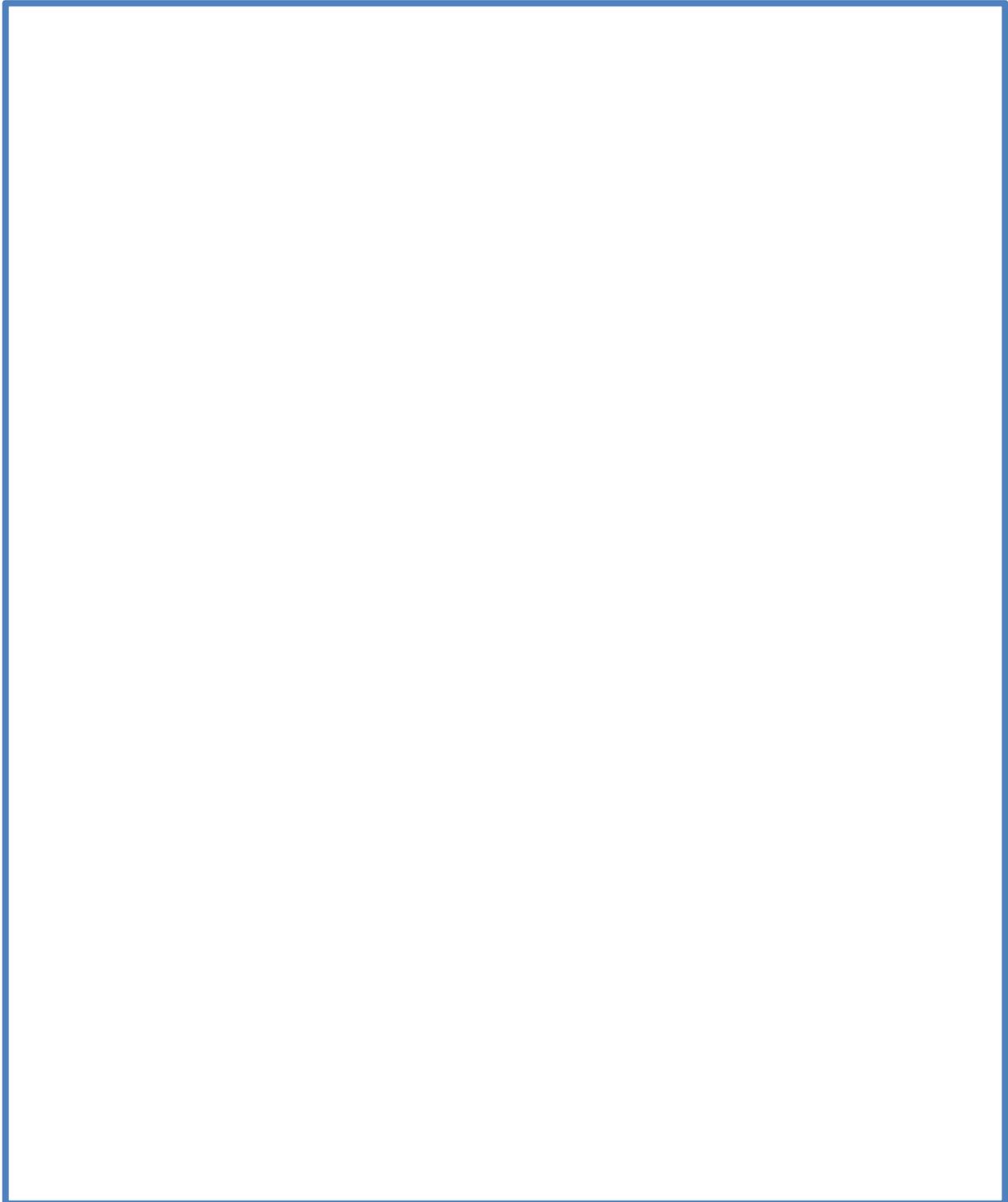


EDI MARLY DOS SANTOS DE OLIVEIRA(MARLY MARINHO) 9º CRE REGISTRANDO O NOME DAS RUAS DE ORIGEM INDÍGENA E SEUS SIGNIFICADOS

Com ajuda do seu professor encontre no mapa o seu bairro e envolva.

Após a leitura do livro, converse com as crianças sobre o bairro, a rua e a casa onde moram. Ajude-os a identificar se existem referências indígenas nesse território e solicite que as crianças:

- Escrevam o nome do seu bairro e conversem com os colegas se identificam algo em comum com as aldeias indígenas.
- Registrem através de um desenho o que existe em comum entre seu bairro e as aldeias que conheceram no livro.



ATIVIDADES



Etapa/ Modalidade: Anos Iniciais

Componentes Curriculares: Língua Portuguesa

Eixo do Guia: Multilinguagens

A origem do milho e o Povo Guarani

No estado do Rio de Janeiro existem sete aldeias do povo guarani. Para esse povo, o milho (*avaxi ete'i*) é um fruto sagrado, em que a tradição para o seu plantio organiza o calendário e a forma de vida deles, portanto, antes de seu consumo, há um processo que ocorre desde a seleção das sementes crioulas. Por isso, existem várias histórias sobre ele.

Para conhecer um pouco mais sobre o povo guarani

Livro “Teko hypy: a origem do mundo”i.



Documentário “Avaxi Ete'i - Milho Verdadeiro”



Portal: Histórias e cultura Guarani



Imagem retirada do livro “Yvyrupa: a sabedoria Mbya Guarani, desconstruindo preconceitos e transformando Maricá”.

Mostre imagens de diferentes tipos de milho e pergunte para os estudantes se já viram cores tão diferentes de um mesmo alimento.

Vocês podem também pesquisar juntos quais outros alimentos da mesma família possuem cores variadas, qual a importância da preservação da diversidade alimentar e o papel de povos indígenas e quilombolas no manejo e preservação destas espécies.

Produza com sua turma cartazes sobre a relação da cultura Guarani com o milho e compartilhem com toda a escola o que vocês aprenderam!

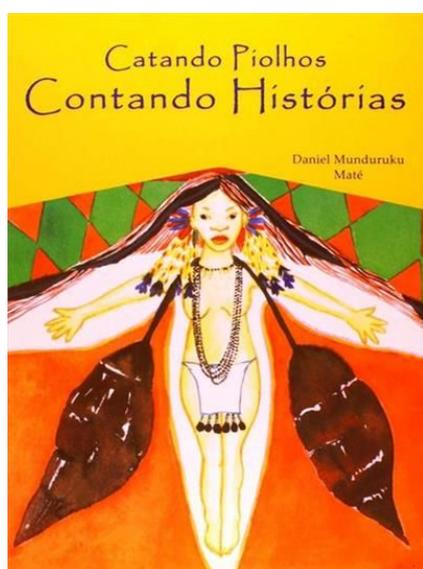
Glossário: Semente crioula - sementes que foram selecionadas e manejadas pelos agricultores, no ambiente de cultivo local.

ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: Anos Iniciais |
| | Componentes Curriculares: Educação Física |
| | Eixo do Guia: Multilinguagens |

Brincar para aprender

Iniciaremos esta proposta com a leitura de um trecho do livro “*Catando Piolhos, Contando Histórias*”, de Daniel Munduruku, com ilustrações da Maté, que nos apresenta a importância do brincar!



“Assim a gente aprendia. Não precisava ninguém chamar a nossa atenção ou implorar que a gente ficasse quieto para poder falar. Não. Todos nós tínhamos que fazer um respeitoso silêncio quando algum adulto, especialmente se fosse já um avô ou avó, falava. Eles falavam e a gente ouvia.

E o mais interessante é que eles sempre diziam a mesma coisa: é preciso estarmos atentos aos sinais da natureza. Ela nos revela quem somos e qual o melhor caminho a seguir.

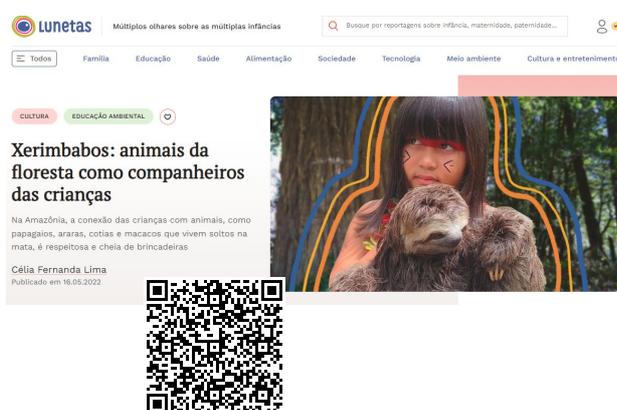
– Mas como “ouvir” esses sinais, meu avô? – perguntávamos sem receio.

– Vocês têm que brincar, meus netos. Vocês têm que brincar – respondia o velho sorrindo.

E não adiantava perguntar o que poderiam significar aquelas palavras.

Desde criança aprendíamos que as palavras significam muitas coisas ao mesmo tempo, e que é preciso ir atrás do significado delas para poder compreendê-las. E assim fazíamos. (...)”

Outro ensinamento importante para os indígenas é a relação de respeito e cuidado que devemos ter com as florestas e com os animais. Os animais são companheiros das crianças, e na língua tupinambá são chamados de xerimbabos, que significa “coisa querida”, “animal de estimação”. Dentro ou fora da floresta, a relação com os xerimbabos ajuda a entender que somos todos natureza.



Lunetas Múltiplos olhares sobre as múltiplas infâncias

Busque por reportagens sobre infância, maternidade, paternidade...

Todos Família Educação Saúde Alimentação Sociedade Tecnologia Meio ambiente Cultura e entretenimento

CULTURA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Xerimbabos: animais da floresta como companheiros das crianças

Na Amazônia, a conexão das crianças com animais, como papagaios, araras, cotias e macacos que vivem soltos na mata, é respeitosa e cheia de brincadeiras

Célia Fernanda Lima
Publicado em 16.05.2022



Agora que já sabemos da importância do brincar e da relação de respeito, cuidado e carinho que os povos originários têm com as florestas e com os xerimbabos, vamos brincar!

Atividade 1

Ginástica dos Xerimbabos

Inspirada na dinâmica do movimento dos xerimbabos, esta atividade visa a desenvolver a conscientização corporal e coordenação motora além de valorizar a relação das crianças com os animais. Durante a atividade, os alunos deverão representar os movimentos de sapos, macacos, onças, jacarés, cobras, aves, etc.

Atividade 2

Brincadeira do Tucunaré*

Um espaço é delimitado com paus fincados, ou cones no chão e barbantes amarrados, formando dois quadrados, um dentro do outro, representando o raso e o fundo. Enquanto os tucunarés ficam no quadro central, (do fundo) tentam pegar os peixes menores no quadrado de dentro (raso).



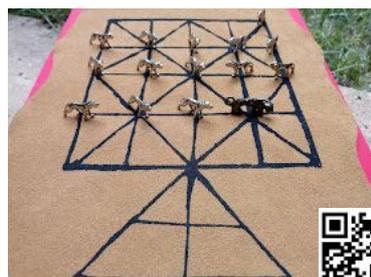
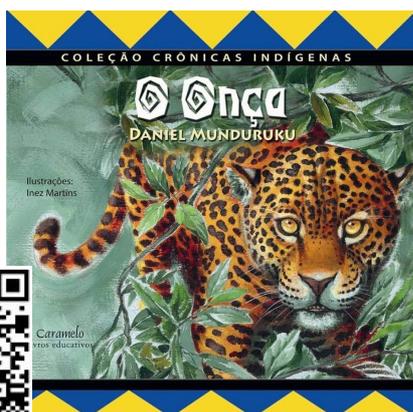
O tucunaré é originalmente uma espécie típica da região amazônica e da Bacia Tocantins-Araguaia.

Atividade 3

A onça e a galinha

Uma espécie de pega-pega onde a onça precisa caçar uma das galinhas que atravessa o campo, onde a fera vive. Para isso, precisamos demarcar um campo no chão e traçar uma linha no meio. Enquanto a criança que representa a onça fica no centro, as crianças que são as galinhas atravessam o campo correndo. A ideia é fugir do ataque da onça.

Materiais que podem complementar as brincadeiras:



Jogo de Onça



Atividade 4

Hora do Kiri

De acordo com Kaká Werá, brasileiro de origem indígena tapuia, o Kiri é uma prática contemplativa indígena que busca o alinhamento entre o mundo de fora e o mundo de dentro. Podemos associar esta prática ao que a cultura oriental chama de meditação e, inspirados no Kiri, faremos neste momento, o que chamamos na Educação Física Escolar de volta à calma. A proposta é que os alunos usem a imaginação para fazer uma viagem pela grande floresta. Dispostos em roda e de mãos dadas, como forma de fortalecimento de vínculos, os alunos deverão fechar os olhos e imaginar que estão imerso na floresta junto com todos os animais que ali vivem. Utilizaremos para essa prática, o áudio de “Sons da selva: uma viagem auditiva pela Amazônia 4k”.



Sons da selva uma viagem auditiva pela Amazônia 4k



ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: Anos Iniciais |
| | Componentes Curriculares: Língua Portuguesa |
| | Eixo do Guia: Representações Positivas |

Leia os trechos dos textos a seguir:

Texto 1

Agosto Indígena!?

“O Dia dos Povos Indígenas, 19 de abril, foi criado por Getúlio Vargas, presidente do Brasil, em 1943. Inicialmente a data era conhecida como “Dia do Índio”, mas o nome foi revisado e corrigido. Por quê? Bem, porque “índio” foi um termo usado pelos colonizadores europeus para se referir aos povos que já viviam nas Américas, derivando de um erro cometido em 1492: quando Cristóvão Colombo aqui aportou acreditando ter chegado às Índias. Para os colonizadores, ‘índio’ era, digamos, um povo único e pouco valorizado. Mas a História revelou que aqueles que os colonizadores desejavam desvalorizar eram (e são!) os povos originários que habitavam e ainda habitam o território que hoje conhecemos como América. Como forma de reconhecer e respeitar as diferentes etnias e culturas, o Brasil passou a adotar o termo ‘indígena’ para se referir a todos que integram os povos originários.”
[...]

Texto adaptado. Fonte: <https://chc.org.br/artigo/agosto-indigena/> Acesso em 28 de out. de 2024.

Texto 2

Índio eu não sou (Márcia Wayna Kambeba)

Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu
Nem como apelido quero levar
Um erro que Colombo cometeu.

Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.

Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.

A leitura dos textos pode nos ajudar a refletir sobre a invisibilidade de personalidades indígenas em nosso país.

Vamos pensar juntos:

Você já parou para pensar sobre os termos “índio” e “indígena”? Qual a origem e seus significados?

De acordo com o texto “Agosto Indígena?!”, qual era o significado do termo “índio”?

Pensar essas questões nos ajudam a refletir sobre a construção do nosso país?

Se eles são os primeiros habitantes desse chão, porque temos poucos representantes indígenas nos espaços de poder?

Quais são as etnias que aparecem no texto “Índio não sou!”, de Márcia Kambeba?

Agora, é a sua vez de pesquisar e registrar personalidades indígenas de diferentes áreas e suas respectivas etnias no quadro abaixo:

| Nome | Etnia |
|------|-------|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: Anos Iniciais |
| | Componentes Curriculares: Língua Portuguesa |
| | Eixo do Guia: Representações Positivas |

Atualmente, a internet é muito utilizada por escritores, leitores e outros participantes da comunidade literária. Nas redes sociais podemos descobrir lançamentos, ler as resenhas e comentários de outros leitores e até mesmo conversar com autores.

O perfil “[Literatura Indígena Brasileira](#)” administrado pela indígena **Carina Pataxó**, por exemplo, é especializado em Literatura Indígena, divulga obras e eventos literários de diversas etnias, para as diferentes faixas etárias de leitores.

1 - Professor, visite o Feed do perfil e apresente aos estudantes imagens que possibilitem a análise e resposta das seguintes questões:

a) Qual é a etnia da administradora do perfil?

b) Além de comandar o perfil literário, que outras atividades a administradora realiza?

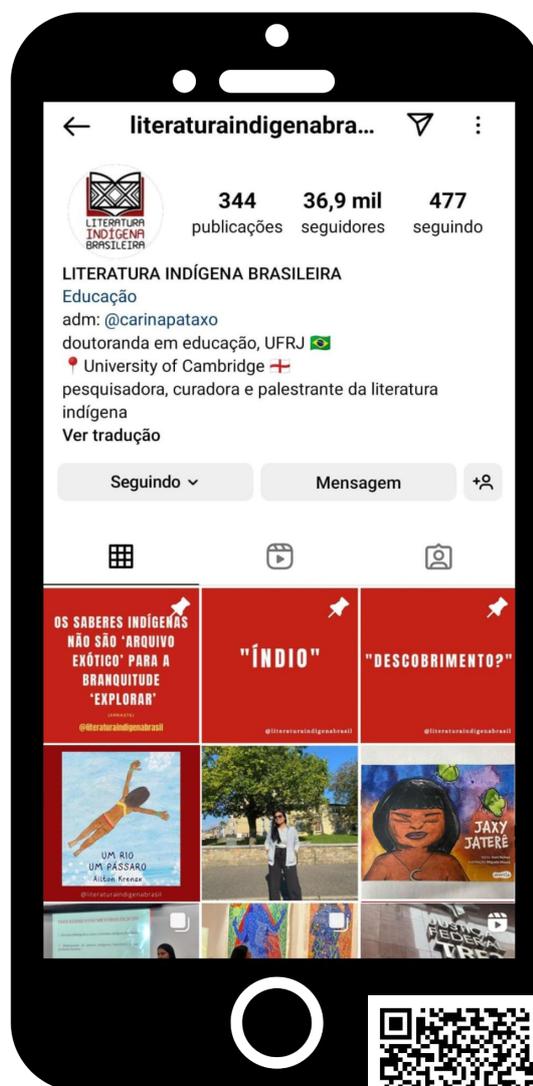
c) Quantos seguidores o perfil tem?

d) Quais os títulos dos livros divulgados no Feed?

e) Você acredita que esses livros são destinados ao público:

- () jovem
- () infantil
- () adulto

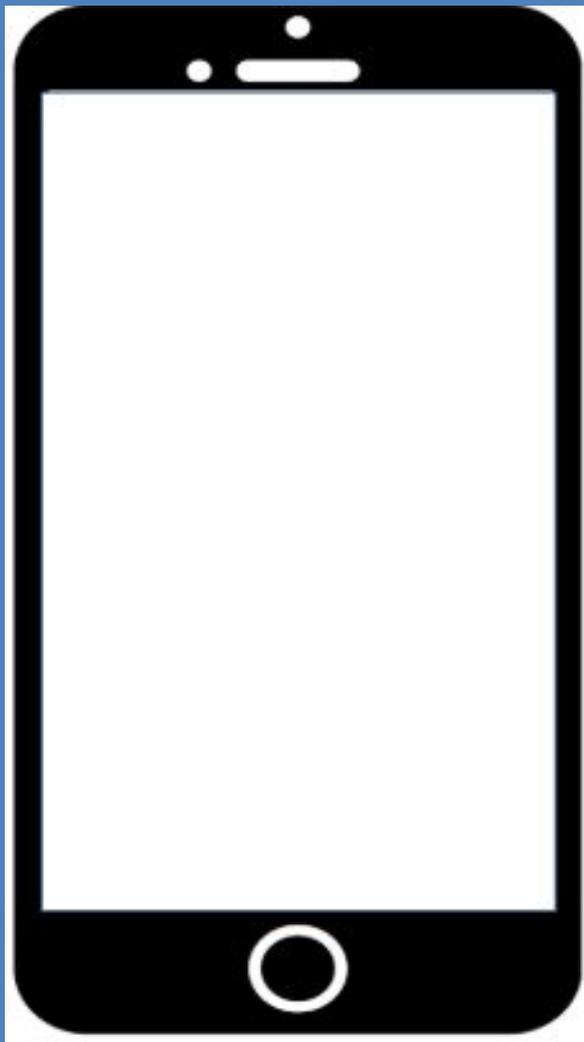
f) Por quê? Explique sua opinião.



2- Agora, é a sua vez de criar a postagem!

Ilustre a capa de um livro com tema indígena que você conheça, e registre por quem você recomenda essa leitura.

Ah! Não esqueça de informar o nome e a etnia do autor.



Para ajudar na sua tarefa, assista o vídeo “A literatura indígena: conhecendo outros brasis”, com Julie Dorrigo no TEDxUnisinos



**CUL
TU
RAS**
TEDxUnisinos



**JULIE
DORRICO**



A literatura indígena: conhecendo outros brasis | Julie Dorrigo | TEDxUnisinos

ATIVIDADES



Etapa/ Modalidade: Anos Iniciais

Componentes Curriculares: Língua Portuguesa, Matemática e Geografia

Eixo do Guia: Território



<https://www.flickr.com/photos/lubasi/7611769650>

Airy é uma menina do povo Aweti e vive no Parque Indígena do Xingu, a maior reserva indígena brasileira.



https://www.researchgate.net/figure/ Figura-1-Localizacao-de-Canarana-Mato-Grosso-Mapa-Programa-Xingu-Instituto_fig1_370623781

Momento da Leitura



Leia o livro “Descobrimos o Xingu”, de Marco Antonio Hailer. Através dessa leitura você irá conhecer mais sobre o dia a dia de cada povo indígena que reside no Parque Indígena do Xingu.

Após a leitura, converse sobre os hábitos e práticas da cultura dos povos indígenas do Xingu com sua turma:

- Quem mora lá?
- Como as pessoas vivem nesse local?
- Como as crianças brincam por lá?
- Quais são as suas comidas preferidas?

Depois desse momento, compare os hábitos e costumes dos povos que vivem no Parque Indígena do Xingu com os hábitos das crianças da turma

Você sabia que muitos alimentos que consumimos no nosso dia-a-dia provém dos hábitos alimentares indígenas?

Quero ver você descobrir o nome de alguns alimentos da cultura indígena brasileira, ligando as imagens aos seus nomes correspondentes.

MILHO



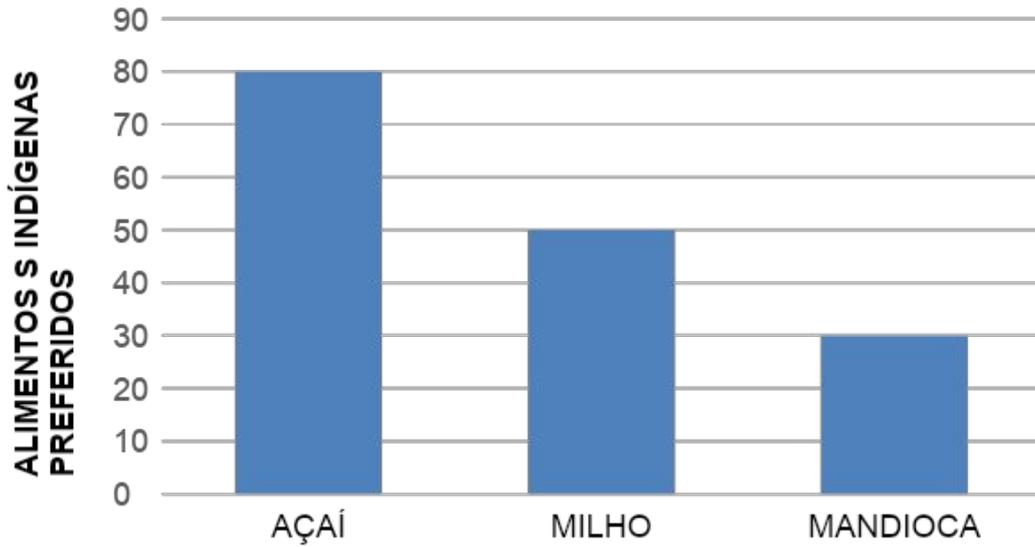
AÇAÍ



MANDIOCA



- Observe o gráfico com os alimentos de origem indígena preferidos das turmas da escola.



- Marque a opção correta.

- a) O alimento que recebeu menos votos foi
 o açaí. o milho. a mandioca.
- b) Qual alimento recebeu mais votos?
 o açaí. o milho. a mandioca.
- c) Quantos votos a mandioca teve menos do que o açaí?
 20. 30. 50.

ATIVIDADES

| | |
|---|---|
|  | Etapa/ Modalidade: Anos Iniciais |
| | Componentes Curriculares: História e Geografia |
| | Eixo do Guia: Território |

Contextualização:

Eiraíá (Irajá), o mel do Rio de Janeiro “Um dos bairros mais cariocas do Rio de Janeiro, berço de sambistas, é uma das mais fortes heranças culturais deixadas pelos nativos tupinambás. O Irajá é uma das regiões da cidade que permaneceram com a designação original de uma das tabas (aldeias) ancestrais da terra, já percebida nas fontes desde a época dos franceses. Eiraíá devia ser uma grande aldeia tupinambá, das mais importantes por estar incluída na primeira lista da principal fonte quinhentista francesa, ou seja, sendo anotada desde antes da década de 1550”.

Silva, Rafael Freitas da. O Rio antes do Rio. Rio de Janeiro: Babilônia, p.126.

Irajá é um bairro do subúrbio carioca que possui muitas marcas da cultura indígena. Estas marcas são facilmente encontradas em nomes de ruas que são representadas por palavras de uma das línguas originárias chamada Tupi (Tupi antigo).

Proponha aos estudantes um mapeamento das ruas, praças ou instituições públicas que possuem nomes nas línguas originárias. Esta atividade possibilitará o fortalecimento das línguas indígenas, estando em conformidade com a Década Internacional das Línguas Indígenas (UNESCO 2022-2032) e contribui para a preservação da memória e a história indígena nos territórios urbanos. Você poderá direcionar a atividade partir das etapas:

- 1 - Investigar as marcas históricas que fazem referência à presença indígena no território onde a comunidade escolar está inserida.
- 2 - Pesquisar topônimos de origem indígena e seus significado no território onde a comunidade escolar está inserida.
- 3 - Mapear, através de pesquisa feita na unidade escolar, alunos de famílias que se autodeclaram indígenas.
- 4 - Identificar contribuições culturais que fortaleçam a continuidade da manifestação cultural indígena no território da comunidade escolar.

Na historiografia de Irajá é comum encontrar diferentes fontes que contam a história deste território a partir da construção da Igreja Nossa Senhora da Apresentação (1613). Entretanto, sabemos que a história dos territórios que constituem Pindorama (Brasil) não começam por nenhuma Igreja ou qualquer monumento ou artefato de origem europeia. E o caso de Irajá não é diferente. Devemos contar a história do chão em que pisamos a partir de referências indígenas, valorizando experiências do passado que tenham resistido ao processo de apagamento.



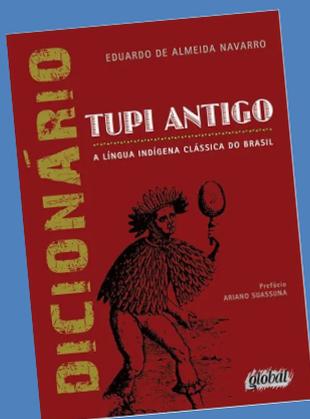
HISTÓRIA INDÍGENA

Para conhecer mais sobre a história indígena no Rio de Janeiro, acesse o vídeo ao lado.

Irajá é um território em que a presença ancestral indígena está sendo evidenciada por pesquisas feitas no Sítio Arqueológico Bateria Militar, através do arqueólogo e historiador Cláudio Padro de Mello (IPHARJ).

E no bairro onde fica sua escola, você conhece as marcas indígenas nesse território?

Para ampliar o reconhecimento das vivências indígenas ao seu redor, você poderá explorar com sua turma:



- Mapas do bairro e busca de ruas através de sites;
- Dicionário Tupi Antigo (Eduardo de Almeida Navarro);
- Construção de árvore genealógica enfatizando a autodeclaração dos genitores ou até o parentesco mais longínquo, se possível;
- Fontes orais coletadas de pessoas mais idosas da família.

ATIVIDADES



Etapa/ Modalidade: Anos Finais

Componentes Curriculares: Ciências

Eixo do Guia: Multilinguagens

Somos Biomas: O Brasil é terra indígena

Mergulhando em rios que potencializam discussões baseadas na pluralidade histórica dos nossos territórios ancestrais, incluindo os que sofreram/sofrem com os processos de destruição desde a colonização, mas que também resistem com lutas e existências originárias, propomos a abordagem do assunto “Biomas Brasileiros” incluindo temáticas indígenas, ou seja, considerando as dimensões sociais, ambientais, políticas, históricas e culturais que envolvem o tema.

Em um estudo feito pelo Map Biomas, que analisou dados entre 1985 e 2022, foi reforçada “a importância da política de demarcação de territórios indígenas como fonte de preservação do equilíbrio climático”. Na confluência dessas águas, afloram nascentes de diálogos sobre outros saberes, cosmologias e tecnologias ancestrais de serem/estarem nesses territórios, incluindo contextos urbanos.

Para explorar com os estudantes:



ATIVIDADES



Etapa/ Modalidade: Anos Finais

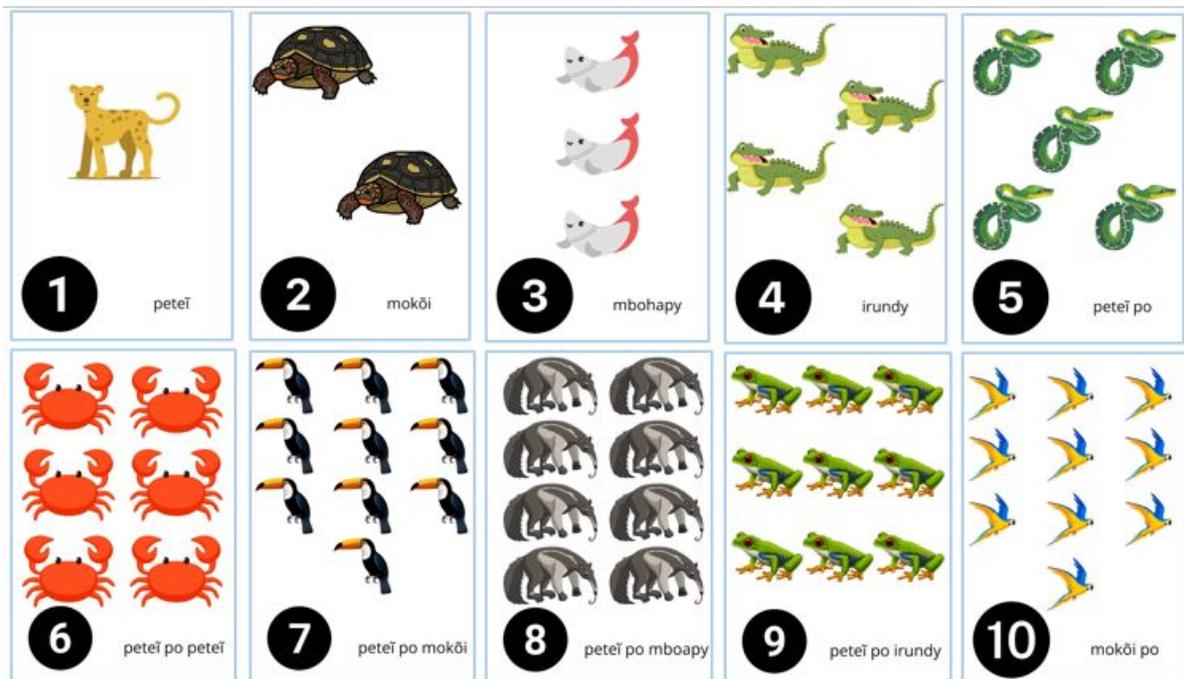
Componentes Curriculares: Matemática

Eixo do Guia: Multilínguas

Atividade 1

História do povo Guarani e seu sistema de contagem

Para o povo Guarani, a palavra “po” significa mão. Podemos considerar o uso da palavra “po” na representação de números, em guarani, nos cartões abaixo. Observe os nomes relacionados às quantidades de animais, os guarani, possivelmente, utilizam a base 5 para contagem (5 dedos da mão). Forneça aos estudantes os cartões abaixo para que façam comparações com o nosso sistema de numeração (base 10).



Atividade 2

Representando Números em Base 5 e Base 10

Explique aos estudantes como a base 5 utiliza múltiplos de 5 em sua composição e como a base 10 utiliza múltiplos de 10;

Proponha uma lista pequena de números (até o 14, por exemplo) e peça para que sejam convertidos e representados na base guarani. Por exemplo, convertendo o número 14 para o sistema guarani, de acordo com os cartões apresentados, provavelmente teríamos o número mokõi po irundy (10 + 4).

Atividade 3

Relembrando a Decomposição Decimal:

Revise com os estudantes como o sistema de numeração decimal utiliza potências de 10 para organizar números. Por exemplo, explique como o número 4357 pode ser decomposto como:

$4 \times 1\,000 + 3 \times 100 + 5 \times 10 + 7 \times 1$. Enfatize o papel de cada algarismo e sua posição para determinar o valor do número. Reforce a importância do zero como marcador de ausência de valor em determinada posição.

Conexão com a Cultura Guarani:

Retome com os cartões da atividade 1 como povos guarani representam números (na base 5). Discuta como esse sistema é provavelmente baseado em referência cultural, como a contagem de dedos. Em seguida, peça aos estudantes que criem uma representação de um número nesse sistema, comparando-o com o sistema decimal.

Atividade 4

Decifrando e codificando números:

1. Apresente um número pequeno na base guarani (utilizando os cartões da aula anterior) e peça aos estudantes que decifrem o valor equivalente no sistema decimal. Explique como a lógica posicional é mantida, apesar da mudança na base.
2. Criando um Sistema de Contagem Próprio: Incentive os estudantes a inventarem um sistema de contagem, estabelecendo uma base numérica inspirada em suas próprias ideias. Eles devem definir as regras de composição e decomposição e criar um quadro para representar números de 0 a 30. Esta atividade ajuda a desenvolver a compreensão da base numérica e promove a criatividade.

Para aprofundar:



Consulte o artigo “Formação continuada de professores Guarani: um estudo de conceito sobre números naturais”, Gabriela Barbosa.



Dos Santos Barbosa, Gabriela. Formação continuada de professores Guarani: um estudo de conceito sobre números naturais. **Zetetike**, v. 26, n. 1, p. 221-239, 2018.

ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: Anos Finais |
| | Componentes Curriculares: Língua Portuguesa |
| | Eixo do Guia: Representações Positivas |

Olá! Você tem uma boa memória?

Lembranças da sua infância, das brincadeiras, dos lugares, dos cheiros e sabores, das canções, de pessoas que foram importantes para você estar aqui hoje, tudo isso e muito mais faz parte de sua composição de memória, e de sua identidade.

Vamos ler o poema de Aline Pachamama na língua puri:

Boacé Uchó

A palavra está na terra

Boacé Tatak Poteh

A palavra no coração ilumina

Boacé Tsatêh

Palavra irmã

Tshoré Namã Boteh

Floresta, águas e fogo

Boacé Macapom Macaporô

Palavra é amor

Boacé ah

Palavra sou eu

Boacé dieh

Palavra é você

Boacé Schuteh Poteh

Palavra é Boa Luz

(Pachamama, Aline Rochedo. BoacéUchó. Ed.Pachamama. Rio, 2021)



O poema de Aline Pachamama está escrito na língua originária do povo Puri, etnia indígena que está localizada no sul do estado do Rio de Janeiro e no sul de Minas Gerais, na Serra da Mantiqueira. Também encontramos o povo Puri na região do Vale do Paraíba, São Paulo.

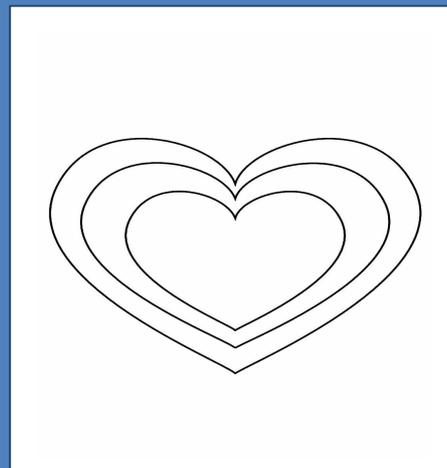


Conversando com Aline Rochedo
Pachamama

Professor, proponha à turma que responda às seguintes questões:

- 1- O poema de Aline Pachamama está traduzido para o português. Será que pela correspondência na tradução das palavras é possível sabermos seu significado? Busque o sentido das palavras: Boacé, Uchó, Poteh, tsateh, tshoré, namã, boteh.
- 2- Perceba que a tradução do terceiro verso é feita com o uso da pontuação, mas na língua do povo Puri não tem. Que pontuação foi essa e qual é a sua função na língua portuguesa?
- 3- Qual era sua ideia sobre a vida de uma mulher indígena? Faça uma comparação sobre o que você imaginava e a descrição da vida de Aline Pachamama no texto 1 e comente.
- 4- Você sabe o que é um Jogo de Memória? Produza um jogo com as palavras aprendidas na língua Puri desenhando o significado delas para fazer o par. Ganha quem achar maior número de pares.

Exemplo:



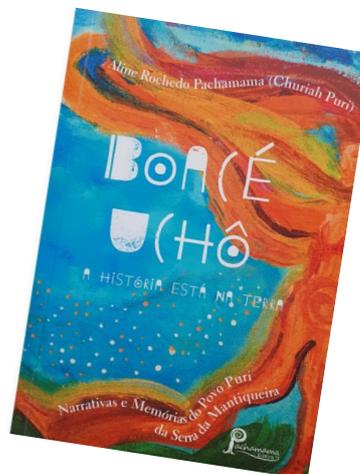
Assista ao Ep.02 da websérie "Leia Autoras Indígenas" que conta com a participação de mulheres indígenas de diferentes povos ligadas à literatura.



Palavra é território?

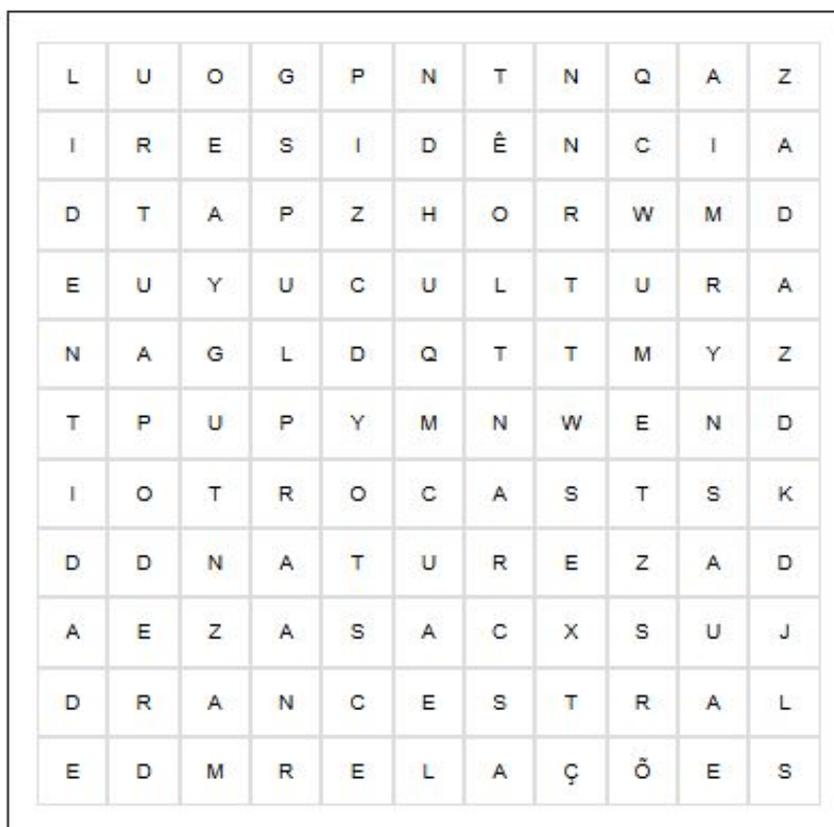
Leia o trecho do livro “Boacé Uchó – A história está na terra”, de Aline Pachamama:

“Em tempos em que os territórios indígenas estão muito mais ameaçados, a palavra é uma forte aliada de nossas lutas. Trata-se de um território de possibilidade de divulgação de nossas urgências e de nossa cultura.”



Para pensar: Que definição é dada para a palavra território?

6 - Busque na sopa de letras as palavras que se relacionam com a perspectiva da autora sobre território.



*Gabarito: Ancestral Identidade Poder Residência Cultura Natureza
 Relações Trocas

ATIVIDADES

| | |
|---|---|
|  | Etapa/ Modalidade: Anos Finais |
| | Componentes Curriculares: História e Geografia |
| | Eixo do Guia: Territórios |

Vamos compreender a diversidade dos povos indígenas e seus territórios?

O conceito de **território indígena** é fundamental para compreender a relação dos povos indígenas com a terra, que vai além da mera posse física de uma **terra indígena**.

Etapa 1

Professor, realize uma aula expositiva sobre estudos das culturas nativas e sobre territórios indígenas, conversando sobre as leis e decretos de demarcação de terras indígenas, como o Decreto 1775/1996 e a Lei n.º 14.402/2022 (que institui o Dia dos Povos Indígenas).

Recurso Sugerido



O documentário “Brasil Tupinambá”, com direção de Celene Fonseca, pode ser uma ótima forma de levar os alunos a refletirem sobre as questões indígenas, com ênfase na temática “Território indígena”



Etapa 2

Após a aula expositiva, divida a turma em grupos e proponha que pesquisem diferentes comunidades indígenas e seus territórios, onde vivem os povos guarani e tupinambá, quais são suas atividades atuais etc. Atue como mediador do processo, indicando fontes seguras de pesquisa.

Uma indicação interessante, que conversa com a questão do protagonismo jovem, é o “Brô Mcs”, um grupo de MCs que faz com o Rap um relato sobre a trajetória de luta dos povos indígenas, expondo suas angústias e clamando por justiça e respeito à grande nação Guarani Kaoiwa.

Recurso Sugerido

Brô Mcs -
Trajetória de
arte e luta



Etapa 3

Apresentação e divulgação dos resultados

Os estudantes devem pensar em formas digitais de apresentar suas descobertas. Nessa etapa o professor atua como facilitador do processo de divulgação, sugerindo formas de divulgação dos conhecimentos construídos, como podcasts, cartazes digitais espalhados pela escola com leitura por QR codes (contendo informações sobre cultura e território indígena, leis, etnias indígenas, origem da palavra carioca, por exemplo), criação de uma rede social com pesquisas sobre as culturas indígenas e etnociência (no Instagram), canal no YouTube, entre outros.

ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: Anos Finais |
| | Componentes Curriculares: História, Geografia e Língua Portuguesa |
| | Eixo do Guia: Territórios |

Que tal identificarmos marcas indígenas na cidade através dos nomes de bairros cariocas?

Roda de conversa

Em uma roda conversa provoque os estudantes perguntando como vêm a cidade do Rio de Janeiro.

Mapa Coletivo

Proponha que registrem suas perspectivas através de desenhos e componham um mapa coletivo da nossa cidade.

Professor/a, enquanto a lista vai sendo produzida, podem surgir comentários sobre os bairros e informações pessoais, como: “Minha mãe trabalha neste lugar!”; “Eu já fui aí!”; ou mesmo, “Minha avó mora nesse bairro!”. Esteja atento às falas e possíveis desdobramentos.



Recurso Sugerido

Bairros do Rio: você sabe a origem do nome de cada um?

O DIÁRIO DO RIO explica a origem do nome dos bairros do Rio de Janeiro de Abolição à Zumbi

Por Quintino Gomes Freire - 12 de fevereiro de 2024



Sistematização:

Diante das narrativas que surgirem durante a produção do mapa, podemos destacar bairros que possuem nomes indígenas e conversar sobre a formação da nossa cidade e sobre como nossa cultura é influenciada pela presença de histórias, hábitos e costumes dos povos originários. Façam uma lista numerada dos bairros que possuem nomes indígenas. Com a lista pronta e exposta em lugar visível os estudantes podem produzir um gráfico de bairros com nomes indígenas mais frequentados pelas turmas.

Outras possibilidades:

- Os estudantes podem produzir o gráfico marcando os nomes dos bairros que frequentam com desenhos, adesivos ou seus próprios nomes.
- Sobre os nomes em destaque abaixo, resalte que essas são palavras de origem Tupi e que existem muitas outras línguas indígenas no nosso território.
- Como encerramento dessa etapa da proposta, vocês podem identificar qual bairro do Rio de Janeiro, com nome indígena, é mais frequentado pelos estudantes da turma.

Lista de nomes dos bairros

- | | |
|-----------------|------------------|
| 1. Ipanema | 14. Catumbi |
| 2. Tijuca | 15. Curicica |
| 3. Guaratiba | 16. Grajaú |
| 4. Maracanã | 17. Grumari |
| 5. Cachambi | 18. Inhaúma |
| 6. Copacabana | 19. Itanhangá |
| 7. Pavuna | 20. Irajá |
| 8. Andaraí | 21. Pitangueiras |
| 9. Paquetá | 22. Tauá |
| 10. Sepetiba | 23. Taquara |
| 11. Jacarepaguá | 24. Turiaçu |
| 12. Camorim | |
| 13. Catete | |

Vocês podem compartilhar os resultados e até mesmo expandir essa pesquisa para toda a escola!

Professores/as, passem pelo guia e vejam que outros aspectos da presença indígena na nossa cidade podem ser abordados e oferecidos aos estudantes!

ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: EJA |
| | Componentes Curriculares: Artes e Língua Portuguesa |
| | Eixo do Guia: Multilinguagens |

Desenvolva junto com estudantes uma autobiografia, utilizando como pontos de apoio e orientação a história de Jaqueline Haywã, da etnia Pataxó, e a poesia da escritora Auritha Tabajara.

Ressalte que as culturas indígenas são enraizadas nas práticas e conexões ancestrais, respeitando e honrando os percursos dos que vieram antes e reconhecendo que esse caminhar nos movimenta no tempo presente.

As duas histórias abordam o respeito pelas ancestralidades, o carinho e o protagonismo das avós nas vidas das mulheres destacadas. São duas narrativas indígenas contemporâneas que tratam das tradições, da luta pela terra e dos deslocamentos e motivos das migrações indígenas pelo território do Brasil.

Atente-se para **acolher e identificar as questões e saberes** que aparecerem e elaborar, em coletivo, **quem são as/os ancestrais presentes nas histórias de vida dos estudantes** e em quais territórios essas pessoas nasceram. A partir disso, vocês podem criar um **mapa coletivo**, marcando os lugares do território da cidade ou do país que apareceram na troca e os trânsitos feitos por essas pessoas.

Apresente à turma o episódio “Indígena Urbana: Demorei muito tempo para encontrar minha origem”, do podcast *Histórias de Terapia* e o trecho do livro *Coração na Aldeia, Pés no Mundo*.

Ouçá as histórias do Podcast Histórias para ouvir lavando louça

Toda terça-feira um episódio inédito



Indígena Urbana: Demorei muito tempo para encontrar minha origem
Histórias para ouvir lavando louça



00:02



Em seguida, trabalhe a Poesia de Cordel, gênero do livro de Auritha Tabajara, e apresente a técnica da xilogravura. Pense com sua turma na possibilidade da criação de um cordel coletivo, no qual cada pessoa colabora com pelo menos uma estrofe sobre um momento importante de sua própria história para compor a publicação.



Peço aqui, mãe natureza,
Que me dê inspiração
Pra versar essa história
Com tamanha emoção
De princesa do nordeste,
Nascida lá no sertão.

Quando se fala em princesa
É de reino encantado,
Nunca, jamais, do Nordeste
Ou do Ceará, o estado.
Mas mudar de opinião
Será bom aprendizado.

Num distante interior,
tangido por vento norte,
Do balanço de uma rede
Ou como um sopro de sorte,
Nasceu uma indiazinha,
Chorando bem alto e forte.

Num distante interior,
tangido por vento norte,
Do balanço de uma rede
Ou como um sopro de sorte,
Nasceu uma indiazinha,
Chorando bem alto e forte.

Criou-se desde infante
No berço de sua gente,
Ouvindo belas histórias
Do sentido inteligente;
Edificando o caráter
Na fase de adolescente.

Já estando mais crescida,
Moça de sonho profundo,
Respeitadora de honra,
De Maria ou Raimundo,
Voando qual beija-flor
Nas maravilhas do mundo.

Foi a primeira netinha
Da vovó boa parteira
Contadora de história;
Também grande mezinheira
Na região, respeitada
Por ser sábia conselheira.

Uma menina saudável,
Com nome a definir,
Vovó a chamou Auritha,
Mas, quando foi traduzir,
Um ancestral lhe contou
"Äryrei" está a vir. (...)

Em um próximo momento você pode sugerir aos estudantes a **criação de um retrato dessas ancestrais** usando diferentes técnicas, como desenho, colagem, pintura etc. Esse retrato não precisa necessariamente ser um desenho do rosto da pessoa, podem aparecer outras possibilidades de formas das memórias, como experiências sensoriais, lugares, cheiros de uma planta e/ou de uma comida, uma música, por exemplo.

Para Complementar

- Nas duas indicações apresentadas existe a utilização da palavra índio/índia como forma de se autorreferenciar. É importante debater com estudantes a trajetória histórica dessa palavra, dos usos carregados de estereótipos, até a década de 70, quando é apropriada e politizada pelos povos indígenas, assegurando o “Capítulo dos Índios” na Constituição Federal de 1988. Apesar disso, o uso de índio/índia, por pessoas não indígenas, continua sendo ofensivo e apagando as identidades dos diferentes povos deste território. As formas mais respeitadas para nos referirmos são: indígenas, originários, povos indígenas, povos originários.
- O encaminhamento desse diálogo pode ser a apresentação do cordel ou cordéis criados e o compartilhamento com a comunidade escolar.
- Vocês podem apresentar a biografia da autora Auritha Tabajara, ler o livro completo se tiverem acesso e pesquisar sobre os povos Pataxó HãHãHãe e Tabajara.

Outros recursos sugeridos



Ep. 01 - Autobiografia indígena e gênero na literatura de cordel Tabajara



Caminhos de Maria - Documentário Tabajara

Sinopse: O documentário "Caminhos de Maria" narra a jornada de Maria José da Conceição, indígena Tabajara que dedicou sua vida à busca por seu povo, silenciado há mais de 150 anos. Seus filhos contam a história de sua mãe enquanto Dona Maria compartilha a alegria de reencontrar seu povo. Este curta-metragem revela uma parte esquecida da história da Paraíba e mostra a vulnerabilidade enfrentada pela protagonista e sua descendência devido à expulsão e perda de seu território originário.

ATIVIDADES



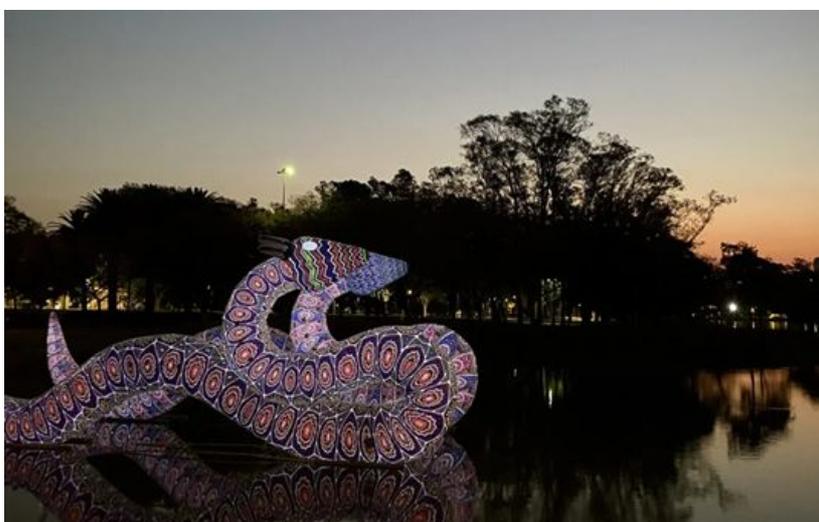
Rio
PREFEITURA
EDUCAÇÃO

Etapa/ Modalidade: EJA

Componentes Curriculares: Artes e Língua Portuguesa

Eixo do Guia: Multilinguagens

Para muitos povos indígenas as cobras e serpentes são animais sagrados, encantados, que fazem parte dos mitos de criação. Elas estão presentes nos imaginários, nas cosmologias, e se materializam nas histórias e grafismos de proteção espiritual.



Pergunte aos estudantes qual o significado das cobras para eles, se já viram alguma de perto e quais histórias ouviram.

Obra de Jaider Esbell (Levi Fanan/Fundação Bial de SP/divulgação)

Para explorar com as turmas:

Apresente o jogo Cobra-Canoa, um jogo educativo desenvolvido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR que oferece um mergulho no mundo dos grafismos indígenas.



Cobra-Canoa: Jogo da Memória de Grafismos Indígenas do MAE-UFPR



Nas artes visuais, as serpentes aparecem em trabalhos de artistas como Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Jaider Esbell, Merremi Karão Jaguaribaras e coletivo MAHKU. Pesquise com os estudantes obras desses artistas e construa um painel contendo essas imagens e seus possíveis significados.



Yube Inu Yube Shanu [Mito do surgimento da bebida sagrada Nixe Pae], do coletivo MAHKU (Foto: Eduardo Ortega/MASP)



Outros recursos sugeridos

Leia com os estudantes o texto “A serpente costura os mundos: conheça significados das cobras para artistas e educadores indígenas” de Anna Ortega. A partir dessa leitura, destaque, de maneira sensível e lúdica, a diversidade cultural e o respeito às perspectivas indígenas.



Obra de Jaider Esbell (Levi Fanan/Fundação Bienal de SP/divulgação)

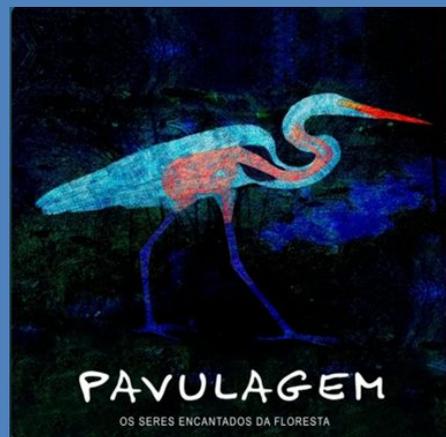
A serpente costura os mundos:
conheça significados das cobras
para artistas e educadores
indígenas



Muitas histórias categorizadas como lendas e folclore são baseadas em mitos e cosmologias indígenas.

As histórias sobre a cobra grande são populares nas regiões norte e nordeste do país. Esse encantado, também conhecido pelos nomes Boiúna, Mãe d'água, Cobra Honorato ou Norato, é uma cobra gigantesca cujo habitat é a profundidade dos rios ou dos lagos. Seus olhos são luminosos e aterrorizam as pessoas que a encontram.

1. Utilize a arte e expressão propondo aos estudantes que desenhem ou pintem suas próprias representações de cobra, inspiradas nos significados debatidos na aula. Oportunize que cada um dos estudantes crie sua própria cobra, expondo, em um painel, as percepções representadas.
2. Crie uma atividade de pintura ou confecção de objetos, como colares ou máscaras, conectando os símbolos indígenas relacionados à serpente. Eles podem se basear nas histórias, nos desenhos das peles de cobras reais ou em grafismos indígenas que celebram esse animal sagrado. Vocês também podem criar uma silhueta coletivamente.
3. Ouçam juntos o episódio “Cobra Grande: navegar é preciso, mas viver também é”, do podcast Pavulagem, de Maikson Serrão.
4. Conversem sobre as histórias contadas pelos mais velhos, anciões e ancestrais dos estudantes, e que possuem o status de lenda. Se desejarem, registrem e desenhem as histórias que surgirem.



Expandindo a proposta

Para desenvolver a Educação Ambiental, relacionando os ensinamentos indígenas sobre a cobra com o papel ecológico das serpentes no equilíbrio da natureza, organize uma conversa sobre os diferentes animais presentes no cotidiano dos estudantes e seus significados para a vida e o ambiente.

Após, levante o questionamento: qual é a importância das cobras e serpentes para a saúde e o equilíbrio dos ecossistemas?

ATIVIDADES

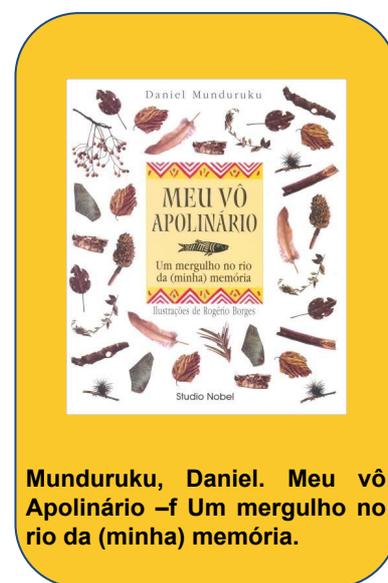
| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: EJA |
| | Componentes Curriculares: Artes e Língua Portuguesa |
| | Eixo do Guia: Representações positivas. |

Leitura Individual:

Identidades - Quem sou eu?

“Durante três anos foi assim. Eu ia para a cidade estudar, mas queria estar de volta o quanto antes para poder ouvir a sabedoria do meu avô. O melhor desta história é que, aos poucos, fui me aceitando índio. Já não me importava se as pessoas me chamavam de índio, pois agora isso era motivo de orgulho para mim. Eu sempre lembrava meu avô, orgulhoso de sua origem. Ele me havia feito sentir orgulho também. Ele estava me ensinando quão bonito era ter uma origem, um povo, uma raiz, uma ancestralidade. Falando nisso, recordo o dia em que ele me disse:

- Quando os pássaros vierem te visitar em sonhos, é bom ouvi-los, pois são os ancestrais que vêm junto com eles para dar forças e lembrar quem você é.”



Utilize esse trecho do texto de Daniel Munduruku como um ponto de partida para reflexões sobre pertencimento, diversidade cultural e o reconhecimento de si mesmo no coletivo.

Para assistir!

Teko Haxy – Ser imperfeita

Patrícia Ferreira Pará Yxapy, Sophia Pinheiro



Sinopse: Um encontro entre duas mulheres que se filmam. O documentário experimental é a relação de duas artistas, uma cineasta indígena e uma artista visual e antropóloga não-indígena. Diante da consciência da imperfeição do ser, entram em conflitos e se criam material e espiritualmente. Nesse processo, se descobrem iguais e diferentes na justeza de suas imagens.

Momento Poesia

Faça uma leitura coletiva do poema “Brasil”, da professora, poeta, empreendedora social e contadora de histórias Eliane Potiguara e proponha uma discussão sobre os temas que aparecem na leitura.

É possível propor conversas sobre temas como: a **invisibilização de povos e pessoas indígenas na história desse país**, a **violência contra mulheres indígenas**, **estratégias de resistência da população originária**, **proteção dos ecossistemas** e outras questões que aparecerem a partir da percepção dos estudantes.

Brasil

Que faço com minha cara
de índia?

E meus cabelos
E minhas rugas
E minha história
E meus segredos?

Que faço com minha cara
de índia?

E meus espíritos
E minha força
E meu Tupã
E meus círculos?

Que faço com minha cara
de índia?

E meu toré
E meu sagrado
E meus “cabocos”

E minha Terra?

Que faço com minha cara
de índia?

E meu sangue
E minha consciência
E minha luta
E nossos filhos?

Brasil, o que faço com
minha cara de índia?
Não sou violência
Ou estupro

Eu sou história
Eu sou cunhã
Barriga brasileira
Ventre sagrado
Povo Brasileiro.

Ventre que gerou
O Povo Brasileiro
Hoje está só...
A barriga da mãe
fecunda
E os cânticos que
outrora cantavam
Hoje são gritos de
guerra
Contra o massacre
imundo.

(Eliane Potiguara, no livro
“Metade Cara, Metade
Máscara”. Grumin Edições,
2018, p. 32-33.)



https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eliane_Potiguara.jpg

Pesquise com os estudantes a biografia de Eliane Potiguara.

ATIVIDADES

| | |
|---|---|
|  | Etapa/ Modalidade: EJA |
| | Componentes Curriculares: História e Geografia |
| | Eixo do Guia: Representações positivas. |

Dados do Censo 2022, apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estimam que existem 305 etnias indígenas brasileiras, sendo 1,7 milhões de pessoas autodeclaradas indígenas, que moram em diversos territórios do nosso país, possuem costumes, culturas, modos de viver e pensar diferentes. São 274 línguas distintas. Uma das coisas em comum entre esses diferentes povos originários brasileiros foi a dispersão pelo território, devido à invasão e colonização europeia, um processo predatório de exploração da vida em todas as suas formas, ao qual os povos indígenas resistem e apresentam alternativas.

(Texto adaptado de “Povos indígenas pedem prioridade em proteção, diz presidente da Funai”, reportagem de Daniella Almeida para a Agência Brasil, 17/04/24.)

RODA DE CONVERSA 1 - O que é ser indígena hoje?

Professor/a, reflita com a turma sobre o que é ser indígena hoje. Como ponto de partida, assistam juntos ao vídeo “O que é ser indígena no século XXI”, produzido pelo fotógrafo, designer gráfico e influenciador digital indígena Cristian Wariu, pertencente ao povo xavante.



O que é ser indígena no século XXI.
EP1 - Por Cristian Wariu. Assista!



Que tal propor à turma o desenvolvimento de uma pesquisa sobre os indígenas xavante?

RODA DE CONVERSA 2 - Retomadas Ancestrais

Movimentos de retomada têm marcado as lutas indígenas contemporâneas. Acompanhe o conteúdo abaixo e discuta com a turma os diferentes sentidos de “retomada” apresentados .



Sonia Guajajara comenta retomada identitária dos indígenas.



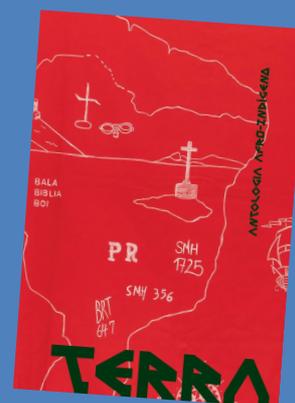
RETOMADA

Os encantados diziam que tínhamos que defender a terra que nos defendia, e a terra nos deu tudo porque tivemos coragem de enfrentar quem a violava.

O direito da terra é uma proposta tão linda, que sempre foi violada. O ser humano determinou-se como seu dono. Criou parlamentos e leis para mandar na terra, destruir, dividir, modificar e cavar a terra, como se ela não tivesse direitos. Somos muito ingratos.

Pisamos a terra, a chutamos, cavamos a terra e, quando morremos, somos enterrados na terra. Tiramos dela nosso alimento, o desejo dos outros, seres humanos ou animais [...]. As nações indígenas são as que mais lutam para manter a água limpa e as árvores de pé. Usamos o solo sob outra lógica. Em nossas terras, não há enchentes nem ventos que matam, não se encontram grandes incidentes. Mas, apesar disso, somos chamados de povo atrasado, povo sem futuro, o entrave do Brasil. Somos considerados o atraso que precisa ser retirado da frente para que tudo possa ser finalmente derrubado.

(BABAU, Cacique. Retomada. Terra – Antologia afro-indígena. Ubu editora: 2023, n/p.)



Para ampliar a discussão sobre indígenas em retomada, consulte:

ESCOLA DE ATIVISMO



RODA DE CONVERSA 3 - Juventude e Ativismo Indígena



Txai Suruí é uma liderança indígena do povo Paiter Surui. Ela foi a única brasileira a discursar na abertura oficial da Conferência da Cúpula do Clima (COP 26). Txai estuda Direito, luta contra o desmatamento na Amazônia e trabalha no "Kanindé", entidade que defende os direitos indígenas. Também é fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia.

Assista!

Txai Suruí - Conselheira Jovem do Pacto Global da ONU no Brasil.



TXAI SURUÍ E SUA LIDERANÇA PELA AMAZÔNIA

Do estado de Rondônia
É a indígena Txai Suruí,
Que defende a Amazônia
E todos que vivem ali.
Aprendeu na sua aldeia
O respeito à natureza,
Por isso, em sua defesa,
Ela luta com firmeza!
Já falou mundo afora
E é importante ouvir:
Mudar o planeta é agora
Para que haja um porvir!

Ela denuncia o mal
De quem vive destruindo
E segue com valentia
Um amanhã construindo.
Não há como esperar
Para fazer a mudança.
E isso que nos ensina
Sua forte liderança.

(Mulheres Cientistas - Sustentabilidade.
Flávia Martins de Carvalho. Editora
Mostarda, 2022)

Discuta com a turma quais são as principais reivindicações de Txai Suruí. Quais delas o grupo considera mais urgentes? De que modo dialogam com as demandas da sua própria comunidade? Você reconhece em sua escola ou seu bairro algum movimento de luta protagonizado por jovens? Quais são suas principais reivindicações?

Não há melhor forma de compreender a diversidade dos povos indígenas, sua luta por território, que está diretamente ligada à justiça ambiental para todos e todas, senão pelas suas próprias vozes.

Vamos reflorestar saberes?

O podcast, a seguir, convida indígenas, de diferentes etnias, para compor esse círculo de saberes. Que tal ouvi-los?



Professor/a, você pode propor aos estudantes que se dividam em grupos, escolham um dos episódios/personalidades e, orientados por um roteiro de escuta, respondam às seguintes questões:

- Qual o nome?
- Etnia?
- Onde vive?
- Qual língua?
- Quais os sonhos?
- As pautas?
- Por que esses sonhos/pautas são coletivos?
- Possuem redes sociais?
- Quais? Dentre outros.

Aproveitem para compartilhar os conhecimentos construídos com toda a comunidade escolar através da produção de cartazes, debates, exposições, feiras ou mesmo convidem essas personalidades para uma conversa.

ATIVIDADES

| | |
|---|--|
|  | Etapa/ Modalidade: EJA |
| | Componentes Curriculares: História, Geografia e Língua Portuguesa |
| | Eixo do Guia: Territórios |

LEITURA COLETIVA

ALDEIA VERTICAL E HORTA URBANA: PRESENÇA E SABERES INDÍGENAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

“Quem olha de longe pensa que está bagunçado, mas é porque não conhece”, diz Niara do Sol, indígena filha de pais Kariri e Fulni-ô, mostrando um canteiro coberto por um emaranhado de plantas que crescem umas por cima das outras. Estamos na Horta Dja Guata Porã, um berçário de plantas medicinais que cresce no bairro do Estácio, na cidade do Rio de Janeiro, dentro de um condomínio do Programa Minha Casa Minha Vida, ocupando canteiros até recentemente abandonados (...), sendo parte da chamada Aldeia Vertical, que se formou em um prédio habitado inteiramente por indígenas de diversas etnias.

“O objetivo aqui é que essa horta seja uma mistura daquilo que a gente aprende na cidade e também um pouco das coisas que a gente aprendeu com a nossa família. As pessoas estão querendo voltar para o passado, estão arrependidas de ter estragado o planeta, a terra, a água. A gente tem que começar a agir, tratar, ajudar a terra...”. (...) Niara explicou, certa vez, que o seu aprendizado familiar foi baseado na lógica da ação, sempre voltada para as gerações futuras. A preocupação com a terra através do plantio é, desse modo, inseparável da continuidade do parentesco. “Porque os antigos, eles não tinham essa coisa do pensar para o dia de hoje. Meu avô mesmo dizia. Você tem que ter um cuidado com os seus filhos, com os seus netos. É para eles que você faz as coisas. Você não está fazendo para você. (...)”

Niara imagina como seria se todo Minha Casa Minha Vida, onde habitam 14,7 milhões de brasileiros (aproximadamente 7% da população do país), tivesse uma horta e o conhecimento de como utilizá-la. Pode-se dizer que esse esforço de construção conjunta da paisagem com outras espécies não humanas se aproxima de um “urbanismo multiespécies”, levando em conta formas ampliadas de cidadania.

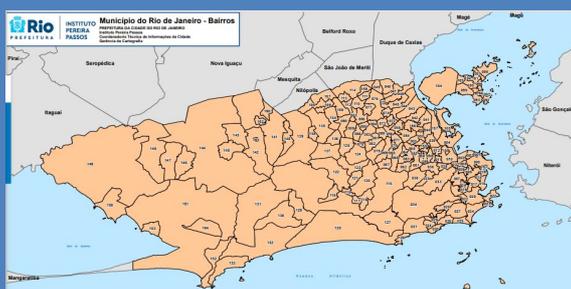
Texto adaptado. “CADA APARTAMENTO UMA OCA”, de Camila Bevilaqua. Disponível em <https://piseagrama.org/artigos/cada-apartamento-uma-oca/>

Assista ao vídeo para conhecer mais sobre Niara do Sol e a Horta Guata Porã.



Professor/a, você pode propor aos estudantes que:

- **Se localizem na cidade.**
Em qual região do Rio de Janeiro fica a Aldeia Vertical e a Horta Guata Porã e onde está localizada a sua Unidade Escolar?
Utilize um mapa da nossa cidade:



Com o mapa disponibilizado na [página 14](#), e os textos da sessão [Territórios](#) deste Guia, é possível identificar as tabas que ocupavam ambos os territórios antes das invasões coloniais e ter acesso a alguns dados sobre a presença nativa, a serem ampliados junto à turma.

- **Elaborem um Mapa Afetivo.**
Reconheçam a presença e indícios das histórias e culturas indígenas na sua região. Destaquem nomes de ruas/logradouros de origem indígena; lideranças e movimentos indígenas locais; monumentos e espaços culturais e de memória indígena localizados nas proximidades de sua comunidade escolar.
- **Compartilhem saberes ancestrais.** Reflitam sobre a importância dos saberes indígenas para a vida humana em contextos urbanos e quais saberes ancestrais cada um de nós carrega. Proporcione um momento para compartilhar estratégias de bem-viver.
- **Proponham ações de melhoria para a comunidade.**
Elaborem, coletivamente, um plano estratégico para melhorias na sua comunidade, mobilizando saberes ancestrais.

ATIVIDADES



Rio
PREFEITURA
EDUCAÇÃO

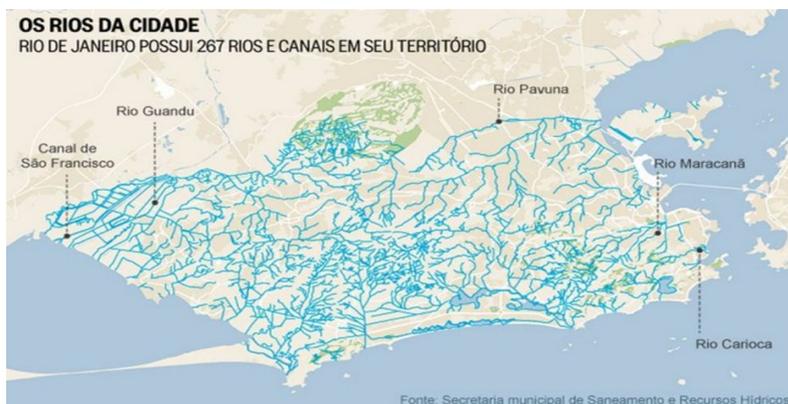
Etapa/ Modalidade: EJA

Componentes Curriculares: História e Geografia

Eixo do Guia: Territórios

Os rios e lagos são considerados sagrados pelos povos indígenas. Na história da cidade do Rio de Janeiro, os rios foram presenças fundamentais para a localização e prosperidade das aldeias tupinambá, sendo fontes de alimento e água limpa e vias de deslocamento entre os territórios.

O mapa abaixo mostra os cursos hídricos presentes da nossa cidade. Segundo a Fundação Rio-Águas, a cidade do Rio de Janeiro possui 267 cursos d'água, como rios, córregos e canais, geralmente de leito estreito e raso, que deságuam em diferentes locais: Baía de Guanabara, Oceano Atlântico, Lagoa Rodrigo de Freitas, Baixada de Jacarepaguá, com suas cinco grandes lagoas, e Baía de Sepetiba. A maior concentração está na Zona Oeste, especialmente nas baixadas de Guaratiba e Santa Cruz.



Acesse a publicação da Fundação Rio-Águas Rios de Janeiro: Um manual dos rios, canais e corpos hídricos da cidade do Rio de Janeiro



Professor, faça um levantamento junto a sua turma e proponha que sejam respondidas as seguintes questões:

- Quantos cursos d'água existem no entorno da escola e da comunidade?
- Quantos são conhecidos da comunidade escolar?
- É possível pescar e beber suas águas?
- Quais animais vivem no seu entorno?
- Quais espécies de plantas existem no seu entorno?
- Algum estudante tem a memória ou já ouviu histórias de como eram esses rios no passado?

Mergulhando nos rios

Leiam juntos o poema *Segredos do rio*, de Marcia Kambeba, e assistam ao filme *OONI*, de Lilly Baniwa. Discutam sobre a forma como as duas produções apresentam as relações com o rio, as diferenças e semelhanças com o contexto da nossa cidade e com as histórias que os estudantes carregam.

Segredos do rio

Marcia Kambeba

Contou certa vez o rio
Que calmo, mas correndo a fio,
Leva segredos até o mar.

Nas pedras o encontro,
O aconchego do frio,
O sopro do vento,
O pássaro e seu assobio,
Memórias de um navegante,
Na remada o desafio.

Ouviu histórias do Curupira,
Que, cansado de lutar,
Enganou até sua sombra
“Pra modo” não arriscar
Perder sua casa verde
Ficando a deus-dará.

Na sabedoria que a natureza
revelou,
Batendo nas barrancas,
Na remada do pescador,
Segredando desce o rio,
Manso e calmo feito flor.

Mas se agita e fica bravo
Com o descaso e desamor.
Esse é o rio que me formou.
A energia que tudo move
Vem das águas, vem do amor



Sinopse: Ooni na língua baniwa quer dizer água. Água preta do Rio Negro, água branca para matar a sede depois de um dia de trabalho na roça. Água de igarapé para se banhar, água para o pajé benzer e curar da doença, água que as mulheres carregam sob suas cabeças. Água parada do lago que assoreou, água suja da cidade que vai cerceando as comunidades. Mulheres Baniwa da comunidade de Itacoatiara-Mirim, cidade de São Gabriel da Cachoeira/Amazonas, trazem no seu corpo-água histórias e danças que compõe suas formas de resistência.

Professor, proponha um desenho coletivo dos desejos da turma para o futuro dos cursos d'água da nossa cidade. A partir dos repertórios apresentados, é possível pesquisar estratégias de despoluição dos rios, racismo ambiental, fauna e flora nativa da nossa cidade, nomes e significados dos rios de origem Tupi, além dos povos e territórios Baniwa, Tupinambá e Kambeba, citados na proposta.

Anexo



Guia:

ERER
NA PRÁTICA

EDUCAÇÃO PARA AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lei 11.645/08

JOGO DE MEMÓRIA

REPRESENTATIVIDADES INDÍGENAS



FERNANDA KAINGANG



KUNUMI MC



ELIANE POTIGUARA



PÂMELA SOUZA



SONIA GUAJAJARA



MÁRCIA KAMBEBA



CÉLIA XAKRIABÁ



DAIARA TUKANO



DANIEL MUNDURUKU



AILTON KRENAK



DAVI KOPENAWA



DENILSON BANIWA



ALINE PACHAMAMA



LEVI PURI



DJUENA TIKUNA



JAMOPOTY TUPINAMBÁ



TIRE +1 CARTA



TIRE +1 CARTA



1 RODADA SEM JOGAR



1 RODADA SEM JOGAR

Fernanda Kaingang é uma advogada e ativista indígena brasileira, destacada por sua luta pelos direitos dos povos indígenas.

Kunumi MC é um rapper indígena brasileiro que usa sua música para promover a cultura e os direitos dos povos indígenas.

Eliane Potiguara é uma escritora, ativista e educadora indígena brasileira, reconhecida por sua defesa dos direitos dos povos indígenas e das mulheres.

Pâmela Souza é uma professora indígena de etnia Kariri da SME-RJ, atuando na Gerência de Relações Étnico-Raciais. Mestre e doutora em Educação pela UERJ.

Sonia Guajajara é uma líder indígena e ativista brasileira, conhecida por ser a primeira Ministra dos Povos Indígenas.

Marcia Kambeba é uma escritora, poeta e ativista indígena brasileira, que promove a valorização da cultura e identidade dos povos indígenas.

Célia Xakriabá é uma ativista indígena e educadora brasileira, destacada por sua atuação na defesa dos direitos e na valorização da cultura indígena.

Daiara Tukano é uma artista, ativista e comunicadora indígena brasileira, conhecida por sua luta pelos direitos indígenas e pela preservação cultural.

Daniel Munduruku é um escritor, educador e ativista indígena brasileiro, reconhecido por suas obras literárias que valorizam os povos indígenas.

Ailton Krenak é um líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro, conhecido por sua defesa dos indígenas e pela preservação do meio ambiente.

Davi Kopenawa é um líder indígena Yanomami, xamã e ativista, reconhecido por sua luta pela proteção da Amazônia e dos povos indígenas.

Denilson Baniwa foi um artista e ativista indígena brasileiro, conhecido por seu trabalho na promoção da arte e dos direitos dos povos indígenas.

Aline Pachamama é uma escritora Puri, pesquisadora e editora brasileira, reconhecida pela promoção da literatura indígena e das culturas originárias.

Levi Puri, indígena da Zona da Mata Mineira, é Mestre pela UERJ, professor de Ciências na SME-RJ, ativista das causas indígenas e autor.

Djuena Tikuna é uma cantora, compositora e ativista indígena brasileira, conhecida por seu trabalho na valorização da música e da cultura Tikuna.

Jamopoty Tupinambá é uma liderança indígena (Cacica) nascida em Ilhéus, conhecida por sua resistência na luta pela demarcação territorial e preservação cultural.

Para imprimir o Jogo da Memória
"REPRESENTATIVIDADES INDÍGENAS"
completo, acesse o QR Code:



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gabriela dos Santos. **Formação continuada de professores Guarani: um estudo de conceito sobre números naturais**. Zetetike, v. 26, n. 1, p. 221-239, 2018.

BEVILAQUA, Camila. **Cada apartamento uma oca**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 15, p. 104-111, dez. 2021.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 09 dez. 2024.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 23 jan. 2025.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, 11 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 09 dez. 2024.

_____. **Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. Parecer CNE/CEB nº 14/2015**. Brasília/DF, Diário Oficial da União. de 18/4/2016, Seção 1, p. 43.

CASÉ ANGATU, Carlos José Ferreira dos Santos. **“História e culturas indígenas” - alguns desafios no ensino e na aplicação da lei 11.645/08: de qual história e cultura indígena estamos falando?** Revista História e Perspectivas, Uberlândia: UFU, v.28, n.53, p. 179-209, 2015.

CAPITANI, Lidia. **Alice Pataxó eleva a voz indígena nas redes sociais e no mundo**. Meio & Mensagem. 14 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/womentowatch/alice-pataxo-eleva-a-voz-indigena-nas-redes-sociais-e-no-mundo> . Acesso em: 03/09/2024.

DORRICO, Trudruá. **Eu sou macuxi e outras histórias**. Ilustrações de Gustavo Caboco. Nova Lima: Editora Caos e Letras, 2019.

DORRICO, Trudruá, NEGRO, Marcelo. **Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena**. Organização por Trudruá Dorrigo e Mauricio Negro. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.



FANELLI, G. C. R. **A Lei 11.645/2008: a história de como a temática indígena passou a ser obrigatória nas escolas brasileiras**. 1ª Ed. Curitiba: Appris, 2021.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **O Rio de Janeiro continua índio**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff de; et. al. Rio de Janeiro: Histórias concisas de uma cidade de 450 anos. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação, 2015, p. 36 - 48.

GRAÚNA, Graça. 2012. **Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto**. Educação & Linguagem, São Paulo, 15 (25): 266-276.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal**. Agência de Notícias IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-d-eles-vive-na-amazonia-legal>. Acesso em: 09/12/2024.

KAMBEBA, Marcia Wayna. **O lugar do saber ancestral**. 2. Ed. São Paulo: UK'A, 2021.

_____. **Saberes da floresta**. São Paulo: Jandaíra. 2020.

_____. **Ay Kakyri tama: eu moro na cidade**. 2. ed. São Paulo: Polén, 2018.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?**. Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 38–68, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445>. Acesso em 25 de novembro de. 2024.

KRENAK, Ailton. **Discurso na Assembleia Constituinte**. Disponível em: https://youtu.be/TYICwl6HAKQ?si=_dGqGBlu2zIYsPBu Acesso em: 22/08/2024.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOPES DA SILVA, Aracy. **Mitos e cosmologias indígenas no Brasil: breve introdução**. In: Índios no Brasil. Grupioni, Luís Donisete Benzi (org.). São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MACEDO, Valéria de. **Aldeias, Palavras e Mundos Indígenas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019. 24 p.

MELO, Erick Silva Omena de. **Turismo Sustentável em Áreas Indígenas: Uma Alternativa para a Aldeia Guarani Araponga no Município de Paraty/RJ**. monografia, turismo, Rio de Janeiro , 2005.



MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro**. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

PACHAMAMA, Aline. **Boacé Uchô: a história está na terra**. Rio de Janeiro: Editora Pachamama, 2020.

SILVA, A. **O grafismo e significados do artesanato da comunidade guarani da linha gengibre**. Monografia (Graduação em Licenciatura Indígena Intercultural do Sul da Mata Atlântica). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, Edson Hely. Sociodiversidades indígenas: desafios do tempo presente para o ensino em História. **SÆCULUM–RevistadeHistória**. v.26, n.45. JoãoPessoa,p.203-215,jul./dez.2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/60382/34874> . Acesso em: 20/08/2024.

SILVA, Rafael Freitas da. **Rio antes do Rio** . Rio de Janeiro: Babilônia, 2019.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Xilografia de Regina Drozina. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2018.

TRISTAO, Cláudia Roberta Yumiko, BEINEKE, Viviane. **Vozes Mbya-Guarani na Educação Musical Escolar: Em diálogo com os Mbya-Guarani do tekoa Itaty Terra Indígena Morro dos Cavalos, Palhoça – SC**. São Paulo Hucitec, 2023.

WASSU, Ellen Lima. **Yby kûatiara: um livro de terra/Ellen Lima Wassu**. Cotia: urutau, 2023.

Sites:

Funai:

<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/cultura-a-musica-nas-tradicoes-indigenas>

Museu da Imagem e do Som/ SC:

<https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/mis/casa-de-ideias>





PREFEITURA
RIO

Educação